UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

ECOLOGIA

IVY DE FREITAS AMATO

Uma Perspectiva Fenomenológica Para: "O QUE É O ANIMAL NO CIRCO?"

Rio Claro
2010

IVY DE FREITAS AMATO

UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA PARA: "O QUE É O ANIMAL NO CIRCO?"

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Normanha Lima

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Ecólogo.

Rio Claro
2010

574.5 Amato, Ivy de Freitas
A488p Uma perspectiva fenomenológica para:"O que é o animal no circo?" / Ivy de Freitas Amato. - Rio Claro : [s.n.]. 2010
177 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão (Ecologia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Luiz Augusto Normanha Lima

1. Ecologia. 2. Doma. 3. Legislação ambiental. 4. Relação homem-animal. 5. Cultura. 6. Crueldade. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico esse trabalho à alguns amigos:

Em primeiro lugar, ao Guizmo grande amigo que faz muita falta, e aos outros que não estão mais comigo: Willy, Princesa, Miu, Que-qué, Jerry, Frajola, Sapeca, Tico, Tica, Báskara, Marrie, Zion, Vagabundo, Panqueca, Pandora, Toda-torta, Clara.

Aos amigos: Baguera, Bibi, Galileu Galiléia, Lilica, Punk, Sput, Troço, Maska, Macuna, Gavi, Nosferatu; Gente-fina, Chiquinha, Coquinha, Indivíduo, Atreiu; Kirombozi, Pretória e suas filhas; e ao bando de morenas e ruivos com quem convivi intensamente.

Por fim, mas não menos importante, dedico o esforço desse trabalho àqueles que estão sempre do meu lado, em todos os momentos, bons, ruins (e "tccísticos"): Myketo, Fiapo, Ricardinho, Gema, Açúcar, Xadrez, Pitica. Meus amigos mais próximos.

Agradecimentos

A Jah, por me confiar essa missão importante.

Aos meus pais, pelo patrocínio e socorro em muitas de minhas crises e acidentes e minha Vó Tereza, que sempre me deu seu amor incondicional. Neste ponto incluo a minha Vó Dolores, por me levar para a Europa em uma viagem que mudou minha visão de mundo.

Agradeço muitíssimo ao Luiz, meu orientador e anjo da guarda, pela paciência e ajuda em todas as horas, e principalmente por me ajudar a realizar um sonho: trazer o Circo para dentro da Unesp.

Falando em Circo, agradeço à Revelia, que está comigo o tempo todo, me dando força pra eu terminar esse curso e seguir a vida.

E falando em Revelia, agradeço muitíssimo à Corolida. Não sei o que seria de mim sem ela! E não menos importante, quero agradecer à Pituxa, pela irmandade, à Laura, pelo apoio dessa linda mulher, à Laurinha, pelos sorrisos e amizade, .à Laurocas pelos cuidados de mãe e problemas de filha. Serei eternamente grata...

Agradeço à Alethea, por muitas coisas, mas principalmente por me ensinar e me incentivar a aprender e treinar malabares.

Ainda pelo Circo, agradeço ao Xixi por me incluir em sua primeira idéia de Circo na Unesp, me ajudando a montar o projeto que se tornou a prioridade máxima da minha vida, o Circo na Unesp, e com relação à esse projeto, agradeço o Thunder pela parceria, pela companhia e monitoria com nossas “centenas” de crianças malucas. Já que estou falando do Circo, não posso deixar de esquecer de lembrar de agradecer o Paulão, nosso querido gigante que traz a noite, por todos os empecilhos e dificuldades que vem me causando desde 2005, me mostrando assim,

desde cedo, que na vida nada é fácil, fazendo com que eu me acostume com as adversidades que sempre irei encontrar no mercado de trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos meus queridos companheiros de classe, a turma de 2004, a mais legal de todas dos últimos tempos!! Dentre eles, preciso ressaltar o Chewbaquinha, o Abelhinha, o But, a Nati, a Jú e a Bia, grandes companheiros de trabalhos, baladas, Mario Kart, noites em claro e grandes inspirações! (entre outras viagens)

Dentre meus colegas, uma merece um parágrafo especial, a Meire, se não fosse por ela, não teria me formado nunca, me deu ânimo para continuar o curso e me ajudou com todas as dúvidas que surgiam durante as aulas.

Falando em colegas e amigos que me ensinaram muito, agradeço aos meus companheiros de Repúblicas das Conchas, e das Brisas... e por falar em Repúblicas, foi frequentando muitas delas que eu mais cresci academicamente e individualmente, e tenho muito pra agradecer, dentre elas em especial: à Pasárgada, pela acolhida, à Caenga, pelas viagens artísticas com sprays e cogumelos, à Uraricoera, por nosso querido ecótono, madrugadas, cafés e conversas.

Aos amigos que tiveram paciência comigo durante o processo desse TCC, me acompanhando de perto e ajudando em adversidades: a Anzol e o Mariano, a Surama, a Mi e o Matheus.

Aos veteranos: Murilo, Bito, Mau, Léu, pelos trabalhos, campos e estágios muito úteis na minha formação e dedicação à ecologia. E aproveitando, agradeço ao Gaúcho pelo emocionante e transformador trabalho que nos incentivou a fazer com os leões do Simba.

Aos homens da minha vida, primeiro o Omelete, que me mostrou o que é ser um verdadeiro Ecólogo, me ensinou muito, inclusive como ter seriedade no trabalho mantendo um grau saudável de loucura. Agradeço e me desculpo, hoje sei a tensão que é escrever um TCC, não fui uma boa companheira.

E falando em homens, impossível deixar de agradecer especialmente ao Paulo Ricardo (meu príncipe encantado montado e um Jeep verde) por seu “olhar 43” (hehe), e ao Linho, por todas as tardes com suas poesias que me cativaram

como à uma raposa, por salvar minha vida e me mostrar que o mundo ainda vale a pena. Ao Loló agradeço pelos grafites, pela loucura, pelos chás, flores e genipapos, pelos desenhos à duas mãos de madrugada e muitas outras maluquices artísticas. Agradeço então, muitíssimo ao Xororó, meu melhor amigo, salvador dos meus problemas e responsável por boa parte deles, um amor eterno, patológico, incurável, irremediável, impossível, com quem dividi sonhos e magias inesquecíveis.

E finalmente mas não menos importante, agradeço à todas as pessoas que se dispuseram a doar seus discursos para que esse trabalho pudesse ser realizado.



♥

♥ Campanha Publicitária Espanhola, disponível em www.pea.com.br, em 01 de setembro de 2010.

Resumo

A relação do homem com o planeta tem sido cada vez menos simbiótica e harmônica, bem como sua interação com os outros animais com quem o dividimos, que na maioria das vezes se reduz a dominação, ora de pragas, ora para alimento, companhia, trabalho ou lazer. O Circo surge através destes últimos, principalmente para exibições principalmente de feras, e sobre cavalos, que foi se enriquecendo com os saltimbancos, palhaços e acrobatas, ganhando cada vez mais um corpo de espetáculo mais unificado em todas as partes do mundo, sendo que atualmente, boa parte dos circos não tem animais, seguindo essa tendência, tramita no plenário o PL 7291/06, que proíbe a presença do animal no Circo. Nesta situação, o presente trabalho trata-se de uma perspectiva fenomenológica em que o fenômeno é o animal no circo estando situado através da perspectiva dos ativistas do direito dos animais. Através da análise ideográfica e nomotética dos discursos recolhidos, pode-se perceber a ausência de discordância. Todos os ativistas disseram que animal não deve estar no Circo. A maior parte das concordâncias cita crueldades que envolvem as técnicas de doma, cita que o melhor destino para esses animais seria ONGs especializadas para seu abrigo, e também apresenta falta de conhecimento de Circos Nacionais em geral, com e sem animais, suas tradições e características, bem como aparentam desconhecer a ecologia e biologia dos animais envolvidos.

Abstract

The relationship between humans and the world around is getting less symbiotic and harmonic, so as with the other animals we share the planet with, mostly about domination of plagues, domination for food, company, work or fun. This last both are responsible for the beginning of the Circus as we know, with the exhibition of wild animals and horses, and have been increased with clowns, acrobats, and jugglers, street artists, getting to be one unified show all around the world, which most of them don´t have animals. Following this tendency, the PL 7291/06 is on process on the plenary assembly to forbidden the animals inside Circus. In that matter, this work is a Phenomenological perspective of the phenomenon Circus's animals sited beyond the animal rights activists perspective. The Ideographic and Nomotetic analysis of the activist's speech realize that is no discordance between then. All the speeches agrees that the animal must be out of the circus, and most of them agrees about the cruelty involving the animal´s domination, about that ONGs should be the better destination for this animals, and they shows lack of knowledge about the Brazilian Circus, with or without animals, their traditions and characteristics, so as the lack of knowledge about de ecology and biology of the animals involved.

Sumário

Mundo Vida *9*

Pré Reflexão *12*

O Grande Circo Ecológico da Vida **13**

Ecologia e Cultura 15

As origens do Circo 18

Domando feras 34

Consequências da doma 38

A percepção dos domadores e circenses 39

Seleção de notícias que envolvem animais circenses 45

Ecologia do bicho homem **64**

O que é um homem diante do infinito? 64

O homem e o mundo 68

O homem e os animais 81

Legislação *96*

PL 7291/2006 ..... **96**

PL 2875/2000 ..... **98**

Situando o Fenômeno *105*

O Estudo da Estrutura do Fenômeno Situado **107**

Interrogação *110*

Metodologia *111*

Análise dos dados *115*

Análise Nomotética *147*

Construção dos Resultados *166*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: *169*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA *175*

Mundo Vida

Literalmente, uma “metamorfose ambulante”.

Mudando de idéia o tempo todo, quero tudo, o mundo todo, aprender tudo, conhecer tudo, ver, experimentar. Dentro de mim, sou muitas. Questionadora, idealista, artista, jardineira, criança, palhaça, cientista, ... ecóloga... (?) Se fosse um animal, seria um bicho forrageador coletor. Disperso sementes e vivo atrás de vegetais e coisas possíveis de se coletar. Não predo, por isso acho injusto com a vida que foi assassinada que a coma sem ter feito o menor esforço energético para isso.

Cultivo sementes, plântulas, mudas...

Respeito todos os animais que vivem ao meu redor, cultivo as relações ecológicas organicamente.

Acredito na conexão entre nós e a natureza, junto à todo o cosmos, num misto de energia em constante movimento e renovação. Deus, pra mim, não é à imagem e semelhança de um homem velho, de olhos azuis, barba branca e túnica, sentado numa nuvem. Jah, Jeová, Javé, Deus, God, Ele, pra mim pode ser entendido por um gráfico senóide, na sua forma mais pura e intensa, mas claramente representado por um leão, em perfeita harmonia com seu ambiente e todas as vidas ao seu redor.

Não consigo, ver um animal tão poderoso, tão imponente, tão forte e importante para o mundo, enjaulado, sem dentes, sem unhas, muitas vezes sem juba! Submetendo-se a um bando de fracos macacos pelados, que gradualmente perderam suas presas, pêlos ou proteções naturais. Penso que, enquanto ecóloga, é uma obrigação mudar essa situação. Esses animais merecem dignidade e respeito. Eles tem direito à saúde e à felicidade.

Acredito no valor da vida. Todas elas, e por isso não aceito essa visão de que o homem é mais importante do que todos os outros animais. Todo organismo é

um templo, que deve ser cultivado e respeitado como tal, em suas vontades, medos, instintos, necessidades. Merece conforto e felicidade. Sim, porque acredito que tudo que respira, que realiza reações metabólicas, sente e pode ser feliz. E se pode, deve. Toda vida é sagrada. Do menor musguinho que vive embaixo de uma pedra no fundo de uma caverna, até as grandes árvores, do maior dos predadores aos pequenos mamíferos, da grande águia ao pequeno beija-flor, dos numerosos besouros à menor das formigas...

Sinto, sinto muitíssimo ser humana. Fazer parte dessa espécie destruidora, gananciosa e imediatista que é o *Homo sapiens*, com tantas espécies no mundo, todas vivendo em harmonia, dividindo o planeta e fortificando-o. E eu, eu nasci parasita. Mas não me sinto parasita, e gostaria de reverter essa situação, fazer com que a nossa espécie se adapte às necessidades e capacidades do mundo. Quero consertar a besteira dos outros que são mais “humanos” do que eu, e fazer as pazes com o natural, devolver para os outros habitantes desse planeta, seu espaço o mundo.

E não só por ser humana, e por ser ecóloga, além de ecochata e ecologista, mas por ser artista. Trabalho com a arte circense há 5 anos, e com a arte do clown há 11 anos e acredito que o circo não deve ter animais, que o picadeiro é um espaço de superação do homem com seus próprios limites, desafiando a força da gravidade e emocionando o público com o mais sublime dos grotescos, mas em contraponto compreendo toda uma história de tradições envolvendo o trato e exibição de animais. O circo, assim como o planeta e assim como minha cabeça, é um amontoado de contrapontos, incoerências, aglomerados históricos em constante evolução.

Estamos agora, muito lentamente sofrendo a seleção natural; catástrofes, guerras, doenças, etc. O homem, ao instintivamente sentir que tantos anos de evolução o estão conduzindo rapidamente ao caminho mais curto rumo à extinção em massa, desespera-se e, em sua prepotência de considerar-se sempre certo, nunca errado, e destrói quem o está ameaçando: A Vida, sem se perceber como parte inseparável desta. Do homem que toma consciência disso, surge o discurso ambientalista. E por acreditar nisso dedico-me na arte-educação circense, trazendo

às crianças a luz da reflexão sobre suas atitudes, enquanto Clown, investindo na formação do indivíduo enquanto cidadão.

Na graduação em Ecologia, procurei em diversos meios uni-la à arte circense, e assim o faço ao investigar sobre os animais de circo, entendendo ecologia enquanto a relação dos seres com o mundo, desta forma, procuro investigar sobre as relações do homem com os animais, no ambiente circense.

Assim, penso no conflito dessas relações no ambiente circense, minha área de atuação. Na utilização dos animais no circo, como se fossem máquinas, objetos, que não sentem. Em desde quando e por que estão no circo, e o que fazem lá?

Os animais são mais do que os humanos os julgam ser, muito mais próximos e semelhantes, mas o homem tem se distanciado muito dos outros animais. Acredito que é preciso um olhar atento às origens animais do ser humano, de cada um individual, para que percebamos que somos insignificantes e fracos enquanto indivíduos, e toda essa evolução tecnológica, só é real se for considerada no âmbito da espécie, porque individualmente um homem raramente é capaz de produzir energia e construir todas as ferramentas que costuma utilizar, mas que não são necessariamente essenciais para a vida saudável e satisfatória.

As inquietações se baseiam nas relações existentes nos conceitos de ecologia, as interações do animal homem com o meio e com os outros animais. Porque o homem, de modo geral tende a escravizar o outro? Tanto entre os próprios seres humanos quanto com os outros animais. Porque o homem se julga um animal superior na possibilidade e “direito” de escravizar, subjugar e abusar dos mais fracos? (ou menos poderosos).

Pré Reflexão

Como este trabalho se propõe à investigação da presença do animal no circo, há uma série de conceitos que estimularam as reflexões que proporcionaram sua existência.

A princípio, o que é o circo? Porque há animais no circo? E já dentro do ambiente circense, as reflexões se baseiam nas relações do homem com os animais: na doma, na exibição dos espetáculos, nas crueldades ao subjugá-lo pela força artificial de armas, ferramentas e correntes. Relações que estão dentro de um grupo maior, aquele que abrange todas as relações do ser humano: com membros de sua espécie, com outras espécies e com o ambiente do planeta terra, incluindo o impacto da Cultura humana nestas relações, sendo o Circo uma manifestação milenar da Cultura de populações humanas espalhadas por todas as partes do mundo, e que afeta diretamente a vida de diversos animais. Mas quando se trata de relações entre espécies, e delas com o meio, chegamos à base: a ecologia.

Assim, é preciso entender um pouco do que é ecologia, refletir sobre as relações humanas, conhecer o circo, e entender a presença do animal no circo. Logo, sigo dividindo os assuntos:

O Grande Circo Ecológico da Vida

> *"A palavra Ecologia é derivada do grego "oikos", que significa "casa", e "logos", que significa estudo. Portanto, o estudo da casa ambiental inclui todos os organismos dentro dela e todos os processos funcionais que tornam a casa habitável"* (ODUM, 2007). [1]

Respeitável público! Senhoras e Senhores! Crianças e "*crianços*"[2]!

Tenho o orgulho de lhes apresentar... *(rufo de tambores!)...* o Maior Espetáculo da Terra! E no centro do picadeiro está ele! ... A estrela de nosso espetáculo! ...*(rufo de tambores!)* O Planeta Terra! Seu anfitrião dessa noite!

Apresentando para seu deleite e alegria, ao som da música das Combinações Químicas: Números de Equilíbrio Ecológico no Arame! De Malabarismos Continentais! Contorcionismos Evolutivos! E a incrível doma do animal mais feroz do Planeta: o bicho humano!

...

Quem já assistiu um espetáculo circense maravilhou-se com números que desafiam a Natureza, alcançando o impensável em contornos de corpos perfeitos a balançar nos trapézios, equilibrar-se sobre bolas e facas (ou mesmo uns sobre os outros!), pular inimagináveis alturas em piruetas, ou jogar muitos objetos para o ar ao mesmo tempo sem derrubá-los, uma demonstração clara de destreza que, como as outras, desafiam a gravidade, os limites do corpo e algumas vezes, desafiando até mesmo a morte. E, neste mesmo espetáculo, também pôde deparar-se com inacreditáveis números de mágica, nos quais mulheres belíssimas flutuavam ou eram serradas ao meio, ou como os palhaços que, exagerando defeitos e deformando o corpo, trazem relaxamento e reflexos, nas suas entradas em sutil e divertida crítica social.

---

1 ODUM, E. P. BARRETT, G. W. Fundamentos de Ecologia. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

[2] Cumprimento Tradicional dos Palhaços no início dos espetáculos circenses.

Assim como na vida, tudo no espetáculo circense é absolutamente falível, a qualquer momento, em uma fração de segundo um trapezista pode voar longe, um equilibrista pode despencar, um domador pode ser engolido pelo leão... O circo figura-se como uma metáfora perfeita de nossa casa habitável (*oikos*), pois tem em si todas as qualidades e características a representam. Da composição do espetáculo à manutenção do mundo circense, tudo depende de seus habitantes que, itinerantes, vagam pela incerteza do mundo superando suas adversidades.

A magia que agrupa e reagrupa os ordenadores simbólicos do mundo circense são constituídos por dois ícones centrais: o acaso – sua imprevisibilidade-, e a incerteza – seu movimento, errância. O circo também reúne sob um mesmo espaço dois pólos distintos, a saber, o grotesco e o sublime.[3](ANGELO, 2009)

E oscilando entre estes pólos, o corpo humano coloca-se como fundamento, extremamente hábil e treinado para tais atividades, porém com plena consciência da possibilidade do fracasso, que pode se dar em qualquer espetáculo, independentemente de todo treino e de toda perícia. O corpo que vivencia tal situação é um organismo vivo, que desafia seus próprios limites, que não se diferenciam entre a vida e o espetáculo, desafiando as leis da física.

Logo, o ambiente circense, apresenta-se como forma de conexão homem-natureza, a partir da a contemplação da natureza no homem e da sua relação com ela, a natureza, na globalidade, estimulando o ser individual a esta sintonia à medida que busca remeter aos sentidos primordiais da terra e à exploração das possibilidades do corpo humano.

A proeza delimita o extraordinário. A educação corporal dos artistas de circo induz à realização de atos irreconhecíveis no cotidiano. Estes que, apesar de seu extremo requinte técnico, visam a exploração de sentimentos e emoções do público, apresentando uma seqüência de números e atrações que alternam sensações diversas: o medo, a admiração, a alegria, a angústia, o espanto, o terror e o despontar da morte em sua real possibilidade. (ANGELO, 2009)

---

3 Fábio Henrique Bartolomeu Angelo. Corpo e Subjetividade: um estudo sobre o processo de criação na Escola Nacional de Circo/FUNARTE. Dissertação de Mestrado em Educação. Julho, 2009. (p.13)

Assim como tudo nesse planeta está constantemente passando por processos de evolução, o circo, esse espetáculo tradicional, familiar, composto de palhaços, trapezistas, mágicos e domadores, que povoou a infância de muitos e ocupa espaço na memória nacional, passa por constante mudança, seguindo o seu curso evolutivo.

Portanto, o circo que conhecemos hoje é fruto da evolução da arte circense.

Ecologia e Cultura

A ação humana no meio natural é tão antiga quanto sua existência na Terra, uma vez que a natureza é indissociável das manifestações culturais na história da humanidade

Pode-se chamar de Cultura a intervenção humana na Natureza de modo que, a rigor, a palavra cultura tem por significado o cultivo, que pode se traduzir no cuidado do homem com a vida, uma vez que, diante desta perspectiva, a cultura engloba inclusive a moral (quando se trata dos costumes da sociedade), a ética (a conduta e o caráter das pessoas através da modelagem do seu *ethos* natural pela educação) e a política (as instituições humanas, o poder e a participação do cidadão nas decisões do Estado). (GONÇALVEZ, 2008)

Porém, após o século XVIII, Cultura ganha um novo sentido, passando a significar os resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, de seu trabalho e de sua sociabilidade, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. (CHAUÍ, 2003, p.48).[4]

---

4 CHAUÍ, Marilena. Natureza, cultura, patrimônio ambiental. In: DUARTE, Ana Lúcia (coord.). Meio ambiente: patrimônio cultural da USP. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Comissão de Patrimônio Cultural, 2003.

Assim, no decorrer da história humana, há grandes mudanças de conceitos sócio-culturais e de concepção de mundo, trazendo uma devastadora consequência ao meio natural.

O conceito que temos, enquanto pertencentes à espécie humana, de natureza, não é o próprio natural, mas uma construção social que foi criada pelo homem. Todas as culturas instituem uma determinada idéia de natureza, em cada sociedade, o que é a base para o portar-se dos cidadãos em relação ao mundo natural.

Dentre as populações indígenas, por exemplo, o conceito cultural de natureza, apresenta o ambiente natural provedor da vida como um empréstimo à espécie humana, devendo portanto ser preservado para que, no momento da morte, seja possível devolvê-lo assim como o encontrou. Uma visão não antropocêntrica e extrativista consumista de vida, como acontece atualmente com as sociedades que mantém uma visão cultural capitalista.

Na sociedade Ocidental, por exemplo, essa relação é bem diferente, a cultura é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza, que é vista como um recurso da qual pode-se extrair indeterminadamente matéria prima para que possa ser valorada e transformada em capital. Já no Oriente, monges meditam buscando a integração do homem com a natureza, e vivem segundo regras de respeito, união e harmonia. (op.cit.)

E se a investigação cultural de conceitos de natureza e suas posturas associadas continuar em todas as partes do mundo, será possível somar-se diferentes visões do mundo natural, bem como diversas atividades da cultura humana relacionadas a intervenções no meio ambiente e seus habitantes. Dentre tantas, uma manifestação cultural que será certamente observada em todos as sociedades humanas, em cada canto do mundo, é o circo.

O Circo é um movimento cultural antigo, uma das mais antigas manifestações artísticas da história da humanidade e que está em constante renovação. As artes circenses surgiram quase simultaneamente em diversas partes do mundo, e tomaram forma como a conhecemos hoje a partir da reunião de diversas manifestações culturais tradicionais de cada localidade.

O Circo tem o poder de colocar o homem “cara-a-cara” com a Natureza, com as forças do mundo, oscilando entre o impossível e o improvável. Desafiando cultural e fisicamente os limites naturais.

A própria evolução histórica do circo serve para explicar as relações do concreto com o abstrato nas interlocuções do indivíduo com o coletivo. Espaço fantástico de expansão do lúdico, o circo está simbolicamente associado à capacidade que uma determinada sociedade tem de se relacionar com o seu imaginário, de transformar conflitos em ações e significados que justifiquem seu futuro. Personagens pertencentes ao cenário da imaginação coletiva estão sempre lá nos picadeiros, a trazer ilusões, proporcionar catarse e fantasia ao público.

Uma vez relacionados circo e vida, podemos, também, estabelecer paralelos entre os personagens do picadeiro e os sujeitos do mundo. Cada qual com suas peculiaridades e especificidades, marcados pela atemporalidade em suas concretudes espaciais.

O circo é nômade no processo criativo, arte perambulante que absorve um pouco de cada local que passa, sendo assim construído através do processo. Suas bases foram sempre e progressivamente reformuladas dando origem ao que conhecemos hoje por: Circo, uma modernizada forma de antiqüíssimos entretenimentos de diversos povos e culturas.

As origens do Circo

“Hoje tem goiabada?
Tem, sim senhor.
Hoje tem marmelada?
Tem, sim senhor.
E o palhaço, o que é?
É ladrão de mulher!”[5]

Música, cores, alegria!

As pessoas correm às ruas para prestigiar a chegada dos artistas. Uma fila de coloridas carroças puxadas por cavalos desfila lentamente pelas ruas, em meio a pernas-de-pau, monociclos, palhaços, malabaristas e equilibristas, acompanhados pelos olhos atentos da multidão. O característico som do rugido dos leões, os gigantes elefantes balançando suas trombas, os pacatos camelos mascando e os agitados macacos gritando anunciam: “O Circo chegou na cidade!”

Um terreno baldio vira sede momentânea do fantástico. Os trailers são cuidadosamente posicionados, homens e elefantes trabalham para erguer a lona e todos os artistas se unem na montagem do picadeiro, bem como nos carrinhos de pipoca, algodão-doce e maçã-do-amor. E abrem-se as portas do mundo da fantasia.

O tradicional cheiro da serragem no chão, a lona sobre a cabeça dos espectadores, a platéia sentada nas arquibancadas, olhos voltados para o picadeiro: "O maior espetáculo da Terra vai começar!"

As luzes se acendem e nesse templo ambulante chamado circo, um misto de arte milenar e ritual religioso vai começar: Palhaços, mágicos, bailarinas, equilibristas e contorcionistas se sucedem. Os trapezistas causam suspense e emoção. Depois é a vez dos domadores de animais. Cavalos, elefantes e cachorrinhos amestrados dividem espaço com furiosos leões pulando entre arcos em chamas, ursos que dançam balé e chimpanzés fazendo malabarismos sobre bicicletas e monociclos.

---

[5] Versos tradicionais dos Circos Nacionais.

Os animais estão presentes no ambiente circense desde seu início, há pinturas antigas encontradas em pirâmides do Egito, datadas de 2.500 anos antes de Cristo, que retratam animais ferozes sendo domados. No antigo Egito, as feras amestradas eram exibidas em desfiles militares. Na Índia, na mesma época, contorcionismo e saltos mortais faziam parte de espetáculos sagrados, mas na China existem pinturas de mais de cinco mil anos mostrando acrobatas em ação. Frente à esse registro, os chineses clamam para si a maternidade do movimento circense, argumentando que a arte acrobática é tão antiga quanto a sua música, a sua dança e o seu teatro. (BOLOGNESI, 2003)

A história da China antiga contempla a acrobacia em sociedades primitivas em um torneio chamado "A batalha contra Chi-hu" (Chi-hu era o nome de um chefe de tribo). Os participantes usavam adornos de chifres nas cabeças e encenavam uma batalha, arremetendo-se uns contra os outros em grupos. E foi só na era do imperador Wu, da dinastia Han (220-206 aC.), transformou-se e passou a chamar-se Pai-Hsi (os cem espetáculos).

Ainda na China, já no ano de 108 a.C., houve uma grande festa palaciana em homenagem a visitantes estrangeiros, que foram recepcionados com apresentações acrobáticas tão surpreendentes que, desde então, o imperador decidiu que todos os anos durante o Festival da Primeira Lua, seriam realizados espetáculos do gênero. E assim aconteceu, a cada ano os programas foram enriquecidos com novos números: equilíbrio sobre a corda bamba, sobre as mãos e sobre a prancha. Malabarismos, Danças, Magia, Engolidores de espadas, e também de fogo. Números que se conservam até hoje em todos os circos, e com uma espiada ao contemporâneo, a China é pátria de um dos mais importantes circos do cenário mundial: O Circo Imperial da China, onde se apresentam os melhores artistas da China, recrutados e treinados desde pequenos para compor a magia do espetáculo. Quase tão antigo quanto a própria China, o Circo Imperial não utiliza animais em suas apresentações, a doma não representava o movimento cultural dessa sociedade. (BOLOGNESI, 2003)

Em contrapartida, na Grécia antiga os homens reuniam-se em grandes arenas circulares para exibirem habilidades extraordinárias, corpos perfeitos e esquetes teatrais. Os espetáculos começavam com uma procissão solene e

apresentavam cortejos que celebravam a volta das guerras, com o desfile de homens fortes conduzindo os recém escravos vencidos e uma série de animais exóticos, que demonstravam o quão longe os generais vencedores tinham chegado. O deus do teatro, da arte, da alegria, do vinho, Baco (ou Dionísio), era festejado em luxuriosos bacanais, onde os corpos eram valorizados e desdobrados em diversas atividades. As práticas gregas eram essencialmente teatrais e esportivas, mas sua combinação nos remete ao formato do circo atual, podendo ser um de seus antecessores evolutivos que, em paralelo evoluíram também para o que chamamos de Jogos Olímpicos, sempre em constante diálogo com sua vertente circense.

No Império Romano, as práticas gregas tomaram novo impulso, o Circo como conhecemos hoje já existia em Roma 200 anos antes de Cristo. O circo romano era composto por três partes: a Arena ou Pista, o Anfiteatro ou Arquibancada e as Cavalarias. Os espetáculos se resumiam basicamente em corridas de carros puxados por dois ou quatro cavalos e em combates entre gladiadores, homens com animais ou animais entre si. A palavra circo vem do latim *circus*, que significa "o lugar em que as competições se desenrolam". (BOLOGNESI, 2003)

Em Pompéia, 70 anos antes de Cristo, havia um enorme anfiteatro destinado a exibições de habilidades incomuns, mais tarde classificadas como circenses.

Depois veio o Circo Máximo de Roma, que foi destruído em um incêndio pavoroso, causando tanto desgosto que só muito depois foi reconstruído, 40 a.C., por ordem de Júlio César, que o transformou num monumento espetacular de três andares, com pórticos e colunas. Ali cabiam 87 mil espectadores, circundando uma arena de 200m de comprimento por 187m de largura, até uma altura de 53m. Uma obra com a marca típica do poder do Império Romano, cujas ruínas ainda hoje são um cartão postal, onde eram apresentadas muitas excentricidades, como: homens louros nórdicos, animais exóticos, engolidores de fogo, gladiadores, negros africanos, entre outras.

E o Império Romano entrava no primado do pão e circo. Do latim pane *et circensis*, significa que os governantes proporcionam aos cidadãos alimento e divertimento, promovendo uma espécie de anestesia da consciência política das massas, a fim de ter poder absoluto sobre eles, pois a função do circo, desde seus

primórdios, é divertir a população e, quando isso acontece, inquietudes são acalmadas e pode-se impedir que atos revolucionários aconteçam, assim, o espetáculo era gratuito, promovido e subvencionado pelo poder dirigente. (BOLOGNESI, 2003)

Com a expansão do Imperador Nero de Roma, entre 54 e 68 d.C. houve a captura de milhares de prisioneiros, e nesta categoria incluo também os animais capturados e transportados de seus habitats para serem objeto de curiosidade, pavor e entretenimento. Na arena desses estádios, os cristãos considerados inimigos do império romano, eram atirados às feras, o espetáculo circense que seguia o limiar do lúdico, foi substituído por batalhas sangrentas. Isso provocou uma queda no interesse da população pelas artes circenses, que se prolongou por algum tempo. (BOLOGNESI, 2003)

Mas aos poucos, a vontade de diversão foi se reinventando em feiras populares e praças públicas, onde encontravam-se barracas exibindo fenômenos, habilidades incomuns, truques mágicos, malabarismos, além de exibições a cavalo, combates simulados e acrobacias. E os artistas de todo o continente europeu que haviam caído na clandestinidade, desalojados dos grandes anfiteatros, formaram uma nova vertente, os Saltimbancos. Eles percorriam a Europa, de cidade em cidade, especialmente na Inglaterra, França, Espanha e Itália. E foi nesta última que surgiram os tipos e bufões, apresentando a Commedia dell'Arte, gênero que resgatou no circo a comédia e a linguagem teatral, que sempre esteve presente na construção do circo.

> *"O circo, assim como outras formas de festas culturais, consagra-se pelo estreito vínculo com as manifestações populares, das ruas, das praças e das feiras ambulantes, e em especial com o espírito cômico desse ambiente". (ANGELO, 2009)*[6]

No século XVIII, verdadeiras companhias especializadas em provas eqüestres, começaram a se desenvolver na Inglaterra, França e Espanha. Nos grupos de Saltimbancos que percorriam a Europa inteira, já eram freqüentes as exibições de destreza a cavalo, combates simulados e provas de equitação. O

6 Fábio Henrique Bartolomeu Angelo. Corpo e Subjetividade: um estudo sobre o processo de criação na Escola Nacional de Circo/FUNARTE. Dissertação de Mestrado em Educação. Julho, 2009. (p.14)

cavalo fazia parte do contexto militar da época, além de constituir figura emblemática de poder para o público do circo, que então tornava-se uma forma de entretenimento basicamente burguês, cujo maior símbolo de valor era o cavalo, um dos animais que tomaram grande importância na história e consolidação da arte circense como conhecemos hoje.

Na segunda metade do século XVIII, um alemão chamado Beates tentou conjugar a tradição dos espetáculos romanos com o sucesso das provas hípicas. Ele construiu um circo de madeira em Paris que quase chegou a ser suntuoso.

Em Londres, por volta de 1770, o suboficial inglês e perito cavaleiro, Philip Astley (1742-1814), se inspirou em Beates e ampliou suas idéias, instando o Astley's Royal Amphitheatre of Arts, um sucesso retumbante, onde o circo tornou-se um espetáculo pago, com picadeiro onde se apresentam números de equilíbrio a cavalo e habilidades diversas. Ele deu ao circo a estrutura tem até hoje, ao perceber que é mais fácil manter-se de pé sobre um cavalo a galope, dentro de um perfeito círculo, devido à força centrifuga. Assim, surgiu o formato dos picadeiros de todos os circos tradicionais, uma arena de treze metros de diâmetro, o menor círculo que um cavalo a galope pode desenhar. (BOLOGNESI, 2003)

O anfiteatro era muito elitista, com camarotes e assentos luxuosos na platéia, em um prédio fechado, sendo pioneiro em possibilitar a apresentação de espetáculos mesmo em dias de chuva. Considerado pai dos circos modernos devido à sua grande influência, é o primeiro circo fechado de que se tem registro, onde os artistas se apresentavam para lazer da aristocracia, com o foco principal de reaproveitar soldados ingleses que se lesionavam gravemente em batalha, perdendo a utilidade para o exército inglês mas mantendo uma grande habilidade na condução de cavalos. Foi então que o domínio eqüestre passou a ser considerado uma “arte”, ao unir a força do animal à habilidade humana em apresentações desafiantes. (BOLOGNESI, 2003)

Nesta época só os nobres e militares tinham acesso à equitação e, devido a este ser um esporte nobre em uma época de rígidos direitos da nobreza, só o era acessível aos que se permitia freqüentar as altas escolas de equitação. Assim, a burguesia emergente com poder aquisitivo, tinha seus cavalos mas não tinha como aprender equitação. Este foi o público alvo de Astley, que criou um espaço público

para dar aulas de equitação e fazer demonstrações, responsável por seu tamanho sucesso. Não obstante, o circo sempre agregou valores simbólicos para sua cena, de modo que, a ação eqüestre possibilitou a montagem dos hipodramas, durante seus exercícios de cena. Com estrutura próxima ao melodrama, o cavalo possibilitou uma ação feérica com combates e galopes, enfatizando o confronto entre heróis e vilões, sob o efeito permanente da música a complementar o ambiente emocional do espetáculo. Em 1824, foi encenado o grande clássico: "A batalha de Waterloo", de autoria de J. H. Anherst e, em 1831, o Circo de Astley apresentou "Mazeppa", baseado em um poema de Lord Byron, concebido por H. M. Milner, que logo se tornou o marco dos hipodramas. (BOLOGNESI, 2003)

> *"O espetáculo do circo moderno, em sua origem, era integralmente concebido a partir do cavalo, o que motivou a expressão "circo de cavalinhos". A exibição para uma platéia mais ampla de uma habilidade cujo gosto, até então, estivera restrito à aristocracia e aos militares resultou em um certo tédio. A quebra dessa monotonia se deu com a introdução de números de acrobacias, inicialmente, e de diversos outros, em seguida todos eles oriundos das feiras ambulantes."* (BOLOGNESI, 2003, p.42)[7]

Então, ao perceber a monotonia das apresentações exclusivamente eqüestres, o espetáculo circense associou-se à diversidade da arte dos Saltimbancos errantes, uma vez que as novas regras de comercialização da economia e da cultura provocaram o esvaziamento das feiras e suas práticas culturais, disponibilizando um número razoável de artistas, saltadores, acrobatas, malabaristas, mágicos, engolidores de fogo, entre outros, o que mudou o caráter do circo do século XVIII, em um movimento contínuo de trocas e transformações.

Com a chegada dos artistas de rua e com a reformulação dos números acrobáticos não mais militares ou baseados no símbolo do cavalo, o circo passou por um fortalecimento cultural, no qual ganha um caráter espetacular, contendo como elementos chave: a habilidade corporal, o domínio do corpo e da acrobacia; o controle sobre "feras" (leões, tigres, elefantes); músicas e coreografias conferindo beleza, ritmo e eficácia ao espetáculo; a indumentária e acabamento visual, que credencia o ambiente fantástico.

---

7 BOLOGNESI, M. F. Palhaços. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

E assim como essa atividade artística nasceu da superação de limites físicos e da construção de uma arte fantástica, ela desenvolveu seu caráter subversivo, o circo saía, então dos luxuosos anfiteatros para ir ao encontro de novos públicos, em pequenas cidades, o que demandou a procura de uma estrutura que facilitasse o montar e o desmontar da casa de espetáculos: a lona, aproximando-se mais do Circo moderno. Ao sair do luxuoso anfiteatro e tomar a estrada, o circo sofreu grande influência do romantismo, conseguindo a confluência de dois de seus ideais: a exaltação do nacionalismo, e a retomada e valorização das formas populares de espetáculos. Segundo a crença romântica, aí estariam as raízes da identidade de um povo e de uma nação. (BOLOGNESI, 2003)

> *"Os românticos, por seu turno, procuraram subverter a racionalidade dos clássicos e buscaram libertar a inspiração das correntes da lógica e das técnicas de criação. Inspirados em Shakespeare, eles propuseram a imaginação, o lirismo e a liberdade criadora como norteadores da criação artística. Com isso, as barreiras entre o trágico e o cômico seriam deliberadamente abolidas e o emergente drama trabalharia com o jogo de oposições entre o riso e as lágrimas, o corpo e a alma, o homem e a sociedade etc."*[8] (BOLOGNESI, 2003, p. 44)

Naquele momento abriam-se as portas para a exploração do exótico e os olhares do Circo foram muito além dos limites da Europa. Países longínquos foram alcançados e dominados pelo explorador europeu, e a estratégia aprovada originalmente com o cavalo, estendeu-se a outros animais, especialmente aos selvagens: elefantes, leões e tigres passaram a ser o símbolos máximos do incógnito que, representava as florestas, o reino do obscuro e do incerto. Assim, partir da segunda metade do século XIX, o cavalo perdeu o seu posto de "imperador do espetáculo". (BOLOGNESI, 2003)

Mas no espetáculo que, em suas características gerais se mantém até os dias de hoje, além das habilidades, concorrem pelo menos outros oito elementos: cartazes com mensagens, propagandas, coreografia, música, indumentária, efeitos de luz, linguagem falada e animais selvagens.

O trapézio apareceu no circo só em 1850, e nove anos depois, a introdução do trapézio volante deu origem aos mais arriscados números de conjuntos de

---

[8] BOLOGNESI, M. F. Palhaços. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (p.44)

trapezistas. O circo, assim, trouxe às artes cênicas, no século XIX, a reposição do corpo humano como fator espetacular, pois no circo, o homem pode voar. (BOLOGNESI, 2003)

O primeiro país das Américas a receber a tradição circense consolidou sua característica itinerante, nos Estados Unidos, o circo viaja por distintas cidades para fazer suas apresentações, que consagraram como espetáculo, a exibição do que se considera excentricidades, como: mulheres barbadas, anões, gigantes, gêmeos siameses, pessoas muito velhas, deformações humanas e animais, e até mesmo pessoas pertencentes à tribos africanas ou indígenas, Norte ou Sul-americanos. Vale lembrar que não é nenhum pioneirismo, pois este tipo de apresentação já acontecia no Circus Maximus de Roma.

No Brasil, há registro da existência de pequenos espetáculos circenses a partir do final do século XVIII, provavelmente trazidos por ciganos expulsos da Europa. Mais tarde, no século XIX, grandes companhias européias vieram apresentar-se nas cidades brasileiras, incentivadas pelos ricos ciclos econômicos do café, da borracha e da cana-de-açúcar. Assim, artistas portugueses, espanhóis, italianos e argentinos incentivaram a formação de elencos nacionais e formaram algumas das mais importantes famílias circenses brasileiras. Em suas apresentações, esses artistas utilizavam doma de animais, números de ilusionismo, acrobacias e até teatro de bonecos. (BOLOGNESI, 2003)

A história do circo no Brasil está atrelada à das famílias circenses e, por isso é conhecido como Circo-família. A constituição e organização dos espetáculos circenses muito tem a ver com a dinâmica de seus artistas, sendo mais importante do que o conteúdo de apresentação. Muitas famílias de artistas que dedicam-se à arte circense, seguem uma organização na qual todos participam ativamente de toda a produção e gerenciamento do espetáculo. (BOLOGNESI, 2003)

> *"Mais ainda: se o espetáculo era familiar, também eram as formas de ensino e de aprendizagem. Essa prática, com o passar dos anos, consolidou algo que talvez seja típico do circo brasileiro, isto é, a idéia da tradição circense. Desde cedo a criança era iniciada nas lides circenses, de modo que sua formação (como artista e cidadão) se dava, prioritariamente, debaixo da lona. Essa formação não conduzia à especialização em um determinado tipo de número. Ao contrário, a educação no interior do circo buscava a totalidade, desde montar e desmontar da lona, até as proezas dos números artísticos. Por*

> *preferências e habilidades particulares, as famílias foram se dedicando a números específicos. Porém, mesmo nesses casos, a transmissão do saber circense incluía os ensinamentos necessários à sobrevivência do espetáculo e da família. Essa educação, que se estrutura a partir da vida prática, ainda se mantém".* (BOLOGNESI, 2003, p.47)[9]

A arte circense no Brasil possui uma grande importância no entretenimento e no movimento artístico do país, com uma rica história e longa trajetória até os dias atuais. Nas terras tropicais e no contexto histórico brasileiro, o circo ganhou uma identidade própria, à medida que este não se instalou em uma sociedade com valores aristocráticos consolidados, mesmo recebendo bastante influência do modelo europeu. Assim, um dos seus maiores símbolos, o cavalo, não teve no Brasil o sentido maior que ocupou nos circos da Europa, prevalecendo pelo contrário, a pluralidade artística dos Saltimbancos. (BOLOGNESI, 2003)

O nômade circo brasileiro encontrou, desde o início, uma sociedade refratária ao seu modo de vida. O nomadismo circense caminhava na contramão dos intentos oficiais, em um momento histórico que apregoava o enraizamento da população em sua cidade ou Estado, a fim de sedimentar uma identidade, quer seja regional ou nacional. Incomodando os intentos sedentários de uma vida imperial, e depois republicana, na tentativa de se firmar como nação. (BOLOGNESI, 2003)

Existem no Brasil três categorias básicas de espetáculo circense: o circo de atrações, o circo-teatro e o de variedades.

> *"Nas modalidades do circo-teatro e na de variedades, o circo deixa de lado o espetáculo grandioso para se inserir na vida do bairro ou da pequena cidade como uma casa de espetáculos diversos, uma espécie de "centro de atividades culturais", que apresenta arte circenses, shows musicais, shows humorísticos, peças de teatrais (especialmente comédias), shows com participação dos habitantes da localidade etc. Isso, certamente, traz ao pequeno e médio circo brasileiro um lugar diferenciado na história do circo, ou seja, ele veio suprir uma carência cultural, especialmente nas localidades longínquas, desprovidas de quaisquer iniciativas de políticas públicas de cultura". (BOLOGNESI, 2003, p.52)*[10]

---

[9] BOLOGNESI, M. F. Palhaços. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (p.47)
10 Idem ibidem. (p.52)

O Circo moderno apresenta uma nova perspectiva artística que se consolidou após a década de 30. Os artistas passaram a ser polivalentes, dominando diferentes modalidades circenses e não-circenses. Tornando o circo em uma mistura de música, dança, teatro e outras artes antigas. Trata-se, portanto, de um circo plural, com uma estética diversa, exótica e sem regras, onde o ser humano tem o papel principal, ficando os animais em segundo plano.

Pode-se dizer que essa arte acompanhou a evolução do pensamento moderno e as mudanças socioculturais, embora algumas características tenham chegado incólumes aos dias atuais. Um modelo de Circo contemporâneo que prospera é conhecido como: Circo do Homem, por envolver somente a figura humana nas performances, excluindo a participação de animais. Seu formato, ainda em processo de desenvolvimento, representa uma tentativa de adaptar as artes circenses às exigências do mercado artístico contemporâneo, de fazê-lo acessível a todos os públicos, respeitando os valores sociais, sem deixar de cumprir os objetivos primordiais do circo: proporcionar alegria, ilusão e fantasia, em favor do entretenimento. (BOLOGNESI, 2003)

Ao evoluir com o homem, o Circo se molda de acordo com as linhas de pensamento predominantes em cada época. Agora, que a ecologia trona-se assunto de discussão corrente, o trato do homem com a natureza e suas consequências geraram inúmeros questionamentos sobre a presença da figura do domador de feras. As peripécias de ursos bailarinos, elefantes acrobatas e macacos malabaristas não impressiona mais o público, já acostumado com os documentários, revistas e fotografias que mostram o animal em seu habitat, mantendo seus hábitos e ainda assim impressionando pelas suas proezas. O Circo deixou de ser a única oportunidade do público ter contato com animais exóticos, e passou a ser visto como um espetáculo bárbaro de crueldade e subjugação dos animais pelo homem (além de uma fonte de desastre em potencial).

A Ecologia e o Animal no Circo no Brasil

Substituir animais por arte é uma tendência mundial e irreversível, oriunda do grande movimento de conscientização ambiental que está ocorrendo simultaneamente em todo o planeta. O uso de animais nos espetáculos, ou mesmo a sua presença no ambiente circense, incentiva o tráfico de animais silvestres, nativos ou exóticos, estimulando a introdução de espécies exóticas no meio ambiente brasileiro, devido à fugas ou até mesmo à falta de condições do circo na manutenção desses animais, que é muito cara.

Os animais presentes no Circo brasileiro são geralmente provenientes da Ásia, Índia e dos países do Continente Africano. A entidade de Proteção dos Animais PEA estima que já somaram mais de 3.500 circos com animais espalhados pelo Brasil, mas atualmente, após anos de luta de entidades de proteção ao meio ambiente, estima-se que pelo menos 600 circos brasileiros ainda utilizem animais em seus espetáculos.

Diversas associações pelos direitos dos animais condenam e trabalham contra a presença de animais em circos, pelo motivo de os animais terem de passar pelo desconforto de viagens constantes, confinados em pequenas jaulas, além dos espancamentos e pressão por medo e terrorismo psicológico que macacos e elefantes tem de passar, tigres, leões e ursos sofrem danos físicos para aprender a se equilibrar sobre bolas ou cordas bambas, segundo o depoimento de funcionários de grandes circos. Por isso a luta para que tudo isso deixe de existir no circo atual, dando aos animais um tratamento mais humano.

A sociedade brasileira tem demonstrado muita receptividade com a idéia de abolir a utilização de animais nos Circos. Quando as pessoas tomam conhecimento dos bastidores dos espetáculos, passam imediatamente a questionar sobre o direito e a necessidade de se manter animais enjaulados e acorrentados por toda a vida.

> *"O circo não fornece ambiente adequado aos animais, que vivem em espaços muito limitados e mal-estruturados, e muitas vezes não tem alimento em qualidade ou em quantidade suficientes. Isso sem contar o*

> *constate transporte em circos itinerantes, que causa alto grau de estresse aos animais e não tem como ser minimizado."* (EDER, 20-]

Disse Ingrid Eder, gerente de campanhas da WPSA[11] Brasil à Revista Mãe Terra, edição especial sobre animais de circo. Cada animal utilizado em circo está escravizado e condenado a viver pelo resto da vida enjaulado e sendo obrigado a desempenhar um papel completamente incompatível com sua natureza,implicando em um emprego a menos para um artista desempregado ou um malabarista no farol das grandes cidades.

Ao proibir o uso de animais, mais oportunidades de empregos para artistas humanos de talento inquestionável serão criadas, a diversão continua garantida e a sociedade será mais justa, visto que o exemplo dado às crianças será de esforço e superação humana, e não mais de exploração e dominação pela força. Alguns dos melhores e mais respeitados circos do mundo, como o nacional Circo Spacial e o canadense Cirque Du Soleil, não utilizam animais em seus números, e são exemplos de que a verdadeira arte vai muito além da imaginação.

Para que os Circos, pessoas físicas ou jurídicas, mantenham algumas espécies de animais exóticos, dentre elas, o *Ursus arctus* (urso pardo), o *Elephas maximus* (elefante asiático), o *Panthera leo* (leão) e o *Panthera tigris* (tigre), algumas exigências devem ser atendidas, conforme portaria IBAMA n.º 108/94 [12], que regulamenta a manutenção desses animais. As principais são: assistência permanente de pelo menos um médico veterinário; que o animal seja sexado e marcado (microchipado); apresentação de relatório anual (atualmente também com relatórios resumidos trimestrais a serem apresentados via internet); proibição de visitação pública. Além dos recintos, que deve obedecer aos padrões exigidos para cada gênero de animal, consideradas na tabela a seguir, para os animais citados como exemplo:

---

11 Sociedade Mundial de Proteção aos Animais, uma organização não-governamental com 14 escritórios espalhados pelo mundo, sendo o brasileiro no Rio de Janeiro

12 Disponível em: www.planalto.com.br

Tabela 1: Regulamentações do IBAMA

Especificidades/Animais	Ursos	Elefantes	Leões e Tigres
Área	100 m² / 600 m³ (se arbícola)	1000 m2	60 m² / 150 m³
Abrigo	15 m²		15 m²
Tanque	15 m² / 2m profundidade	100 m² / 3m de profundidade	10 m² / 1,0 m profundidade
Área de Cambiamento	10 m²	2 x 50 m², altura mínima de 100 m	3 x 6 m²
Piso	Camada de terra de 2m, sem concreto	Areia/terra, sem concreto	areia/terra, sem concreto
Especificidades		Cambiamento em concreto. Portas de trilho reforçado.	

Além das regras citadas, o transporte desses animais apenas poderá ser feito com a obtenção das respectivas guias de transporte (GTA), devendo, os animais, estarem com todas vacinações em dia, bem como o estado de saúde totalmente perfeito.

Pela simples observação, é notório que algumas das normas básicas para se tutelar os animais não são observadas minimamente pelos Circos, especialmente no que se refere à questão de visitação pública e de padrões mínimos de recintos.

Inclusive, é proibida a entrada no país de espécies exótica sem as devidas autorizações, segundo o artigo 31 da Lei de Crimes Ambientais, assim, mesmo que filhotes tenham nascido no país, é necessário comprovar-se a origem desses animais, bem como de todos seus descendentes, pois a existência de ao menos um único animal que tenha entrado no país de forma ilegal, já enseja a ilegalidade de todos os seus descendentes. (IBAMA, 1998)

Circos estrangeiros que mantêm animais

Segue uma compilação dos principais circos do mundo que mantêm a tradição circense da doma de animais, feita a partir de uma lista elaborada pela assessoria do Ministério da Cultura Brasileiro, em poder da União Brasileira de Circos Itinerantes (UBCI).

Tabela 2: Circos estrangeiros que mantêm animais.

Pais[13]	Circo / Família Circense	Endereço eletrônico[14]
África do Sul,	Boswell Wilkie Circus	http://www.at.artslink.co.za/~circus/
Alemanha	Circus Aramannt	http://www.aramannt.de/
	Circus Barum	http://www.circus-barum.de/
	Circus Bush-Roland	http://www.busch-roland.de/
	Circus Jonny Casselly	http://www.casselly.de/2007/
	Circo e Parque Charivari	http://www.erlebnistierpark.de/
	Circus Krone	http://www.circus-krone.com/en/index.html
	Mendes	http://www.mendes-entertainment.de/
	Circus Quaiser	http://www.circus-quaiser.de/
	Circus Renz-Berlim	http://www.circus-renz-berlin.de/
	Circus Rio	http://www.circusrio.de/
	Circus Roncalli	http://www.roncalli.de/
	Circus Sarrasani	http://www.sarrasani.de/
	Circus Universal Renz	http://www.circus-renz.de/
	Circus Voyage	http://www.circus-voyage.de/
	Circus Der Zauberwald	http://www.zauberwald.de/
Argentina	Circo Hermanos Servian	http://www.circoservian.com.ar/
Austrália	Circus Royale	http://www.circusroyale.com/
Áustria	Circo Nacional da Áustria	http://www.oenc.at/
	Circus Royal	http://www.circusroyal.at/
	Circus Constanze Busch	http://www.oenc.at/
	Circus Pikard	http://www.circus-pikard.at/
Bélgica	Circus Rose-Marie Malter	http://www.circusrmmalter.com/NL/index.html
	Circus Monelly	http://www.circusmonelly.be/
	Cirque Alexandre Bouglione	http://www.bouglione.be/
Bulgária	Circus Balkanski	http://www.circus-balkanski.com/bg/
Chile	Circo Las Tachuelas	http://circo.cl/
Dinamarca	Baldoni/s Julecirkus	http://www.julecirkus.dk/

13 Devido ao hábito nômade, os circos pertencem ao mundo porém, nesse caso o país é dado como mera referência cultural, sendo ou o país de origem da família tradicional, ou pais no qual a trupe mais circula, salvo poucas exceções de grupos que mantém sede fixa em um determinado país.

14 O endereço eletrônico é o recurso mais eficiente de comunicação com os circos, graças à seu hábito nômade, sempre foi muito difícil localizá-los e consequentemente entrar em contato com eles.

	Circusteatret	http://www.cirkusteatret.dk/
	Zirkus Nemo	http://www.zirkus-nemo.dk/
	Cirkus Mascot	http://www.cirkus-mascot.dk/
	Cirkus Krone	http://www.cirkuskrone.dk/
	Circus Bella-Donna	http://www.bella-donna.dk/
	Cirkus Baldoni	http://www.baldoni.dk/
	Cirkus Arli	http://www.arli.dk/
	Cirkus Dannebrog	http://www.cirkus-dannebrog.dk/
	Cirkus Benneweis	http://www.benneweis.dk/
	Arena Cirkusland	http://www.cirkusland.dk/
Espanha	Gran Circo Mundial	http://www.grancircomundial.com/
Estados Unidos	Ringling Bros. And Barnun and Bailey[15]	http://www.ringling.com/
	Big Apple Circus	http://www.bigapplecircus.org/
	Carson & Barnes Circus	http://www.carsonbarnescircus.com/
	Kelly Miller Circus	http://www.kellymillercircus.com/
Finlândia	Sirkus Finlândia	http://www.sirkusfinlandia.com/
França	Cirque Pinder	http://www.cirquepinder.com/
	Cirque Arlette Gruss	http://www.cirque-gruss.com/
	Cirque Achille Zavatta Fils	http://cirqueachillezavattafils.wifeo.com/
	Lê Cirque de Venise	http://www.ilcircodivenise.com/
	Cirque Maximum	http://www.cirquemaximum.com/
	Cirque Rome[16]	http://www.cirquerome.com/
	Cirque Medrano	http://www.cirque-medrano.fr/
	Cirque Niglo's	http://nigloscircus.free.fr/
	Burgus Circus	http://www.burguscircus.com/
	Cirque Prein	http://www.cirque.initianet.org/
	Cirque Lydia Zavatta	http://lydia.zavatta.free.fr/
	Cirque Diana Moreno	http://www.cirque-diana-moreno.com/
Holanda	Circus Boltini	http://www.boltini.nl/
	Cirqur D'Hiver Roermond	http://www.cirque-dhiver.nl/
	Cirkus Harlekino	http://www.circus-harlekino.tk/
	Circus Herman Renz	http://www.renz.nl/
	Circus Royal	http://www.circusroyal.nl/
Inglaterra	Circus Ginnett	http://www.circusginnett.com/
	Bobby Roberts Super circus	http://www.bobby-roberts.co.uk/

15 O Ringling possui um "Centro de Conservação dos Elefantes".
16 Possui um circo-escola.

	Giffords Circus	http://www.giffordscircus.com
	Great British Circus	http://www.greatbritishcircus.co.uk/
	Santus Circus	http://www.santuscircus.co.uk/
Irlanda	Tom Duffys Circus	http://www.duffyscircus.com/
Itália	American circus	http://www.american-circus.com/
	Circo Belucci	http://www.circobellucci.it/
	Circo Embell Riva	http://www.embellriva.com/
	Circo Medrano	http://www.medrano.it/
	Circo Nando Orfei	http://www.circonandoorfei.com/
	Circo Florilégio	http://www.florilegio.com/
Japão	Kinoshita Circus	http://www.kinoshita-circus.co.jp/
México	Circus Hermanos Gasca	http://www.circohnosgasca.com/
	Circo Atayde Hermanos	http://www.circoatayde.com/
Noruega	Circus Arnardo	http://www.arnardo.no/flash/index.html
Polônia	Cyrk Korona	http://www.cyrk-korona.com.pl/
	Cyrk Zalewski	http://www.cyrk-zalewski.com.pl/
Portugal	Circo Victor Hugo Cardinali	http://www.victorhugocardinali.com/
	Circo Internacional Aéreo	http://www.victorhugocardinali.com/
	Circo Dallas	http://www.geocities.com/circodallas/
República Tcheca	Cirkus Jô-Joo	http://www.narodnicirkus.cz/
	Cirkus Berousek Sultan	http://www.cirkusy.cz/
	Cirkus Andrés	http://www.cirkusandres.cz/
Rússia	Circus Nikulin	http://www.circusnikulin.ru/
Suécia	Cirkus Brazil Jack	http://www.cirkusbraziljack.se/
	Cirkus Maximum	http://www.cirkusmaximum.se/
	Cirkus Olympia	http://www.cirkusolympia.se/
Suiça	Cirque Helvetia	http://www.cirque-helvetia.ch/
	Cirque Knie	http://www.knie.ch/
	Nock Circus	http://www.nock.ch/

Domando feras

A profissão de domador/adestrador é regulamentada em legislação federal pela lei número 6.533 de maio de 1978 e decreto 82.385, de outubro do mesmo ano, garantindo a esses profissionais o DRT, documento que regulamenta a profissão dos artistas brasileiros. (LEI 6533/78)

Os animais usados nos circos costumam ser capturados ainda filhotes em caçadas que normalmente resultam na morte de seus pais, alguns até em vias de extinção. São mantidos trancafiados ou acorrentados em pequenas jaulas, dentro das quais são obrigados a suportar mudanças climáticas bruscas e viajar milhares de quilômetros sem descanso, muitas vezes sem água e comida, sobre os próprios excrementos. O confinamento não lhes fornece o mínimo de condições de bem-estar, sendo totalmente contrário à vida que teriam em seus habitats naturais.

São treinados a executar determinadas rotinas, muitas vezes por métodos violentos e diários que incluem: açoitamento, choques elétricos, objetos pontiagudos, espancamentos com barras de ferro e pedaços de pau, queimaduras, chicotadas, privação de água e comida. Além de ficarem confinados sem a mínima condição de higiene, sujeitos a diversas doenças e sem assistência veterinária adequada, a maioria têm suas garras e dentes arrancados e/ou serrados para não representar tanto perigo a seus tratadores.

"*Para obrigar animais selvagens a se comportar de uma maneira como nunca se comportariam a natureza é necessário promover um tratamento agressivo. Somente através da violência consegue-se fazer um leão pular um arco de fogo, por exemplo. Desta forma os treinamentos envolvem o uso de varas, chicotes, choques, objetos pontiagudos, chapas quentes, etc*." (op.cit.)

Disse Ingrid Eder, gerente da campanha da WPSA Brasil, à revista Mãe Terra. A WPSA é a Sociedade Mundial de Proteção aos Animais, uma organização não-governamental com 14 escritórios espalhados pelo mundo, sendo o brasileiro no Rio de Janeiro.

Para que o animal se apresente manso e obediente nos circos,cada espécie é treinada de uma determinada forma, segue um demonstrativo dos métodos utilizados na doma dos animais mais frequentemente encontrados nos Circos, segundo Renata de Freitas Martins[17]. [20-]

Elefantes

> *"Como fazer para conseguir a atenção de um elefante de 5 toneladas. Surre-o. Eis como."* (Saul Kitchener – diretor do San Francisco Zoological Gardens apud Martins op.cit.)

Os Elefantes se comunicam, vivem em grupos com papéis sociais definidos, são extremamente inteligentes, ficam de luto por seus mortos e são capazes de reconhecer um familiar mesmo tendo sido separado dele quando filhote. Estão acostumados por todo um processo evolutivo a migrar constantemente, por todo o continente Africano, e desenvolvem problemas nas patas por falta de exercícios, já que ficam acorrentados todo o tempo.

Antes de chegarem no circo, são amarrados sentados, numa jaula onde não podem se mexer para que o peso comprima os órgãos internos causando muita dor, passam por meses dessa tortura. Para que obedeçam ao homem, levam surras diárias e ficam sobre seus próprios excrementos. É freqüente o uso de um instrumento conhecido como Gancho de Elefante (Elephant Hook), que perfura a pele do animal dando choques elétricos, para acuar comportamentos indesejados e castigar falhas na execução dos números.

É comum dentre os Elefantes de circo uma demonstração característica da neurose causada pela situação do cativeiro, mexer constantemente a cabeça, balançando suas trombas, assim como o faz uma pessoa com demência mental. [MARTINS, 20-]

Leões, Tigres e Outro Felinos

Os grandes felinos são os grandes especialistas em caça do mundo natural, correm grandes distâncias em alta velocidade e defendem bravamente seus vastos

---

17 O respeitável público não quer mais animais em circos! por Renata de Freitas Martins, Advogada ambientalista (renata@aultimaarcadenoe.com) [20-]

territórios. Com exceção dos leões, os grandes felinos são solitários e extremamente territorialistas, não admitindo outro indivíduo em seu território, tão grande que geralmente abriga rebanhos inteiros. Nos circos, passam a maior parte de sua vida dentro de jaulas apertadas, que muitas vezes são divididas com outros felinos ou até mesmo com gorilas e elefantes.

Os felinos são acorrentados, com cordas enroladas em suas gargantas para que tenham a sensação de estarem sendo sufocados. São queimados na testa pelo menos uma vez na vida para que não esqueçam da dor , e assim passam a ser dominados pelo fogo e pelo chicote, além de golpeados com barras de ferro. E como se não bastasse, a maioria deles têm suas garras arrancadas e presas extraídas ou serradas, sem o devido tratamento veterinário. [MARTINS, 20-]

Ursos

Os ursos, grandes onívoros, são animais que dependem de grandes espaços para caça e coleta de alimentos, assim como para demarcar território. Apesar de apresentarem comportamento solitário, os ursos formam relações familiares muito fortes entre fêmeas e seus filhotes. Por possuírem hábitos alimentares variados, os ursos tem uma relação extrema com seu ambiente, sendo sensíveis a mudanças ambientais. Ao contrário de sua fama, os ursos não apresentam o comportamento de hibernação, mas fazem estoques de comida para o inverno, tendo assim plena consciência de suas necessidades e do montante de comida necessária para supri-las.

Durante os treinamentos, são obrigados a pisar em chapas de metal incandescente ao som de uma determinada música, assim suas patas são queimadas para forçá-los a ficar sobre duas patas, para que aparentem dançar. No picadeiro, os ursos escutam a mesma música usada durante o “treinamento” e começam a se movimentar, dando a impressão de estarem dançando.

É comum que tenham o nariz quebrado durante o treinamento, devido às surras que levam para que “respeitem” e obedeçam seu treinador. Muitos tem as garras e presas arrancadas, bem como há casos de ursos que se auto mutilam, comendo suas próprias patas e batendo a cabeça nas grades. Já foi constatado um urso com 1/3 de sua língua arrancada. [MARTINS, 20-]

Macacos

Os macacos são considerados os animais mais parecidos com o homem, com até 98% de seu DNA igual ao humano. Além de sua conexão direta via ancestralidade, seu comportamento social, capacidade de utilizar ferramentas e um intelecto desenvolvido. São animais extremamente inteligentes, comunicativos e sensíveis e que correm riscos de extinção, por perda contínua de habitats, comércio ilegal e caça.

Para que o primata obedeça seu treinador, eles apanham para e obedecem apenas por medo. Seus dentes são retirados para que o animal possa ser fotografado junto às crianças.

Roer unhas e auto mutilação são comportamentos freqüentemente encontrados em macacos cativos, sendo comum que apresentem o mesmo comportamento de crianças que sofrem abusos. [MARTINS, 20-]

Cavalos

O cavalo é um mamífero social que, em seu comportamento natural, vive em grupos liderados por fêmeas matriarcas. São grandes animais que dependem de uma alimentação herbívora e de velocidade para escapar de seus predadores. Logo, esses dóceis vegetarianos são medrosos, porém pacíficos. A linguagem corporal dos cavalos é bastante desenvolvida por seus modos de vida coletiva. Essa mesma habilidade de comunicação possibilitou ao homem sua domesticação.

Assim como todos os outros, apanham para aprender. São açoitados e confinados sem direito a caminhadas, submetidos a longas rotinas de treinos, rodando a galopes pelo picadeiro sustentando os acrobatas em seu dorso.

Muitas vezes, por terem que fazer os números em pisos inadequados, especialmente escorregadios, acabam adquirindo lesões irreversíveis, que os faz sofrer com fortes dores. [MARTINS, 20-]

Consequências da doma

Os animais não obedecem por índole, mas porque sentem dor, desespero, medo, raiva, aflição, insatisfação, incômodo... Situações caracterizadas como crueldade, tortura e maus-tratos. A maioria dos animais de cativeiro adquirem comportamentos neuróticos, mas por viverem em circos, estes apresentam mais uma série de deformações: tem seus dentes cerrados ou arrancados, causando problemas de canal, miiases e infecções; têm suas garras arrancadas; apresentam machucados e rasgos no corpo e língua por ganchos pontiagudos; muitos sofrem mutilações de olhos, patas e rabo; há leões machos que perdem sua juba, devido às condições de stress; sofrem com todo o tipo de bichos de pele e parasitas; apresentam marcas e cicatrizes de queimaduras, ocorridas durante o treinamento. Devido à falta de água e alimentação inadequada, é comum que o animal de circo apresente doenças renais e desnutrição.

A respeito da alimentação desses animais, são frequentemente encontrados Circos que colocam anúncios em jornais de compra de cães e gatos velhos para darem como alimento aos leões. Outros contratam crianças e jovens de baixa renda para capturarem cães e gatos das ruas, para o mesmo fim. (op.cit.)[18]

[18] O respeitável público não quer mais animais em circos! por Renata de Freitas Martins, Advogada ambientalista (renata@aultimaarcadenoe.com) [20-]

A percepção dos domadores e circenses

> *"Uma das atuações que mais me maravilha desde criança, no circo, e o domador de leões, sempre quis ser uma domadora de leões, aquela parte onde o domador consegue com estalos de chicote apenas, apenas o som, fazer com que as feras saltem por dentro de esferas de fogo, mas da parte que eu gosto mais e quando a fera as vezes, no fim, se aproxima do tratador com uma expressão brincalhona e finge que lhe vai dar uma dentada, são pormenores que parece que mais ninguém repara a não ser eu, nesta pequena brincadeira quase infantil entre o homem e um animal, que não deixou de ser, selvagem. Eu não consigo deixar de gostar de circo com animais, eu não consigo. Eu adoro o domador de leões, eu dava tudo para ser uma, eu deixo-me emocionar pela relação tratador/ animal, eu deixo-me contagiar pela alegria, o espanto, o riso o respeito e todos os sentimentos que os animais nos transmitem, e todas as emoções! O circo com animais tem magia e pode fazer sentido." (Informação verbal)*[19]

O circo com animais é considerado por muitos circenses e historiadores como uma manifestação de cultura, tal como o teatro, a dança, a musica ou o cinema, e os artistas que escolheram esta forma de entretenimento como subsistência e forma de vida devem ser respeitados. (DUICO[20], 2005).[21]

O argumento mais freqüente na defesa do circo com animais é que este mostra às crianças (aos expectadores), a algumas pela primeira vez, a outras pela única, animais como leões, zebras, elefantes, chimpanzés, gorilas, tigres, entre outros. Mas aí veio a televisão e um pouco depois o Discovery Channel, os documentários da natureza, revistas especializadas e até mesmo passeios em parques ecológicos nos habitats naturais desses animais, para quem pode pagar.

Os criadores circenses defendem que estar em contacto com os animais, observá-los, tocar-lhes, conhecê-los e distingui-los contribui para o bom sentido da afetividade da criança e transmite-lhe os mais diversos sentimentos como a alegria, o espanto, a frustração, o riso (às vezes o choro, também muito importante) e o respeito. (op.cit.)

---

19 Declaração que me foi dada por uma estudante da arte circense, que convive no meio, e é ativa no movimento contra a proibição e a favor da regulamentação dos circos com animais.

20 Trata-se de um palhaço, assim não tem primeiro nome nem sobrenome.

21 DUICO, Animais em circo, uma questão cada vez mais polêmica. Revista Palco Aberto, São Paulo, Nov/Dez. 2005. P.12 – 15.

Afirmam que amam os animais, mantendo uma relação de respeito entre humano-domador e animal domado, e que os métodos utilizados no adestramento e na doma são os da recompensa, do carinho e da demonstração de afeto com o animal, comprovadamente muito mais eficientes desde meados do século passado.

E certamente deve haver algum sentimento envolvido por trás dessa tradição familiar, pois os artistas de circo com animais não fazem isso por dinheiro, levam uma vida difícil cheia de sacrifícios para conseguir cobrir seus custos que, além do habitual de uma unidade circense nômade, ainda deve arcar com gastos de alimentação, transporte, higiene e saúde de animais como: tigres, leões, elefantes, girafas, zebras, gorilas, cavalos; não recebendo subsídios e mantendo o preço dos ingressos populares, diferentes de circos como "Cirque du Soleil", que custa entre 50 a 90 Euros cada entrada (de 150 a 300 Reais, quando estão no Brasil). (UNIÃO BRASILEIRA DE CIRCOS ITINERANTES, op.cit.)

Os circenses denunciam que IBAMA vem fazendo apreensões questionáveis por conta de denúncias de maus tratos a animais sem provas, e transferindo animais, indevidamente, zoológicos particulares. Eles defendem a interrupção imediata da apreensão indiscriminada e arbitrária desses animais, frente à acusação de falta de respeito dos chamados “Ecochatos”. Os circenses tradicionais temem pela extinção do que dizem ser uma das mais antigas manifestações artísticas, por conta da mídia incentivar as pessoas a não irem ao circo com animais, ao invés de defenderem uma legislação competente sobre a proteção e segurança no trabalho, dos animais e dos domadores, de forma a manter o trabalho do circense, e afirmam que as organizações de defesa dos animais e os órgãos de fiscalização devem ser uma fonte de segurança para que quem assiste ao espetáculo de circo tenha certeza de que os animais não são escravizados, vítimas de maus tratos, fome, doenças, crueldades e descaso. Todos têm que ser fiscalizados, pois antes de se dizerem contrários à participação dos animais por questão ambiental, deve-se saber que muitas espécies se encontram preservadas em cativeiro e, ao contrário do que muitos possam pensar, vivem mais tempo que no próprio habitat original. Orlando Orfei, membro de uma das mais tradicionais famílias de domadores do mundo disse:

> *“Os ecologistas vivem de propaganda e não entendem que um animal que nunca viu a selva não sente falta dela. Os animais do circo nasceram numa jaula, que não é uma prisão, mas somente um habitat*

> *diferente do da selva. Aqui eles bebem, comem e fazem amor. E são felizes".* (ORFEI, 2001)[22]

Hoje as famílias circenses já estão sendo vítimas de marginalização social, condenadas, sem julgamento, pelo simples fato de gostarem e possuírem animais, pois as imagens de gratidão, satisfação e afeto dos animais brincando com seus treinadores, que os acariciam e alimentam, nunca são divulgadas, expondo apenas fotos e vídeos de animais violentados pelos tratadores, o que garantem, são poucas exceções. Marlon Stankowich, membro de uma das famílias circenses mais tradicionais na doma de animais no Brasil, afirma que somente o carinho, a dedicação e a paciência garantem o bom treinamento, sendo necessário gostar dos animais e respeitá-los para se fazer esse trabalho. Sua relação é baseada no respeito, companheirismo, disciplina, coragem, confiança, solidariedade e amizade, todas as qualidades necessárias a empresários e a outros profissionais e que são objeto de palestras do super requisitado domador e adestrador de animais Gilberto Miranda, que fornece animais também para filmes, propagandas e outras atividades além do circo. O veterinário José Daniel Fedello, do Zoológico de São Paulo afirma que há circos que cuidam bem dos animais, sendo que alguns até se reproduzem no circo. (op.cit)

Os defensores do circo com animal garantem que figuras famosas no Brasil como Orlando Orfei e Beto Carreiro, não agridem ou desrespeitam seus animais. Como um exemplo de seu amor aos animais, temos o relato de Orlando Orfei, publicado no Jornal do Estado em 05/01/2001:

> *Sarna, conta Orfei, apareceu doente no bar do circo. Dono de um belo pastor alemão, o dono do circo mandou que expulsassem o cachorro sarnento (daí seu nome), para que ele não contaminasse os demais animais. Prontamente atendido, Orfei se surpreendeu com o cão à porta do circo no dia seguinte. Reclamou com os empregados e mandou que levassem o cachorro o mais longe possível. De nada adiantou e dia após dia o cachorro estava à porta do circo, fascinado com o espetáculo. Orfei compreendeu o fascínio e admirou a fidelidade canina. Mandou que fosse chamado o melhor veterinário para curar a doença do animal, que prontamente se tornou o mascote do circo. "Sarna morreu atropelado acidentalmente por uma das carretas do circo", lembra Orfei, emocionado. (op.cit.)*

---

[22] Declaração do Famoso domador de feras Orlando Orfei para o Jornal do Estado, 2001.

Os que vivem da doma argumentam que, se o adestramento dos animais passa por maus tratos, necessariamente, por extensão pode-se afirmar que: os cachorros da Polícia Militar, treinados para o combate ao tráfico ou para o resgate de seres humanos em desabamentos; os cavalos das sociedades hípicas, dos jóqueis-clube, ou ainda aqueles treinados para representar o Brasil nas Olimpíadas; aqueles cães que participam de competições de adestramento (os agility dog's); devem passar pelos mesmos maus tratos, necessariamente, devido à sua condição de adestrados.

Se o adestramento dos animais no circo em nada difere daqueles pertencentes à polícia, às sociedades hípicas ou aos jóqueis-clube, criminalizar o adestramento dos animais no circo significaria, nesta lógica, criminalizar todo e qualquer adestramento, assim os circenses se sentem penalizados por numa atitude que julgam preconceituosa contra este segmento artístico, por serem acusados de maus tratos, tendo seus animais apreendidos, visto que a criminalização é restrita à atividade circense, sendo estes tratados como criminosos, ou cúmplices de criminosos.(UBCI, op.cit.)

Frente ao PL 7291/06, o projeto de lei federal que proíbe a utilização de animais em circos em todo o território nacional, os donos de circos afirmam que este ignora que essas atividades são consideradas, pela Lei 6533, de 24 de maio de 1978, como atividades artísticas e culturais, argumentando que este deverá ser considerado inconstitucional. Uma declaração marcante sobe este projeto de lei, é a carta escrita por Stevan Stevanovich, um garoto de 14 anos, filho de uma tradicional família circense:[23]

> *"Sr. Deputado,*
>
> *Meu nome é Stevan e sou um dos menores que foram espancados na desastrosa operação Arca de Noé feita no Le Cirque para que o IBAMA roubasse nossos animais.*
>
> *Neste dia, estava na escola, e ao chegar no circo vi minha mãe e meus irmãos chorando, meu tio George sendo levado para o hospital, e meus amigos de trabalho brigando e lutando por algo que não era deles, mas amavam igualmente como nós, que eram os animais! Ver aquilo, me causou uma revolta tão grande, que desejei ser um homem feito, para defender toda uma vida de sacrifício e suor trilhada por meus avós , meus*

23 Carta em posse da UBCI (União Brasileira de Circos Itinerantes).

pais, meus tios e agora por mim, meus irmãos e meus primos, pois para nós circenses, nada caiu do céu!

Quando me agarrei na carreta de nossa elefantinha Madras, vieram mais de quatro covardes militares e apertaram com tanta força minha garganta que perdi minha própria força. Também, dobraram tanto minha mão, que nunca senti tanta dor na minha vida! Nem mesmo quando martelei meu próprio dedo!

Hoje ela está no zôo de Itatiba e foi espancada pelo IBAMA para entrar na carreta de transporte. Minha família fez denuncia e o promotor de Itatiba confirmou que ela foi maltratada antes de chegar em SP. Por que não fizeram nada? Por que a promotora do meio ambiente que denunciou o circo não fez nada contra o IBAMA?

Pois minha mãe me disse que o promotor de SP enviou a denúncia para Brasília e como se tratava do IBAMA, nada foi feito. Onde está o amor pelos animais?

Hoje, meus pais viajaram para Brasília, pois terá a votação do seu projeto de lei que proíbe animais em espetáculos circenses. Ao sair, minha mãe me pediu que eu e meus irmãos mandassem um email para o sr. pedindo que regulamentasse, por isso estou aqui escrevendo em meu nome e em nome dos meus irmãos, pois é o mínimo que posso fazer pela luta incansável de minha mãe e dos circenses. Assim, lhe pergunto: Por que não querem regulamentar? Por que querem nos destruir? Por que desmoralizam os circos no Brasil? Por que não querem aceitar que o comércio de animais para zôos particulares é realidade? O que o sr. faria com quem deseja acabar com sua vida? O que faria com quem lhe tivesse roubado e batido em seus filhos? Como viveria se não permitissem que o sr. exercesse sua profissão? Por que fala mal dos circos baseado no que falam os loucos das ongs?

Portanto, penso que o Sr poderia pensar um pouco em tantas vidas que estão em suas mãos. Tenho medo denão poder ensinar aos meus filhos toda a arte que meu pai ensinou pra mim, pois vcs estão tentando matar o circo!

Tenho 14 anos e sou estudante do primeiro ano do segundo grau. Graças a persistência de minha mãe, sou um bom aluno e nunca repeti um ano sequer, nem peguei recuperação. Mas quando roubaram nossos animais, a televisão nos caluniou tanto, que tive que sair da escola em Brasília , pois quando no dia seguinte fui a escola, alunos de outra sala queriam me bater dizendo que eu batia e não dava de comer aos animais! Logo eu que sempre fui querido em todas as escolas que passei!

Então comecei a pensar. Meu pai sempre deu mais atenção aos animais, e quando eu reclamava, ele me dizia: Os animais não podem falar, por isso necessitam mais atenção. Quando chovia, ele chegava em casa todo molhado, mas os animais não podiam se molhar! E mesmo assim, por que tantas mentiras foram ditas pelos fiscais do IBAMA?

Disseram que as girafas não podiam levantar o pescoço, mas se todos fossem ver, iriam comprovar que elas estavam na ponta da barraca porque são curiosas e queriam ver o que estava acontecendo, pois dando dois passos para trás tinham uma barraca com altura de 9 metros.

Disseram que o elefante chocolate estava desnutrido, mas não sabem que todos comem por igual. Eu sou magro, já meu irmão Emilian é gordinho, mas isso não quer dizer que minha mãe não me dá de comer! Minha irmã também é gordinha, e isso quer dizer que cada um de nós temos nosso biotipo. Pelo menos, é o que tenho aprendido na escola.

Assim, depois de tantas mentiras ditas por esses loucos do IBAMA e loucos das ONGs, peço à deus que o Sr não acredite no que

> *dizem esses LOUCOS! Pense que se fizerem as leis para os animais em circos, eles estarão protegidos da mesma forma. E também estará salvando duas espécies ao mesmo tempo. Os animais e os circenses!*
>
> *Faça com que um dia eu possa votar no senhor, votando por mim na quarta feira! Eu lhe peço que seja mais humano, pois vocês costumam sacrificar todos por um. Como diz minha mãe, nem todos são iguais! Vejo todos os dias na TV, a corrupção dos políticos em Brasília; já pensou se fizessem para seus filhos piadinhas do Sr por ser um político de Brasília?*
>
> *Agora vou ligar pra minha mãe e dizer que minha parte eu já fiz. Espero que o Sr veja que está sendo injusto, e também faça a sua."* (STEVANOVICH, 2006)

Os trabalhadores de circos tradicionais com e sem animais declararam publicamente seu apoio à regulamentação da participação dos animais em espetáculos circenses, definitivamente contrários à completa proibição. Com a justificativa de que gerações inteiras de famílias-artistas circenses, homens, mulheres e crianças que junto com os animais, viviam da bilheteria de seus espetáculos desde o final do século XVIII, estes que tem um valor inestimável na produção cultural brasileira, ficarão sem trabalho, sem o seu circo, banidos e desrespeitados. Afirmam que muitos circos de médio e grande porte fecharam, alguns faliram e, não há preocupação a respeito dos circos de pequeno porte.

> *"A esmagadora maioria das proposições banindo a participação de animais dos espetáculos circenses foi apresentada no ano de 2000, ano do trágico acidente em que um garoto de seis anos, filho de um pai negligente, foi morto por leões em Jaboatão dos Guararapes, no Pernambuco".* (MATOS, 2009)

Declaração do Deputado João Mattos (PMDB-SC), que votou contra o projeto aprovado na Comissão de Educação e Cultura. [24]

Assim, é possível perceber que, quando acontece uma tragédia, os olhos da mídia estimulam discussões populares, grupos organizados aparecem com intenção de "resolver o problema", porém, várias questões importantes que dizem respeito às grandes dificuldades que os circos passam para sobreviver, no Brasil, ficam geralmente em segundo plano, isso quando são levantadas, como as altas taxas pagas pelos circos, a dificuldade de locação dos terrenos e o encarecimento de seus aluguéis, entre muitas outras.

---

24 Apresentada no capítulo referente à Legislação, desse trabalho.

Seleção de notícias que envolvem animais circenses

Duas instituições, uma americana e outra brasileira, compilam dados de incidentes causados por animais de circo, sendo, respectivamente, *The Humane Society of the United States*, e o projeto brasileiro PEA.

Segundo a instituição PEA (Projeto Esperança Animal)[25], sua principal missão é a educação e a conscientização da população sobre a defesa e os direitos da Fauna e do Meio Ambiente em geral. Especificamente quanto ao combate à utilização e exploração de animais em circos, a PEA vem se aproximando de políticos preocupados com o problema, apoiando projetos de lei que proíbam o uso de animais em circos em todos os municípios brasileiros, realizando campanhas de conscientizando junto à população, organizando abaixo-assinados, e incentivando a reflexão sobre o assunto por parte da opinião pública.

Dados publicados pelas duas instituições, no site oficial do PEA e no documento: *Circus Incidents - Attacks, Abuse and Property Damage*,[26] da Revisão de Junho de 2004, mostram uma terrível realidade de abandono, crueldade, negligência e abandono, envolvendo os animais de circos, seus tratadores e espectadores do público. Segue abaixo algumas ocorrências registradas pelas duas instituições, para exemplificar e enfatizar os problemas oriundos da posse de animais pelo circos. Dentre tantas situações citadas nas duas publicações, separei as que enfatizam felinos, grupo animal em que se concentra o foco do trabalho, e as que mostram cenas chocantes de crueldade.

---

25 www.pea.org.br
26 Disponível em www.pea.org.br

Fugas dos Animais dos Circo

2000, 14 de Fevereiro. Itaguaí, Rio de Janeiro, Brasil:

Leoa do Circo Real da Espanha é capturada após fuga. *(Jornal O Dia)*

2000, 08 de Agosto. São Simão, SP, Brasil:

Seis leões, do American Country Circu, fogem e são mortos a tiros de armas e fuzis. *(Folha de São Paulo)*

2001, 28 de Novembro. Paracuru, CE, Brasil:

Uma leoa do Circo Fantástico Show fugiu de uma jaula, sendo perseguida pelo Pelotão da Polícia Militar, IBAMA, entre outros. A fuga ocorreu em decorrência de um acidente de trânsito com a caminhonete que rebocava a jaula da leoa, que se abriu, permitindo a fuga. A leoa foi morta a tiros pela Polícia Militar.

2001, 07 de Dezembro. Paracuru, CE, Brasil :

Leoa Chitara, fugitiva de um circo, é capturada e morta a tiros. *(Jornal O Globo)*

2003, 27 de Abril. Moscou, Rússia:

Dois leões fogem do Circo de Sergueiev Possad após matarem o domador. *(Thompson Reuters Internacional Agency)*

2003, 12 de Novembro. São Paulo, SP, Brasil:

Bambi, elefanta do Circo Stankovich, foge para a Radial Leste, movimentada avenida da zona leste de São Paulo. (*Jornal Agora)*

2004, 20 de Março. Belém, PA, Brasil:

Leão abandonado por circo foge de um sítio. O animal ficava em uma jaula abafada e pequena, de apenas três metros quadrados, quando o mínimo necessário para um bicho do porte dele seria cem metros quadrados. *(Jornal da Globo)*

2005, 16 de Dezembro. Campo Alegre, SC, Brasil:

Urso foge de circo e causa tumulto em Campo Alegre. O animal foi recapturado cerca de duas horas mais tarde, no quintal de uma residência no centro do município. (*Jornal A Notícia)*

2007, 09 de Dezembro. Cuiabá, MT, Brasil:

Leão foge da jaula de um circo. *(Portal Meio Norte.com)*

Incidentes Catastróficos

1979, Junho. Washington Township, New Jersey, EUA:

Um menino de 5 anos de idade foi morto por um leopardo quando ele pulou para fora da cela e do picadeiro, no Roberts Bros. Circus. O animal arrastou o menino para fora da platéia. Um vizinho que estava com o menino no show, tentou salvá-lo do leopardo e sofreu danos físicos e psicológicos. Os pais do menino também sofreram sérios ferimentos. (*Associated Press, January 26, 1984*)

1980, 25 de Abril. Wilmington, Massachussets, EUA:

Um treinador de animais foi atacado por três tigres de bengala durante uma performance no Aleppo Shriners Temple Circus. De acordo com o porta-voz do circo, , o homem levou pelo menos vinte pontos para suturar diversas lacerações em sua mandíbula, braços e costas. (*Boston Globe, April 26, 1980*)

1985, 31 de Agosto. Bratislava, Czechoslovakia:

Um treinador de animais em turnê com um circo soviético foi atacado por um tigre durante uma performance e sofreu lacerações graves na cabeça, fratura exposta na mão e na clavícula, e cortes profundos na sua coxa esquerda. (*Chicago Tribune, September 6, 1985*)

1986, 15 de Junho. Aurillac, França:

Um tigre de circo arrancou o braço direito de um visitante que se aproximou da jaula do animal. (*Arizona Republic, June 16, 1986*)

1986, 18 de Julho. Inglaterra:

Um treinador foi mordido e rasgado por um leão enquanto estava dentro da jaula do animal. (*Rocky Mountain News, July 1, 1990*)

1987, 28 de Setembro. Northridge, Califórnia, EUA:

Durante um ensaio para o Circus Of The Stars, uma leopardo chamada Sheila mordeu a atriz/dançarina Juliet Prowse no pescoço, que teve de levar 5 pontos para reparar os ferimentos. (*Los Angeles Times, September 29, 1987*)

1987, 2 de Dezembro. Burbank, Califórnia, EUA:

Pela segunda vez, uma leopardo chamada Sheila, mordeu Juliet Prowse no pescoço durante um ensaio para o programa de televisão *Circus of the Stars.* O animal de 80-libras estava parado em frente a Prowse, com suas patas anteriores sobre os ombros da dançarina, quando ela derrepente deu um bote. Prowse foi tratada para os ferimentos em um hospital próximo. (*Los Angeles Times, December 3, 1987*)

1988, 4 de Junho. Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil:

Durante uma performance, três leões quebraram e atravessaram uma cerca que separava o picadeiro do público. Um leão agarrou uma menina de dois anos de idade, enquanto o outro leão atacou sua irmã de cinco anos de idade. O terceiro leão foi capturado por um dos artistas do Hungaro Circus. A menina de dois anos morreu instantaneamente, e sua irmã morreu ao chegar no hospital. Os tios das crianças, que as acompanhavam no show, ficaram gravemente feridos por tentarem salvar suas sobrinhas. (*Philadelphia Daily News, June 7, 1988*)

1988, Setembro. Shanxi Province, China:

Um tigre fugitivo de um circo atacou e feriu seriamente um menino de 8 anos, e instaurou uma onda de pânico entre o público, que deixou 40 pessoas inconscientes durante uma performance. O Jornal *Workers Daily*, reportou que o tigre escapou de sua jaula depois de ter apanhado de seu treinador, por falhar em executar um truque. (*Chicago Tribune, October 7, 1988*)

1988, 6 de Outubro. Manama, Bahrein – Golfo Pérsico:

Um treinador foi rasgado por Tarzan, o leão do Circus Monte Carlo, quando batia no animal para impedi-lo de copular com uma leoa durante o show. (*Los Angeles Times, October 7, 1988*)

1988, Novembro. Coronel Fabriciano, MG, Brasil:

Maíra Arruda da Silva, de cinco anos, e sua irmã Marina Arruda da Silva, de dois anos, foram atacadas e mortas por um casal de leões que escaparam da jaula armada no picadeiro. O tio delas se feriu ao tentar salvá-las. Os leões foram apreendidos e os proprietários do circo foram levados a responder inquérito por duplo homicídio culposo.

1988, 11 de Dezembro. Boca Raton, Flórida, EUA:

Um trabalhador do Circus Larsson foi atacado por Tripoli, um tigre de bengala pesando 400-libras (aproximadamente 181,436Kg). O tigre pôs sua cabeça através da porta da jaula e mordeu o homem. Um processo feito pelo trabalhador alega que havia um defeito na porta e o animal também atacara outras pessoas. (*Palm Beach Post, October 21, 1989*)

1989, Janeiro. Japan:

Um marinheiro foi atacado por um tigre quando se aproximou de uma jaula contendo tigres de circo. (*Akron Beacon Journal, January 4, 1989*)

1989, 2 de Fevereiro. Xingtai, China:

Um leão escapou da sua jaula durante uma apresentação circense e matou uma menina de seis anos de idade. (*Angeles Times, February 18, 1989*)

1989, 22 de Fevereiro. Moruya, Austrália:

Um tigre de bengala de 5 anos chamado Moscow atacou seu domador durante uma performance no National Circus. (*St. Paul Pioneer Dispatch, February 23, 1989*)

1989. Georgia, Russia:

Um grupo de tigres atacou um treinador búlgaro. (*San Francisco Chronicle, March 28, 1990*)

1990, 22 de Junho. San Pedro, Argentina:

Um homem foi morto e três outras pessoas ficaram gravemente feridas quando foram atacadas por dois leões que escaparam do Acari Circus durante a viagem. Os leões foram posteriormente mortos a tiros pela polícia. (*San Francisco Examiner, June 23, 1990*)

1990, 26 de Outubro. Candelaria, Colômbia:

Um tigre de bengala escapou de um domador circense durante uma parada e matou um bebê de 1 ano. O circo estava promovendo essa parada para divulgar seus espetáculos. (*Los Angeles Times, October 28, 1990*)

1990, 12 de Dezembro. Toulouse, França:

Um tigre atacou uma menina de 4 anos, a deixando seriamente ferida. O tigre de 400-libras (aproximadamente 181,436Kg) pulou na platéia assim que sua jaula foi aberta, rasgou o rosto da criança, e travou suas garras em torno de sua cabeça antes de ser arrastado para longe por funcionários do circo. (*Houston Post, December 14, 1990*)

1991, 23 de Fevereiro. Ararat, Austrália:

Um homem, que usava um cortador de ferragens para remover correntes de uma jaula contendo quatro leões de circo, sofreu sérios ferimentos no seu pescoço e costas, devido ao ataque de um dos leões. O homem aparentemente tentava lutar com o animal, e estava definitivamente bêbado, como informou uma testemunha. Um oficial de policia também foi cortado por um dos leões, mas junto com outros conseguiram colocar os animais de volta na cela. (*Chicago Tribune, February 24, 1991*)

1991, 7 de Março. Grimsby, Inglaterra:

Quatro leões escaparam de suas jaulas em um circo. Um dos leões atacou um morador local, causando confusão e muitos ferimentos. Todos os leões foram recapturados dentro de uma hora. (*Oregonian, March 7,1991*)

1991, 18 de Abril. Wilkesboro, Carolina do Norte, EUA:

Uma menina de 3 anos de idade precisou levar pontos depois que um leopardo negro pulou do picadeiro e a mordeu no pescoço, durante um show do Great American Circus que acontecia no Shopping Wilkes Mall. O leopardo havia sido emprestado ao circo por uma família em Ruskin, Flórida. (*Charlotte Observer, December 1, 1991; Sun Sentinel, February 5, 1992*)

1992, 10 de Junho. St. Mary's, Austrália:

Um tigre de Bengala chamado Genghis escapou da sua jaula e mordeu um trabalhador do Robinson's Circus, depois fugiu pela região do circo. Genghis foi

morto a tiros quando se aproximava de um cheio Shopping Center. (*Atlanta Journal, June 11, 1992*)

1992, Julho. Curitiba, Paraná, Brasil:

Um tigre fugitivo de um circo foi morto por tiros pela polícia, após ser ordenado a recaptura do animal vivo. Ao invés disso, atiraram no tigre 20 vezes. (*Atlanta Constitution, July 30, 1992*)

1992, 19 de Setembro. Iwaki, Japan:

Um leão, em turnê com o Bolshoi Circus de Moscow, escapou de sua jaula e vagou pela cidade por cinco horas antes de ser morto a tiros. A polícia recrutou 30 caçadores de um clube local de caça para caçarem o leão. O telejornal local mostrou os caçadores atirando no animal com rifles de alta potência. (*Orlando Sentinel, September 20, 1992*)

1993, 24 de Fevereiro. Norfolk, Virgínia, EUA:

O treinador Graham Thomas Chipperfield, do Circo Ringling Bros. And Barnum & Bailey, foi gravemente ferido por uma leoa chamada Sheba durante uma seção de treinamento. Chipperfield estava praticando seu ato de ataque do leão, quando foi atacado realmente. Teve que levar cerca de 80 pontos para reparar os furos de 3 polegadas, oriundos dos dentes da leoa, em suas costas e braço. (*Virginian-Pilot, February 25 and 27,1993; San Francisco Chronicle, August 22, 1993*)

1993, 12 de Setembro. Joplin, Missouri, EUA:

Uma funcionária do Circo Tarzan Zerbini foi atacado enquanto acariciava um tigre de 850-libras (aproximadamente 385,551Kg), tendo parte do braço amputado. Segundo depoimentos, o tigre deve ter se sentido atraído pelo curativo que estava na mão da mulher. (*Boston Globe, September 15, 1993*)

1994, Janeiro. Maloyaroslavets, Russia:

Um leão do Bingo-Bongo Circus escapou de sua jaula durante uma viagem do Circo. Um policial matou o animal atirando nele com uma submetralhadora. (*Washington Times, January 25, 1994*)

1994, 2 de Setembro. Chakradhapur, Índia:

Um tigre pulou para fora do picadeiro durante um espetáculo circense, atacando fatalmente um garoto de seis anos, que sentava nas primeiras filas junto a

seu pai. O menino morreu depois de ser atendido às pressas em um hospital. O pai do menino ficou gravemente ferido. (*Pittsburgh Post-Gazette, September 4, 1994*)

1994. Kuwait City, Iraque:

Um leão de circo chamado Shiraz matou sua treinadora Romena depois de ter travado suas presas em seu pescoço, na apresentação de uma performance. (A*l-Qabas Daily News, in: Oregonian, August 15,1995)*

1995, Fevereiro. Hugo, Oklahoma, EUA:

Um tigre pesando 200-libras (aproximadamente 90,718Kg) do Circo Carson And Barnes, chamada Shawana, escapou e passou 10 dias em liberdade, antes de ser recapturado. (*Chicago Tribune, February 12, 1995*)

1997, 7 de Maio. Carrollton, Pensylvania, EUA:

Durante uma performance, um Tigre de Bengala de 400 -libras (aproximadamente 181,436Kg) chamado Lucca matou seu treinador; Wayne Franzen, do Franzen Bros. Circus; pulando sobre ele e o arrastando pelo picadeiro pelo pescoço. O ataque ocorreu quando Franzen deu as costas ao animal, poucos minutos do início do número. Uma platéia de 200 crianças testemunharam a matança. (*Philadelphia Inquirer, May 9, 1997*)

1997, 18 de Maio. Tiangua, Ceará, Brasil:

Um filhote de leão do Dallas Circus, amarrado em cima de um carro para demonstração, rompe a corda e escapa, invadindo uma locadora de vídeos, atacou e matou um menino de 4 anos. (*Associated Press Wire, May 19, 1997*)

1998, 7 de Janeiro. St. Petersburg, EUA:

Durante uma seção de fotos com tigres, para uma campanha de publicidade, Richard Chipperfield, da famosa família circense Ringling Bros. Barnum & Bailey Circus, foi atacado por um tigre de bengala de 4 anos de idade, chamado Arnold. Seu irmão, Graham Chipperfield, e outro treinador usaram extintores de incêndio para controlar Arnold. O grupo de tigres foi direcionado para suas jaulas e, assim que os paramédicos conseguiram estabilizar o quadro de Richard Chipperfield, seu irmão atirou e matou Arnold dentro de sua jaula. Chipperfield foi hospitalizado em situação grave, com significante dano cerebral. Graham Chipperfield, qua já havia sido atacado por um de seu leões no palco, em 1993, anunciou sua aposentadoria

dos circos poucos dias depois. (*Reuters, January 7, 1998; The Electronic Telegraph, January 12, 1998*)

1998, 9 de Fevereiro. Lincolton, EUA:

Durante uma performance no Royal Palace Circus, um leopardo chamado Lexus, de 18 meses de idade pesando 150-libras (o equivalente a aproximadamente 68,038Kg), mordeu sua domadora na cabeça e braços depois que ela o puxou pelas correntes, o impedindo de atacar a audiência. Enquanto o público assistia horrorizado, funcionários do circo agarraram as correntes de Lexus, o afastando da treinadora que, segundo as autoridades médicas, necessitará de cirurgia para reconstrução das áreas afetadas pelo ataque. Lexus e o outro leopardo do Royal Palace foram encaminhados ao Charlotte Metro Zoo, por 10 dias. (*Charlotte Observer, February 11, 1998*)

1999, 17 de Agosto. Fresno, CA, EUA:

Um homem teve seu dedo arrancado por uma mordida de leão após ter, aparentemente, escalado uma barricada de plástico e colocado a mão dentro da jaula de Pasha, a leoa de 350-libras (aproximadamente 158,756Kg). Informações passadas pelo amigo do homem, que também afirmou que este estivera bebendo. (*Fresno Bee, August 18, 1991*)

2000, 7 de Março. Warsaw, Polônia:

Um veterinário foi acidentalmente morto por tiros disparados pela polícia enquanto perseguiam um tigre fugitivo de um circo. O animal também foi morto a tiros pela polícia. Este era um de três tigres que escaparam juntos de suas jaulas e foram perseguidos por duas horas em um subúrbio muito denso, mas os outros dois tgres foram recapturados. (*AP, March 14, 2000*)

2000, 3 de Abril. São Paulo, Brasil:

Um menino de seis anos foi morto e devorado por 5 leões de circo, quando seu pai o levava em um passeio para ver as jaulas dos animais. O menino foi arrancado de seu pai por um dos leões, e levado para dentro da jaula, junto aos outros quatro leões, que devoraram o garoto frente a centenas de espectadores. Duas pessoas foram vítimas de disparos de balas que foram usadas pela polícia na tentativa de afastar os leões do corpo do garoto. Um trabalhador do circo delatou que os animais não haviam sido alimentados em 5 dias. Apenas um dos leões

escapou da morte baleado pela polícia neste incidente. *(ABC Daily News, April 11, 2000)*

2000, 10 de Abril. Recife, PE, Brasil:

Quatro leões, do Circo Vostok, matam garoto durante o intervalo das apresentações. Os leões foram eutanasiados. *(Jornal O Globo)*

2000, 4 de Agosto. São Simão, Goiás, Brasil:

Seis leões de circo foram enviados a um zoológico devido o IBAMA apontar que sua jaula de transporte não era segura o suficiente. Deste zoológico, os animais escaparam de suas jaulas e se espalharam pela cidade, sendo mortos a tiros pela polícia. (*AP News, August 8, 2000*)

2000, 4 de Novembro. Amberg, Alemanha:

Um Liger, (uma mistura de leão e tigre) que estava viajando com um circo, feriu gravemente uma menina de 5 anos, ao agarrar seu calcanhar quando o animal entrou no picadeiro para fazer uma performance. (*AP News Wire, November 5, 2000*)

2000, 15 de Dezembro. West Bengal, Índia:

Uma domadora de 20 anos foi atacada até a morte por 3 tigres durante uma performance na qual 9 tigres deveriam pular sobre ela e através de aros. (*Reuters, December 16, 2000*)

2000, 16 de Dezembro. Bengal, Índia:

Tigres matam domadora durante uma apresentação com nove tigres. *(Jornal da Terra)*

2000, 29 de Dezembro. Frankfurt, Alemanha:

Sahib, um tigre fugitivo de um circo parou o trânsito na hora do rush, causando um congestionamento de 12 milhas que durou duas horas, na estrada mais movimentada da Alemanha. O tigre teve que ser atingido 6 vezes por dardos anestésicos antes de ser recapturado pela polícia. (*Reuters, January 1, 2001*)

2001, 17 de Abril. Cascante, Espanha:

Durante uma apresentação, três leões e um tigre escaparam de seus treinadores. Os animais fugitivos mataram e feriram gravemente muitos outros

animais do circo. Dois leões foram recapturados, mas um leão e o tigre foram mortos a tiros pela polícia. (*Deutsche Presse-Agentur, April 17, 2001*)

2001, 23 de Maio. Michoacan, México:

Dois leões escaparam do Hermanos Rodriguez Ayala Circus durante uma forte tempestade. Os animais vagaram durante algumas horas pela cidade antes de serem recapturados pela polícia. *(Earthchanges TV, May 24, 2001)*

2001, 10 de Agosto. Penruth, Austrália:

Um domador do Lennon's Circus foi atacado por três leões durante uma performance. O homem sofreu lacerações graves, e necessitou de cirurgia. Muitas crianças estavam assistindo a performance no momento do ataque, o que causou pânico e histeria. (*The Age, August 12, 2001*)

2001, 17 de Agosto. Quitandinha, PR, Brasil:

Leoa, do Circo Imperial do México, ataca trapezista. (*Jornal O Dia*)

2003, 3 de Fevereiro. Jacksonville, Flórida, EUA:

Um tigre de Bengala viajando com o Universoul Circus escapou enquanto sua jaula estava sendo limpa. O tigre subiu em um carro e pulou uma cerca, quando foi cercado por um oficial da polícia e empregados, próximo a um restaurante. (*Associated Press News, February 4, 2003*)

2003, 21 de Abril. Espanha:

Um tigre do International Circus, arrancou a mordidas o braço de um homem que fora ver o espetáculo e vagava pelo estacionamento do circo, que aparentemente aproximou seu braço da jaula do tigre. Durante o ataque, o homem perdeu seu braço direito e sofreu sérios ferimentos no seu braço esquerdo. (*Associated Press News, April 24, 2003*)

2003, 25 de Abril. Rússia:

Um treinador de animais russo foi morto por leões. O treinador estava aparentemente bêbado e deixou o trinco da jaula dos Leões aberto. Enquanto tentava fazer o animal voltar à jaula, ele foi atacado e morto. Este foi o segundo incidente como esse em um ano. Na última primavera, uma garota de 12 anos foi atacada e morta por um leão fugitivo de um circo, no subúrbio de Odinzovo. (*The Scotsman, April 28, 2003)*

2003, 3 de Outubro. Las Vegas, EUA:

Roy Horn do show de casinos Siegfried and Roy, foi atacado por um tigre durante uma performance. O tigre aparentemente deu um bote no pescoço de Roy, e depois o arrastou pelo palco. Durante o ataque, Roy recebeu ferimentos sérios em seu braço direito e pescoço, que o deixaram em condições críticas. (*CNN October 4, 2003*)

2003, 27 de Novembro. Quito, Equador:

Polícia atira e mata dois leões que escaparam de um circo e atacaram uma criança na rua. Os leões foram mortos porque não havia dardos tranqüilizantes disponíveis. *(AP, November 29, 2003)*

2003, 26 de Dezembro. Aparecida de Goiânia, GO, Brasil:

Tigresa, do Big Circo Mundial, ataca funcionário embriagado. O homem sofreu lesões no ombro e no braço e foi operado. (*Jornal O Popular*)

2005, 28 de Maio. Porto Alegre, RS, Brasil:

Um tigre, do Circo Bremer, ataca seu domador. (*Jornal Zero Hora*)

2005, 05 de Junho. Porto Alegre, RS, Brasil:

O leão Simba, do Circo Rodeio Búfalo, foi morto com choque pelo seu domador, após atacar menino no picadeiro, durante apresentação que era vista por cerca de 400 pessoas. (*Jornal Zero Hora*)

2005, 20 de Julho. Ervália, MG, Brasil:

Uma chimpanzé, do Circo Koslov, arranca o dedo mínimo da mão direita de um menor de 12 anos. (*Jornal Tribuna Livre*)

2007, 23 de Outubro. Serra, ES, Brasil:

Leão do circo Rostok ataca mulher, arrancando seu braço. (*Na Hora Online*)

2008, 26 de Fevereiro. China:

Leão de circo arranca braço de criança. (*Folha Online*)

Crueldade

1987, 30 de Julho. Sterling Heights, Michigan EUA:

Durante um show do Toby Tyler Circus, dois trabalhadores jogaram água no chimpanzé Tyrone o Terrível, para fazê-lo agir de forma feroz. O chimpanzé ficou furioso e passou a bater suas mãos contra as grades da jaula, até sangrarem. Queixas de crueldade foram registradas contra os dois trabalhadores. Tyrone foi removido do circo e levado para viver em um santuário para primatas. (*Detroit Free Press, September 2, 1987*)

1990, 6 de Junho. Reading, Pensylvania, EUA:

Durante uma apresentação do Great American Circus, uma elefanta atacou sua treinadora, atravessou uma barreira de madeira, e correu através de uma platéia de aproximadamente 1000 espectadores. Uma das pessoas teve ferimentos leves. Segundo os espectadores, logo antes do ataque da elefanta, o treinador havia enfiado um gancho em sua boca, por se recusar a cooperar. Então o animal arremessou o treinador contra as paredes do picadeiro. Depois que os espectadores haviam se dispersado, funcionários do circo levaram o animal para fora da lona. Uma espectadora contou à polícia que viu o treinador batendo na lateral da cabeça da elefanta com uma barra de metal com um pólo que media dois pés, logo após o incidente. (*Reading Eagle, June 8, 1998; Orlando Sentinel, February 4, 1992*)

1991, 19 de Setembro. Charlotte, Vermont, EUA:

Muitas testemunhas denunciaram um homem batendo em um bebê elefante com uma pá, depois que ele se recusou a executar seu truque em um estacionamento de restaurante. O elefante e o homem estavam na cidade com o Great American Circus. Uma testemunha disse que se podia ouvir o elefantinho gritando de dentro do restaurante. Outra testemunha disse que o homem bateu no filhote 15 ou 20 vezes com a pá, e quando notou que pessoas estavam olhando para ele, ele saiu. (*Burlington Free Press, September 19, 1991*)

1994, 17 de Setembro. Lebanon, Oregon, EUA:

Mickey, um jovem elefante asiático, foi forçado para o chão gritando, quando as treinadora, Bela Tabak do King Royal Circus, batia nele por se recusar a fazer um

truque e ameaçar invadir a platéia. O Departamento de agricultura dos Estados Unidos (USDA) penalizou Tabak, suspendendo seu direito de trabalhar com elefantes por cinco anos. (*Oregonian, September 20, 1994; Oregonian, December 24, 1994*)

1995, Fevereiro. Diadema, SP, Brasil:

O Circo Balmen dava cachorros e gatos vivos para seus três leões famintos em Diadema/SP, no ABC paulista. Segundo denúncias, quem doasse um animal doméstico podia assistir gratuitamente ao espetáculo circense.

1995, 20 de Outubro. Philippines, EUA:

No Russian All-Star Circus, uma Puma de 14 anos chamada Nice foi encontrada morta em sua jaula. A suspeita é que tenha sido envenenamento. (*Chicago Tribune, October 23, 1995*)

1996, 3 de Agosto. Los Angeles, CA, EUA:

Uma elefanta asiática de 47 anos de idade morreu logo após um procedimento dentário que envolveu anestesia. Sua autópsia revelou um caso avançado de tuberculose. Os donos de Joyce, a Hawthorn Corporation, disseram que emagreceu de 8 mil pra 7 mil libras nos últimos 10 meses. Ela estava sendo usada em performances no Circus Vargas, até a noite anterior à sua morte. Outro elefante que viajava com este circo morreu 3 dias depois. (*Reuters, March 11, 1997*)

1997, 1 de Agosto. Beaverdam, Ohio, EUA:

Um empregado do Allen Brothers Circus foi condenado com quatro acusações de crueldade ao animal, por deixar dois tigres de bengala e dois leões por mais de oito horas em um vagão de trailer, em uma estrada, próximo a Lima, Ohio. O coordenador de marketing do Toledo Zoo disse: “os animais estavam em um trailer de metal debaixo de sol forte e sem acesso à água. ” Autoridades tomaram o veículo e levaram os animais para o Toledo Zoo. (*Columbus Dispatch, August 11, 1997*)

1997, 6 de Agosto. Albuquerque, New Mexico, EUA:

Uma elefanta chamada Heather foi encontrada morta dentro de um trailer que carregava também dois outros elefantes e oito lhamas. A polícia, que encontrou o veículo balançando em um estacionamento, estima que a temperatura dentro do

trailer era de por volta de 120 graus. A necropsia deu que a causa da morte foi uma combinação de infecção por envenenamento por salmonela, complicado por desnutrição e stress. Heather, que pertencia ao King Royal Bros. Circus , foi trazida da áfrica pouco antes da Convenção Internacional de Comércio de Espécies Ameaçadas (CITES: Convention on International Trade in Endangered Species) proibiu o comércio de elefantes asiáticos e africanos, em 1990. (*Albuquerque Journal, August 14, 1997*)

1998, 24 de Janeiro. Jacksonville, Flórida, EUA:

De acordo com acusações feitas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), um bebê elefante de 3 anos e meio chamado Kenny morreu depois de, mesmo estando doente, ser forçado a apresentar dois shows no mesmo dia, no Ringling Bros. And Barnum & Bailey. Foi feito um acordo para encerrar o caso, no qual os Ringling Brothers pagaram 20 mil dólares para fechar a investigação da USDA, quebrando a lei de bem estar animal. Notas oficiais do circo indicaram que ele morrera de infecção gastrointestinal. Ele foi um dos nove elefantes nascidos em cativeiro no Ringling's Breeding Facility, na Flórida. Na selva, bebês elefantes são muito próximos das suas famílias e viajam em grupos, enquanto no Ringling, Kenny foi afastado de sua mãe e colocado em turnê de apresentações. (*Entertainment Wire, February 14, 1998; Jacksonville Times, January 31, 1998*)

1998, Junho:

Durante duas inspeções distintas ao Clyde Beatty-Cole Bros. Circus, funcionários do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Serviço de Inspeção de Saúde de Plantas e Animais (USDA - APHIS), encontraram diversos elefantes com marcas que comprovam o uso abusivo de "ankus" (conhecido também como gancho de elefante). Os inspetores notaram dois elefantes com ferimentos de ankus em 3 de junho de 1998, e depois quatro elefantes com ferimentos por ankus em 12 de junho de 1998. Em uma nota à imprensa liberada pela agencia, Michael V. Dunn, secretário de marketing e de programas regulatórios da USDA, disse: "Nós acreditamos que o Clyde Beatty-Cole Brothers Circus faziam uso abusivo do gancho de elefante em muitos animais." (*USDA APHIS Press Release, April 20, 1999*)

1999, 24 de Abril. Duluth, Minnesota, EUA:

Um treinador do Tarzan Zerbini International Circus foi seriamente ferido quando um elefante quebrou suas correntes e se soltou. De acordo com um trabalhador de ambulância que atendeu o chamado, o homem estava exalando álcool. Outro treinador do circo afirmou que os elefantes eram originalmente treinados por bêbados que os espancava constantemente no passado, e agora os elefantes não gostam de cheiro de álcool nas pessoas. Uma veterinária da Universidade de Minnesota disse que essa reação é muito possível. (*Duluth News-Tribune, April 29, 1999*)

1999, 26 de Julho. Texas, USA:

Um filhote de elefante do grupo Ringling Bros. And Barnum & Bailey morreu afogado em uma piscina durante uma parada na viagem. Este foi o quinto animal do Ringling Circus a morrer nos últimos 18 meses. (*San Francisco Chronicle, August 19, 1999*; *San Jose Mercury News, September 6, 1999*)

2000, 3 de Fevereiro. Deland, Flórida, EUA:

Um inspetor do Serviço de Inspeção de Animais e Plantas (APIS), do departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), encontrou problemas sérios de saúde em duas elefantas do Clyde Beatty-Cole Bros. Circus. A inspeção encontrou Bessie, de 55 anos, sangrando ao urinar, e Helen, de 46 anos, com a cauda semi paralisada, a impedindo de defecar corretamente. Além de muitas cicatrizes, que foram encontradas em abundância nos dois animais. Quanto às duas elefantas, os inspetores escreveram: “a doma deve ser feita de uma maneira a prevenir traumas ou maus físicos aos animais.” (*Daytona Beach News Journal, February 12, 2000)*

2000, 05 de Setembro. Xaxim, SC, Brasil:

Tigre do Circo Super Star morre por falta de comida. O veterinário que o examinou afirmou que o animal tinha desnutrição de último grau. Apesar de receber tratamento, seus órgãos não reagiram. A Polícia Ambiental encaminhou um termo circunstancial do ocorrido para a promotora do Ministério Público em Xaxim. (*Jornal Diário Catarinense*)

2001:

Foi aberto processo no IBAMA contra o Circo Garcia por maus tratos aos seus chimpanzés. Foi denunciado que eles são usados até os quatro anos de idade para entreter pessoas (por aluguel) e, depois disto, são confinados em cubículos para somente procriarem. Depois dessa idade, o comportamento dos chimpanzés não é mais dócil. Os bebês são separados das mães para serem treinados e já, aos adultos, não é permitido socializar.

2001, 25 de Março. Chicago, USA:

Uma professora registrou uma queixa formal contra o Shrine Circus alegando abuso de um dos elefantes do Circo. De acordo com a professora e sua criança de 8 anos, um elefante foi removido do picadeiro por falhar às expectativas em uma performance, foi acorrentado por uma perna e surrado com um gancho metálico até começar a berrar. (*Metro Networks, March 26, 2001*)

2003, Outubro. Penha, SC, Brasil:

Morre Madú, elefanta que viveu anos no circo Di Napoli e passou o final de sua vida no Beto Carrero. No laudo dizia que a elefanta morreu com um raio na cabeça, apesar de ter vivido rodeada por uma cerca eletrificada.

2004, 21 de Março. Penha, SC, Brasil:

Gato persa morre após cair de uma altura de 20 metros durante apresentação no Circo Beto Carrero. (*Diário Catarinense*)

2004, Julho. Florianópolis, SC, Brasil:

Dois leões e dois tigres são apreendidos em um circo. Os bichos sofriam maus-tratos diários dos criadores. A fêmea teve suas unhas e algumas presas arrancadas, além de estar cega de um olho. (*Click RBS*)

2005, 09 de Julho. Campos de Jordão, SP, Brasil:

Dois tigres do Circo Stankowich adoeceram e morreram por conta do frio. (*Jornal Vale Paraibano*)

2005, 28 de Outubro. Campo Grande, RJ, Brasil:

Policiais da Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente descobriram um leão preso na casa do dono do Circo Koslov, Jésus Mario. “Baby”, de 15 anos, trabalhou

no circo e, segundo o dono, estava “aposentado”. Jésus Mario foi autuado em flagrante por maus tratos aos animais e depois liberado. (*Jornal do Comércio*)

2006, 09 de Fevereiro. Itaboraí, RJ, Brasil:

Leão é encontrado com sinais de maus-tratos, dentro de uma jaula enferrujada, em frigorífico abandonado. (*Jornal Último Segundo*)

2008, 01 de Agosto. Antonina, Paraná, Brasil:

5 leões apreendidos em um circo no litoral foram levados ao Zoológico de Curitiba. Os leões estavam extremamente magros e machucados. O dono do circo deve pagar multa de R$ 6,5 mil reais. (*Jornal G1*)

2008, 12 de Agosto. Brasília, DF, Brasil:

Fiscais do IBAMA, funcionários do zoológico de Brasília e policiais militares cumpriram mandado de apreensão de bichos no Le Cirque, circo acusado de maus-tratos aos animais. (*Uol Notícias*)

Abandono de Animais pelos Circos

1985, Setembro. Campinas, SP, Brasil:

Um circo fechou e deixou seus dois leões passarem fome e sede. Os animais foram recusados pelos jardins zoológicos paulistas, que alegaram saturação de leões.

2000, Abril. Atibaia, SP, Brasil:

Circo Bartholo abandona quatro leões dentro de uma jaula, em um terreno baldio da prefeitura, no bairro de Guaxinduva, zona rural de Atibaia/SP. (*Jornal O Diário Popular*)

2000, 21 de Abril. Nova Iguaçu, RJ, Brasil:

Circo Vostok abandona sete leões em condições precárias, em um galpão na Lagoinha, em Nova Iguaçu. (*Jornal O Globo*)

2002, 06 de Maio. Eldorado do Sul, RS, Brasil:

Circo do México abandona duas leoas dentro de uma jaula, em uma propriedade de Eldorado do Sul, próximo à BR-290. (*Jornal Zero Hora*)

2003, 04 de Janeiro. Sumaré, SP, Brasil:

Mário Stankovich, proprietário do Circo da Romênia, abandona três leões dentro de duas jaulas, em uma praça no centro Sumaré/SP. Em 25 de Janeiro de 2003, um dos leões veio á óbito. (*Folha de São Paulo*)

2004, 19 de Abril. Pajeú, Recife, Brasil:

Circo Hatari abandona um urso pardo adulto, dentro de uma jaula, em uma rua próxima ao centro da cidade. O urso estava subnutrido e era alimentado com fubá e água há quatro anos, segundo informações do próprio dono do circo. (*Diário de Pernambuco*)

2005, Julho. Irati, PR, Brasil:

Circo abandona leão em Irati/PR. (TV Paranaense)

2005, 18 de Outubro. Palmeira, PR, Brasil:

Circo abandona um casal de leões em uma jaula, em condições precárias. *(TV Paranaense)*

2005, 19 de Dezembro. Minas Gerais, Brasil:

Circo abandona cinco leões na caçamba de uma Carreta, no km 40 da rodovia MG-427, que liga Uberaba a Conceição das Lagoas/MG. (*Jornal Globo Online*)

2008, 23 de Abril. São José dos Pinhais, SP, Brasil:

Circo Aurora abandona seis animais, entre eles três cavalos, duas lhamas e um urso. (*Paraná Online)*

2008, 28 de Junho, Votuporanga, SP, Brasil:

Circo abandona leoa em uma carreta. (*Jornal Folha Online*)

Ecologia do bicho homem[27]

O que é um homem diante do infinito?

> *"Conheçamos, pois, nossas forças; somos algo e não tudo; o que temos que ser priva-nos do conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada; e o pouco que somos nos impede a visão do infinito.*
>
> *(...)*
>
> *A primeira coisa que se oferece ao homem ao contemplar-se a si próprio, é seu corpo, isto é, certa parcela de matéria que lhe é peculiar. Mas, para compreender o que ela representa a fixá-la dentro de seus justos limites, precisa compará-la a tudo o que se encontra acima ou abaixo dela. Não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam, simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestosidade. Considere esta brilhante luz colocada acima dele como uma lâmpada eterna para iluminar o universo, e que a Terra lhe apareça como um ponto na órbita ampla deste astro e maravilhe-se de ver que essa amplitude não passa de um ponto insignificante na rota dos outros astros que se espalham pelo firmamento. E se nossa vista aí se detém, que nossa imaginação não pare; mais rapidamente se cansará ela de conceber, que a natureza de revelar . Todo esse mundo visível é apenas um traço perceptível na amplidão da natureza, que nem sequer nos é dado a conhecer de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além de espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas.*
>
> *(...)*
>
> *Quero, porém, apresentar-lhe outro prodígio igualmente assombroso, colhido nas coisas mais delicadas que conhece. Eis uma lêndea, que na pequenez de seu corpo contém partes incomparavelmente menores, pernas com articulações, veias nessas pernas, sangue nessas veias, humores neste sangue, gotas nesses humores, vapores nestas gotas; dividindo-se essas últimas coisas esgotar-se-ão suas capacidades de concepção, do homem, e estaremos portanto ante o último objeto a que pode chegar nosso discurso. Talvez imagine, então, seja essa a menor coisa da natureza. Quero mostrar-lhe, porém, dentro dela um novo abismo. Quero pintar-lhe não somente o universo visível mas também a imensidade concebível da natureza dentro desta parcela de átomo. Aí existe uma infinidade de universos, cada qual com o seu firmamento, seus planetas, sua terra em iguais proporções às do mundo visível; e nessa terra há animais e neles essas lendêas onde voltará a econtrar o que nas primeiras observou. Deparará assim, por toda a parte, sem cessar, infindavelmente, com a mesma coisa, e perder-se-à nessas maravilhas tão assombrosas na sua pequenez quanto as outras na sua magnitude. Pois*

[27] Termo usado intencionalmente para que o leitor sinta a proximidade do ser humano com os outros animais.

> *como não se admirar de que nosso corpo, antes imperceptível no universo, imperceptível no todo, se torne um colosso, um mundo, ou melhor, um todo em relação ao nada a que se pode chegar?*
>
> *(...)*
>
> *Afinal que é o homem dentro da natureza? Nada, em relação ao infinito; tudo, em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas quanto o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve. Que poderá fazer, portanto, senão perceber alguma aparência das coisas num eterno desespero de não poder conhecer nem seu princípio nem seu fim? Todas as coisas saíram do nada e são levadas para o infinito- que haverá além desses assombrosos limites? O autor das maravilhas o sabe, ninguém mais.*
>
> *Por não haver meditado sobre esses infinitos, puseram-se os homens temerariamente a investigar a natureza, como se tivessem alguma proporção com ela. E é estranho que tenham querido compreender os princípios das coisas, e assim chegar ao conhecimento do todo através de uma presunção tão infinita quanto o seu objeto. Pois não há dúvida de que é impossível conceber tal desígnio sem presunção ou sem a capacidade infinita da natureza".* (PASCAL)[28]

O bicho humano é uma espécie cosmopolita e complexa, que conseguiu dominar todas as partes do mundo, inclusive as mais inóspitas, pela sua capacidade única de modificar o meio para torná-lo adequado para o desenvolvimento e manutenção de suas sociedades.

No princípio as relações do homem com a natureza eram permeadas de mitos, rituais e magia, pois se tratavam de relações divinas. Para cada fenômeno natural havia um deus, uma entidade responsável e organizadora da vida no planeta: o deus do sol, do mar, da Terra, dos ventos, das chuvas, dos rios, das pedras, das plantações, dos raios e trovões e assim por diante. O medo da vingança dos deuses era o moderador do comportamento dessas pessoas, impedindo uma intervenção desastrosa, ou a destruição natural sem uma justificativa plausível. Por exemplo, para cortar uma árvore, havia a necessidade de uma justificativa que assegurasse, no mínimo, a sobrevivência, como a construção de uma casa ou um barco. Rituais eram utilizados para se redimirem pelo ato tão cruel que estava sendo cometido.

---

28 Uma combinação de trechos do capítulo: O Homem Perante a Natureza, por Blaise Pascal. Extraído do volume "Pensadores Franceses" da coleção Clássicos Jackson, volume XII. Tradução de J. Brito Broca e Wilson Lousada.Trecho da parte dois do livro póstumo "Pensamentos".

Natureza e homem era a mesma coisa.

Mas aí veio a evolução da espécie humana, os deuses da natureza transformaram-se em um grande homem onipotente, que justificou a destruição da natureza, bem como de seus deuses associados. O homem passou a agir como se ele próprio fosse divino, cheio de poderes absolutos, tirando da natureza seu papel de mãe da vida. O desejo desenfreado pelo poder e pelo dinheiro, fez com que o homem mudasse sua concepção como parte do natural.

Natureza e homem passaram a ser duas coisas distintas.

Dessa condição em que o homem se coloca, como dominador da natureza é que surgem os grandes problemas ecológicos tão conhecidos, tais como: os desmatamentos, a desertificação, a perda da biodiversidade, a depleção da camada de ozônio, o efeito estufa, o superaquecimento global, a crise da água potável, o crescimento demográfico e a cultura consumista, a produção de enormes quantidades de lixo, a biopirataria e tantos outros complicadores, resultantes do comportamento extremamente agressivo, possessivo e ganancioso que intrínseco ao ser humano, o mais selvagem e perigoso habitante do planeta, diferente de todas as outras espécies conhecidas. O homem derruba florestas e leva centenas de espécies à extinção, ele, na febre das conquistas, devasta campos sem fim, condenando à morte os legítimos detentores da terra.

A crescente necessidade de poder, territorialismo, violência e subjugação dos mais fracos. Assim como em muitos outros eventos mais modernos, como as dominações e grandes navegações; a escravidão, que ocorreu em todo o mundo em todas as épocas, (e ainda ocorre, na ilegalidade, mas conhecido por muitos); as guerras, que não foram poucas e sempre por motivos inerentes à natureza gananciosa do ser humano.

O Planeta, por não ter mecanismos de defesa eficazes contra a cruel manipulação humana, acabou por ser o mais atingido, nesta constante busca pela dominação de seres e territórios que destrói tudo o que atravessa seu caminho. Animais, árvores, rios, ecossistemas inteiros foram devastados e destruídos, muitas espécies extintas.

O homem conseguiu o poder de destruir o mundo com a tecnologia, tem mais poder destrutivo que uma chuva de esteróides, que erupções vulcânicas, que eras do gelo. As destruições causadas pelo ser humano já se equivalem às catástrofes naturais que ciclicamente varreram boa pare da vida no planeta, seguida de evolução e desenvolvimento de novos seres e sistemas, como descoberto nos registros fósseis. (*Informações obtidas em sala de aula*)

Jean-Jacques Rousseau ao atribuía à sociedade a origem de todos os males, acreditando que a sociedade corrompe o homem. O que pode ser visto nos comportamentos sócio-culturais embutidos nas diferentes sociedades humanas. Infelizmente, a ocidental é antropocentrista, positivista e mecanicista, entre outros, o que leva à consequente e inevitável destruição do mundo natural. Pensemos a natureza a partir de duas vertentes ocidentais: a visão antropocêntrica, que concebe a natureza como algo onde se manifesta a hostilidade, a luta, onde prevalece a "lei da selva", que precisa de leis e de um Estado para estabelecer a ordem; e a naturalista, na qual a natureza é algo harmonioso e bondoso, mas que ao criticar a primeira vertente se depara com o mesmo ponto de vista, ou seja, os homens destroem a natureza, trazendo à tona a dicotomia sociedade-natureza, homem-natureza.

Foi sob a ótica positivista que a natureza passou a ser vista como algo objetivo. E essa tendência de ver na natureza a dicotomia sociedade humana e natureza, caracteristicamente faz parte da sociedade ocidental, e a filosofia positivista, hegemônica nos meios científicos dos séculos XVIII e XIX, soube muito bem expressar esse fato. Sendo assim muito difícil romper com os pressupostos da filosofia positivista de buscar na natureza o paradigma para a sociedade humana. Mas essa dicotomia homem-natureza presente na sociedade ocidental, vem sendo questionada, vista a questão ambiental atual exigir um novo paradigma onde homem e natureza façam parte do mesmo processo.

Darwin deu início à esse processo ao unir a evolução do homem à natureza, estabelecendo redes evolutivas entre o humano e as outras espécies animais. Neste contínuo, surge a Ecologia que, é uma ciência que busca explicar correlações entre meio e espécies, fenômenos naturais, dinâmica de populações naturais. Em sua essência, a Ecologia representa o conhecimento acerca das relações entre espécies

e seu ambiente, entendido aqui como os fatores bióticos e abióticos que condicionam o desenvolvimento e a sobrevivência dos organismos. (ODUM e BARRETT, 2007)

Já se evoluiu muito, mas mesmo assim, ainda há muito que se fazer para mudar a mentalidade daqueles que se esquecem que a natureza é um todo vivo e não um mero conjunto de recursos, que propagam a necessidade da preservação do meio ambiente para as gerações presentes e futuras com único e inegável interesse utilitarista.

O homem e o mundo

Ao longo da história a relação entre o homem e o seu meio foi item de fundamental importância para a ocorrência da famigerada evolução da espécie, porém a idéia de domínio da natureza ultrapassou aquilo que seria apenas a luta pela sobrevivência.

Ao desenvolver o exclusivo polegar opositor, o homem também aprimora sua capacidade de raciocínio e discernimento. Assim, observando o caminhar histórico do ser humano, pode-se apontar mudanças fundamentais em seu comportamento relativo à vida no planeta, que acabaram sendo fundamentais no processo que conferiu ao homem sua hegemonia, ainda que não seja capaz de compreender os fenômenos físicos, químicos e biológicos responsáveis pela existência. E para superar mais essa barreira, houve o desenvolvimento das ciências e com ela o processo de racionalização dos meios produtivos, no qual as sociedades se preocupam em extrair da natureza as suas demandas de consumo. Mas mesmo assim, nos dias de hoje, a natureza não se deixa ser absolutamente controlada, pois para obter boas colheitas, criar animais ou explorar outros recursos naturais o homem precisa contar com a regularidade de determinados ciclos, que nem sempre acontecem de forma previsível. Essa relação de dependência do homem com a natureza nos remete à Antigüidade, período que esta foi responsável pelo surgimento de muitas crenças religiosas.

Um marco evolutivo que proporcionou a organização social das populações humanas foi o momento em que elas deixaram a vida de nomadismo para se fixarem em um determinado território, aprimorando suas técnicas de agricultura e domesticação de animais, bem como a crença no sobrenatural.

Dentre as civilizações primitivas, o temor ao desconhecido e o culto aos deuses tornaram-se freqüentes, dada a impossibilidade de se conceber a origem e o destino dos seres vivos.

Há registros de que boa parte dos povos dessa época adotava diversos elementos da natureza como deuses ou representantes de alguma divindade. Um exemplo interessante é o fato do povo egípcio ter uma prece voltada para um rio, a chamada “Oração do Nilo”. É interessante salientar de que maneira o Nilo é personalizado como o responsável pela sustentação da vida do povo egípcio, pois a prosperidade material trazida pelo extenso e caudaloso fazia com que o mesmo fosse considerado um ser de vontades próprias capaz de articular a existência e a crença dos antigos egípcios.

Na época do surgimento do comércio e da escrita, o domínio das técnicas do uso de metais como o ferro e o cobre, possibilitou ao homem dedicar-se às guerras de conquista, ampliando sua recente dominação da inóspita natureza para outros territórios.

Nessa relação de dominação, a natureza torna-se objeto a ser dominado pelo sujeito: o homem. É a visão antropocêntrica de mundo, na qual o homem é o senhor de todas as coisas, parecendo não considerar que nessa visão de natureza-objeto versus homem-sujeito, o termo sujeito, além de significar um ser ativo, dono de seu destino, também pode indicar está submetidos a determinadas circunstâncias. Essa visão de natureza separada do homem é característica do pensamento dominante no mundo ocidental, cuja matriz filosófica advém da Grécia e Roma antigas, e se firmou em contraponto a outras formas de pensar e agir.

Foi, na Grécia antiga, mais ou menos 2600 anos atrás, que o olhar do homem se dirigiu à natureza de maneira racional, não utilizando mais as explicações e justificativas místicas.

Os pensadores pré-socráticos, chamados de primeiros filósofos, buscaram uma explicação racional para a origem de todas as coisas a partir da natureza, uma vez que a consideravam genitora de todo o universo, ou seja, eles queriam saber qual era o primeiro elemento (a *arqué*), a partir da qual se compõem e decompõem as demais coisas. Complementares ou diferentes, as teorias dos pré-socráticos, pendiam ao estudo da natureza por esta ter relação direta com os seres.

Como Tales de Mileto (623-546 a.C.), considerado o primeiro filósofo da cultura ocidental e um dos sete sábios gregos, que concebia a água como princípio do cosmos: a *arqué* de tudo é a água. Já Anaxímenes (588-524 a.C.), elege como substância primordial o ar, argumentando que, de acordo com um maior ou menor grau de condensação, e pela oposição frio-calor advinda dessa condensação, transforma-se em outros elementos, como fogo, terra, pedras, água, etc. (REALE, 1990)

Pitágoras (570- a.C.), vegetariano, já acreditava na unidade do universo e, portanto, na interdependência de todas as criaturas do planeta, mas Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.) merece um destaque. Ele concebe o cosmos e tudo o que nele existe como devir e movimento, isto é, ele percebe a realidade do mundo como algo dinâmico, em constante modificação. É dele a famosa máxima “não se pode entrar duas vezes num mesmo rio”, pois entendia que nem o rio seria o mesmo, nem a pessoa que nele mergulhasse. (REALE, 1990)

Com o surgimento das cidades-Estado gregas, a natureza é deixada de lado nas principais discussões, sendo substituída pelo comportamento humano: ética, política, costumes, enfim, teve início o período antropológico. Sócrates (470- a.C.), filósofo das essências e das definições, inaugurou essa nova fase do pensamento humano com a máxima "Conhece-te a ti mesmo", frase que trazia em si o germe do individualismo. (REALE, 1990)

Com Platão (428- a.C.) e Aristóteles (384- a.C.) as idéias sobre o homem foram privilegiadas, em detrimento por determinados elementos que se convencionou denominá-los como parte da natureza física (pedras, plantas entre outros). Como a teoria geocêntrica defendida por Aristóteles, exemplo claro do egocentrismo humano. E assim, a cultura filosófica surgida na Grécia, aos poucos, conduziu o homem ao centro do universo, permitindo o surgimento do

antropocentrismo, doutrina que, há séculos incorporada na civilização ocidental, vem servindo, para justificar a postura racionalista e utilitária que proclama a superioridade humana sobre as demais criaturas e a natureza. (REALE, 1990)

Mas foi na última fase da filosofia grega, o período helenístico (323 - 147 a.C.), que grandes sistemas filosóficos sobre a natureza e o homem voltaram a ser elaborados, com destaque entre ambos e deles com a divindade. Há o retorno à metafísica naturalista dos pré-socráticos, bem como à moral das escolas socráticas, menosprezando o grande desenvolvimento filosófico platônico-aristotélico. Este período coincide com o desaparecimento da Polis como centro político, onde a Grécia se encontra sob o poderio do Império Romano. (REALE, 1990)

Finalmente, pelo ano 300 a.C, Zenão de Citium (334-262 a.C.) funda a sua escola, que se chamou estóica devido à seu costume de ensinar sob um pórtico, em grego: *stoá*. A moral estóica, de inspiração naturalista, partia do principio de que o mundo não é governado pela Natureza, mãe de todas as coisas. Para o estoicismo, o Universo é um sistema vivo no qual Deus está sempre presente na matéria, de forma a ser a alma do mundo. O mundo e todas as coisas do mundo nascem de uma matéria-substrato qualificada, através do logos imanente que, em si é uno, mas capaz de diferenciar-se nas infinitas coisas, como o sêmen de todas as coisas e Deus é a razão seminal do cosmos.

> *"Dado que o princípio ativo, que é Deus, é inseparável da matéria e como não existe matéria sem forma, Deus está em tudo e Deus é tudo. Deus coincide com o cosmos".* (REALE, 1990, p.257)[29]

Mas essa mentalidade relacionada à existência de um direito natural comum a homens e animais, não foi aceita pelos jurisconsultos romanos, os quais atribuíram a noção de direito apenas ao ser humano. Desse modo, assim como a filosofia hindu, o estoicismo, que busca a harmonia cósmica entre todas as criaturas, remanesce em um patamar quase inatingível ao *modus vivendi* ocidental.

O Cristianismo é uma ceita originária do Leste do Mediterrâneo, que cresceu rapidamente em tamanho e influência dentro de poucas décadas. Pelo século IV, já

---

29 REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. História da filosofia: Antigüidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

havia se tornado a religião oficial do Império Romano. Durante a Idade Média, grande parte da Europa foi cristianizada. (REALE, 1990)

Santo Agostinho (Doutor da Igreja, Bispo de Hipona) “converte” ao cristianismo as idéias platônicas, colocando em segundo plano a natureza, para este filósofo, a verdade e o verdadeiro conhecimento das coisas e de Deus, não se encontra no meio natural, como afirmam as teorias estóicas, mas dentro do próprio ser humano. Para Platão, somente a idéia continha a perfeição, opondo-se à realidade do mundo, assim como no cristianismo, também distancia o homem da natureza, o espírito da matéria. Deus passou a ser o ser supremo e o homem, a sua imagem e semelhança. Com o avanço do Cristianismo no Ocidente, os deuses já não faziam parte desse mundo como na concepção dos pré-socráticos, mas com uma visão aristotélico-platônica e, durante a Idade Média, apregoou a separação entre espírito e matéria, ao difundir a perfeição de Deus em oposição a imperfeição do mundo material.

A Bíblia, traduzida em mais de mil idiomas, prega que os animais existem para servir ao homem, assim, entende-se que Deus outorgou à humanidade o poder de subjugar, em prol de seus próprios interesses, as demais criaturas vivas. Inegável que essa doutrina, pregando a submissão de todas as criaturas ao jugo do homem, influenciou a civilização ocidental, onde a relação entre homens e animais sempre esteve marcada pela exploração. (BÍBLIA, 1990)

Porém, nesta mesma época e doutrina, São Francisco de Assis (1205), autor do belíssimo "Cântico das Criaturas", atingiu tamanho grau de humildade e despojamento que associou-se em fraterna comunhão aos animais.

É certo que o pensamento dos sofistas e dos filósofos de Atenas, correlato à concepção bíblica de mundo, incorporou-se à educação européia da Idade Média até meados do século XVIII, repercutindo sob diversas formas no curso da história. No Renascimento (1300 a 1650), o homem se coloca no centro do Universo, consagrando a si mesmo um poder absoluto sobre a natureza. A ciência, munida de técnicas mais avançadas de observação e questionamento do mundo, como o método cientifico inspirado na filosofia de Bacon e Descartes, na matemática e física de Galileu e Kepler e depois de Newton, passa a considerar a natureza sem alma,

sem vida, mecânica, geométrica. O homem perdeu o conceito divino de integração com a natureza. (REALE, 1990)

A visão antropocêntrica de mundo coloca o homem no centro do universo, em oposição à natureza, ou seja, o sujeito em oposição ao objeto. Francis Bacon, concebia a natureza como algo exterior à sociedade humana, pressupondo uma separação da natureza, haja vista a relação entre ambas ser concebida como mecânica.

Com René Descartes, essa oposição homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objeto se completa, passando a fazer parte do pensamento moderno e contemporâneo. A filosofia cartesiana atribuiu ao conhecimento um caráter pragmático e a natureza passa a ser um recurso, assim o antropocentrismo e pragmatismo do pensamento cartesiano vincula-se ao mercantilismo do período feudal.

Se opondo à visão enciclopedista, mecânica e fria daqueles que enxergavam a essência das coisas pelos olhos da ciência, como produto de uma cultura dominante, Blaise Pascal, contemporâneo e conhecido de Descartes, declara abertamente: "*Descartes: inútil e incerto*"[30]. Pascal julga o projeto de Descartes, de dar os alicerces da construção de uma ciência universal, pretensioso. (PASCAL)

Incorrendo no erro de Descartes, notáveis pensadores dos tempos modernos passaram difundir o racionalismo na ciência, admitindo como legítima, a manipulação da natureza pelo homem. Justificando assim suas práticas de vivissecção, onde animais vivos sofreram e ainda sofrem terríveis padecimentos e dores atrozes em prol daquela que se tornou a mais poderosa deusa de todos os tempos: a deusa-ciência. A ciência justifica tudo. Tudo pela ciência.

No século XVIII, movimento iluminista se encarregou de apagar os traços religiosos medievais do período renascentista, e a crítica da metafísica, ou seja, do que está além da natureza, passou a ser feita em favor da Física. Na visão iluminista a natureza era concebida como algo palpável. O mundo passou a ser compreendido

---

30 Uma combinação de trechos do capítulo: O Homem Perante a Natureza, por Blaise Pascal. Extraído do volume "Pensadores Franceses" da coleção Clássicos Jackson, volume XII. Tradução de J. Brito Broca e Wilson Lousada.Trecho da parte dois do livro póstumo "Pensamentos". Pensamento 72

a partir do real, do concreto e não mais de dogmas religiosos. Idéias que acabaram se fortalecendo com o desenvolvimento do capitalismo, e mais precisamente com o surgimento da Revolução Industrial. Com Adam Smith e sua teoria de formação do valor, que até então concebia a natureza como fonte de valor e a agricultura como meio de produção, passou-se a negar a prioridade do trabalho agrícola e também da natureza exterior. Desse modo, a natureza deixou de ser o elemento central da Teoria Econômica, pois passou a ser vista como um obstáculo ao desenvolvimento econômico. (QUARANTA GONÇALVES, 2007)

No contexto do modo de produção capitalista, este vínculo orgânico entre o homem e a natureza é rompido, pois a natureza, antes um meio de subsistência do homem que ditava seu ritmo de trabalho e vida, passa a integrar o conjunto dos meios de produção do qual o capital se beneficia. O capital separa os homens da natureza, em seu processo de produção/reprodução e impõe que o ritmo do homem não seja mais o ritmo da natureza, mas o ritmo do próprio capital. Sob o capitalismo, a relação homem-meio apresenta-se como contradição capital-trabalho, pois os homens se relacionam com a natureza para a transformar em produtos, o trabalho tornou-se um processo de produção/reprodução de mercadorias.

Nesse processo de apropriação e transformação dos “recursos” pelo homem através do trabalho, ocorre o processo de socialização da natureza, na qual a sociedade contemporânea, consubstanciada numa dinâmica complexa e contraditória, possui uma organização interna, a qual representa um conjunto de mediações e relações fundamentadas de trabalho. (QUARANTA GONÇALVES, 2007)

No capitalismo, o acesso aos recursos existentes na natureza passam por relações mercantis, visto que sua apropriação pelo capital implica a eliminação de sua "gratuidade natural", logo, a incorporação da natureza e do próprio homem ao circuito produtivo é a base para que o capital se expanda. Visando o aumento da produtividade, há elevação da taxa de exploração do trabalho e da natureza, ampliando a base de alienação do trabalho e da própria natureza, gerando uma dicotomia entre ela e a sociedade.

A perda da identidade orgânica do homem com a natureza que se dá a partir do capital, gera uma contradição que leva à perda da identificação do homem com a

natureza e, consequentemente, à degradação ambiental. O processo social de produção, baseado na produção de valores de uso, submete a força de trabalho e os meios de produção aos seus desígnios, impulsionando a utilização irracional dos recursos naturais, o desperdício de matérias-primas, energia e trabalho, provocando a destruição da natureza.

Karl Marx adotou o conceito de interação metabólica para possibilitar a compreensão de que a natureza não pode ser concebida como algo exterior a sociedade, visto que esta relação é um produto histórico, e a força motivadora dessa interação é o processo de trabalho, pois tanto o trabalhador, como a matéria-prima a ser transformada, são fornecidos pela natureza ao trabalho. (QUARANTA GONÇALVES, 2007)

Para Marx, a natureza e suas leis subsistem independentemente de consciência e desejos humanos, e tais leis só podem ser formuladas com a ajuda de categorias sociais. A natureza é dialética, e esta dialética se dá em função da interação do homem com ela. Partindo desse pressuposto, a separação do homem de suas condições naturais de existência é histórica, tendo em vista que a prática humana encontra-se vinculada a sua história.

Mas no século XIX, aos olhos da Ciência, a natureza foi subdividida em: física, química, biologia; e o homem em: economia, antropologia, história. A natureza passou a ser concebida cada vez mais como um objeto a ser possuído e dominado, e qualquer tentativa de pensar o homem e a natureza orgânica e integradamente se tornou falha, pois a separação não se efetuava apenas no nível do pensamento, mas também da "realidade objetiva" construída pelo homem. (QUARANTA GONÇALVES, 2007)

A idéia de que a ação humana deveria existir para assegurar um aperfeiçoamento à própria natureza do homem para torná-la conforme aos valores de sua sociedade predominava, quando Darwin elabora uma teoria evolutiva baseada no processo de seleção natural em que somente os indivíduos aptos sobreviveriam às mudanças naturais do meio. Chega-se a um novo modelo de Ciência que situa o homem no mundo por ela descrito, ao invés de um mundo ao qual o homem era estranho, situado em seu exterior como um observador, modelo da Ciência clássica.

> *"A natureza parte do indeterminismo, espontaneidade e criatividade, e se auto-organiza; alimenta-se da desordem e da incerteza, age de maneira flexível e aberta, sem planos definitivos, abre-se às novidades e singularidades; suas leis parecem evoluir com o Cosmo e não tratam mais de certezas morais, e sim de possibilidades; afirmam o devir, e não mais somente o ser."* (QUARANTA GONÇALVES, 2007, p.54)[31]

Em 1869, o termo Ecologia foi empregado pela primeira vez, quando Ernest Haeckel compreendeu que as interrelações entre organismos e seu ambiente deveriam fazer parte de um estudo especializado e, a partir disso começou a se estruturar uma nova e jovem ciência. A principio, a Ecologia era ensinada como Ciências Naturais, e tomou forma dentro dos padrões estatísticos quantitativos, através de modelos matemáticos que possam explicar e reproduzir numericamente o que acontece no mundo natural, ainda nos modelos positivistas. (ODUM e BARRETT, 2007)

No entanto, explicar ou traduzir numericamente os fenômenos naturais é suficiente para que um ecólogo realmente compreenda os fenômenos que o envolvem no ecossistema terrestre?

A partir dessa deficiência dos Modelos Cartesianos de se fazer pesquisa em ecologia, surge uma nova consciência ecológica, não só entre os pesquisadores da área, mas entre as pessoas que se preocupam com a conservação do planeta. Como a ecologia profunda, por exemplo, uma perspectiva holística que integra as dimensões biológico–sociais e espirituais, questionando as premissas normativas e descritivas em um nível mais fundamental do que os níveis ordinários, técnico e científico, de ecossistemas. Na ecologia profunda, não há níveis hierárquicos sociais ou diferenciação entre os seres, e assim o homem perde seu suposto direito de interferir indefinidamente na natureza de forma exploratória. Esse conceito teve influências de diversos grandes pensadores como Spinoza, Gandhi e Thoreau, além de agregar também tradições espirituais indígenas, o budismo, e cristianismo, dos quais os valores e essências foram absorvidos.

---

31 QUARANTA-GONÇALVES, Márcio Luiz. Pequeno histórico da relação homem-natureza: da physis à teoria de Gaia, o empobrecimento da noção de ser humano. In.: Filosofia, ciência e vida. São Paulo. n. 13, Abr. 2007.

No século XX, já não se concebe o átomo como uma unidade indivisível, mas como um sistema constituído de partículas que se interagem mutuamente, a Ecologia resgata a preocupação com o Natural, relegada aos povos primitivos e ao pensamento mítico, para as conseqüências do progresso cientifico e tecnológico sobre o meio ambiente. (QUARANTA GONÇALVES, 2007)

Na medida em que foi se desenvolvendo o estudo dos hábitos dos animais, houve o reconhecimento de que a convivência social já se fazia presente no que denominávamos de natureza, ficou mais difícil compreender a evolução da vida das espécies animais tendo como referência apenas o comportamento de um indivíduo estudado em laboratório. Os animais vivem socialmente, e esta deixou de ser uma característica exclusiva do homem, não sendo possível separar o homem da natureza através dessa afirmação.

Essa mudança já restabelece uma transformação para um novo comportamento e conduta humanos, com muito mais respeito na interação com o meio natural, pois incluem em si uma nova compreensão de mundo e de todos os seres. Inerente a essa mudança, está a necessidades de novos conceitos culturais humanos, novos valores éticos e morais em relação ao paradigma social dominante e ao ambiente natural.

A crise ecológica requer um repensar sobre a ciência a serviço de reaproximar o homem da natureza. O ser humano deve parar de se preocupar mais com dinheiro, produções econômicas, crescente extração de matéria prima para sustentar uma sociedade de consumo infinito e necessidades supérfluas, pois em breve não terão mais condições de sobrevivência, mergulhados em bugigangas tecnológicas e comida artificial.

A atual crise ambiental é evidenciada através de dois elementos característicos da sociedade contemporânea: tecnologia e crescimento, nos incita ao questionamento de um estilo de desenvolvimento internacionalizado, que revela-se enquanto modelo de desenvolvimento ambientalmente predatório e socialmente injusto, manifestado, principalmente nos processos de modernização da agricultura, de urbanização e de exploração desenfreada dos recursos naturais. O nível de intervenção do homem na natureza é tão grande que é impossível encontrar natureza ou ecossistemas puros.

Nestes tempos de perplexidade, onde a engenharia genética começa a produzir clones de seres vivos, faz-se de rigor uma atitude ética perante a natureza. A harmonia social plena somente será alcançada com a comunhão entre homens, plantas e bichos. Essa interação cósmica do homem com tudo que lhe cerca, permitindo a ele aprender, com humildade, que cada criatura viva é apenas uma pequena peça na mágica engrenagem do Universo, parece ser o melhor caminho para o nascimento de uma sociedade pacífica, mais livre e menos injusta.

Cabe aqui indagar, portanto, que tipo de educação ambiental interessa ao Brasil, aquela voltada à política conservacionista para a garantia dos chamados recursos naturais ou a outra, menos retórica, que ensine o homem a respeitar o caráter sagrado da vida?

No Brasil

> *"Esta terra, Senhor, me parece tamanha, toda cheia de grandes arvoredos. Nela até agora não pudemos saber se haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, de ferro; nem lho vimos. A terra, porém, é de muito bons ares. Águas são muitas, infindas. Mas o melhor fruto que se pode fazer me parece que será salvar esta gente".* (trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha)

O Descobrimento do Brasil representou o marco divisório que legitimou o início da barbárie contra a Natureza em território nacional. A visão mercantilista, antropocêntrica e possessiva da terra imperava na sociedade do século XVI. A partir da colonização portuguesa e das investidas bandeirantes sertão adentro, o espaço natural foi sendo cada vez mais reduzido. Bandeirantes e tropeiros atentavam, sem dó nem piedade, contra a flora e a fauna da terra, imbuídos de um atávico sentimento de hostilidade em relação às florestas e aos animais.

Durante os ciclos do pau-brasil, da cana-de-açúcar, do gado, do ouro e do café, a natureza sofreu grande devastação, visto que na época colonial praticamente não havia qualquer dispositivo de caráter preservacionista, até porque, na visão do colonizador, a selva era inimiga do homem.

Isso contribuiu, certamente, para a destruição de habitats e de inúmeros ecossistemas sequer conhecidos pelo homem, de modo a submeter algumas dezenas de espécies animais ao drama da extinção. A caça indiscriminada fez praticamente desaparecer, das matas do Curupira, veados, onças-pintadas, antas e jacutingas. Em menos de quinhentos anos cerca de 92% da Mata Atlântica desapareceu, assim como as florestas naturais do interior do País e significativa parte da Amazônia.

Era o momento de clamar contra o mar de insanidade que avançava, desde 1500 sobre o território brasileiro, a Natureza já não conseguia resistir à avassaladora política mercantilista que se instalara no Brasil, que passava pelo momento da eclosão dos movimentos de independência.

A emancipação política consumada em 1822, possibilitou ao Brasil organizar-se como Nação, elaborando suas próprias leis. Mesmo assim, após a Independência, os diplomas legais do Império não tinham qualquer preocupação em zelar pelas aves, peixes e matas, ainda abundantes no território nacional.

As espécies animais, segundo terminologia inserida nas Ordenações do Reino, foram reduzidas a uma única expressão: "semoventes de qualquer valor". Essa concepção estritamente privatista, desprezava as características biológicas dos seres vivos e negava-lhes qualquer tipo de compaixão.

A Constituição de 1891 (Primeira Constituição Republicana), revela uma impiedosa tragédia jurídico-legislativa do Homem contra a Natureza. E assim continuou nas Constituições republicanas de 1934, 1937, 1946 e 1967 , que, demonstrando pretensa preocupação com os "recursos naturais" do País, atribuíram competência à União para legislar sobre florestas, águas, riquezas do subsolo, caça e pesca. Uma postura mais patrimonial do que ecológica propriamente dita, posto que a natureza era tratada como recuso natural ou bem suscetível de valor monetário.

A verdadeira preocupação com a causa ambiental, manifestada nos anos 60/70 em meio a um cenário mundial impregnado pelo fantasma da guerra nuclear mobilizou o planeta. Isso fez com que a ONU promovesse a Conferência de Estocolmo, em 1973, proclamando a necessidade das Nações em somar esforços

para atingir a um objetivo comum, a preservação da natureza, antes que fosse tarde demais. Até então, no Brasil, as matas eram derrubadas pela indústria e inúmeras espécies animais estavam sendo condenadas à extinção.

Sem qualquer critério ou planejamento urbano, vilarejos e cidades surgiam no lugar das florestas, rios se tornavam depositários de poluentes, estradas riscavam o País sem prévio estudo de impacto ambiental, enquanto que os animais selvagens que perdiam seu habitat natural, quando não conseguiam migrar, eram mortos ou aprisionados.

Fazia-se imperioso que o Ministério Público, como instituição autônoma, independente e para a defesa dos interesses gerais da comunidade, assumisse a defesa da fauna brasileira. O legislador brasileiro, antes da Carta de 1988, nunca teve qualquer intenção em proteger o ambiente como um todo, fazendo-o sempre de maneira dispersa e com objetivos econômicos, acima de tudo. A promulgação do texto legislativo da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei federal n. 9.795/99) somada à Lei Ambiental e respectiva regulamentação, traz renovadas esperanças para a defesa dos animais.

Ora, a defesa do meio ambiente, longe de significar apenas a garantia de saudável qualidade de vida, é também princípio geral da atividade econômica (art. 170, VI, da CF), o que, segundo o magistério do festejado José Afonso da Silva, possibilita a compreensão de que o capitalismo concebido há de humanizar-se. Do mesmo modo, há que se questionar a própria expressão "desenvolvimento sustentável" diante de sua manifesta ambigüidade, eis que pode perfeitamente servir a objetivos contraditórios ou mesmo espúrios.

O homem e os animais

Os animais do mundo existem para os seus próprios propósitos. Não foram feitos para os seres humanos, do mesmo modo que os negros não foram feitos para os brancos, nem as mulheres para os homens. Quem maltrata um animal desconhece a dor universal que há em cada ser vivente; ofende um direito que existe ainda que o animal não tenha os meios de fazê-lo valer.

Considerando que o animal é um ser vivente capaz de sofrer e relacionar a causa ao efeito; que é dotado de uma natureza que, somente difere da nossa por grau e não pela essência, fica evidente que tanto o senso moral quanto a razão repugnam a idéia do animal como simples objeto. Idéias essas que remontam, à filosofia de Arthur Shopenhauer[32], que, ao colocar a compaixão como fundamento da moral, fez o elogio do amor universal à natureza e aos animais.

O modo como criamos e tratamos os animais inclusive o fato de nos servirmos deles como alimento ou de os utilizarmos como peles ou acessórios, os processos experimentais a que os sujeitamos em nome da ciência, o abandono e maus tratos que lhes infligimos, a vida em cativeiro que lhes impomos, a comercialização, o tráfico e a utilização destes para nosso entretenimento: no circo, na caça, na tourada, no jardim zoológico, entre muitos outros. Agindo como se existissem para o prazer humano, sendo sua vida pouco importante comparada com os desejos humanos, reflexo de sua trajetória evolutiva.

O homem que, tido como o mais inteligente das criaturas, é capaz de cometer inimagináveis atrocidades em detrimento da natureza e de seus próprios semelhantes, que movido por interesses mercantilistas, reduz os animais à condição de escravos, objetos ou matéria-prima. Não apenas nos tempos atuais, mas em todas as épocas a crueldade contra animais sempre se fez presente no espírito humano, essa crueldade que pode ser realmente terrível e assustadora. A escravatura, o feudalismo, o colonialismo, o genocídio de índios, o fascismo, o nazismo, as cruzadas e a inquisição são tristes testemunhos disso, mas é difícil

32 Não retirado de algum livro específico, mas a partir de compilações de diversas feituras que tive a oportunidade de realizar ao longo da vida.

precisar a verdadeira dimensão dos tormentos infligidos aos animais dentro e fora do Brasil.

Eternos escravos, caça ou alimento, máquinas de diversão ou de experimento, os bichos procuram sobreviver em um espaço cada vez mais ocupado pelo homo sapiens que, se parasse de criar e matar animais para consumo, poderia cultivar tanto alimento que, devidamente distribuído, acabaria com a fome do planeta.

Os animais domésticos, por sua vez, vivem em servidão: vacas para fornecer o leite e a carne, burros para transporte, bois para tração, cães para vigilância e caça, cavalos para viagens e combates, e assim por diante. Já os pássaros, apanhados aos milhares, tem como destino o cativeiro local ou a exportação.

Quanto mais pessoas se conscientizarem de que os bichos domésticos, as aves, os répteis, os peixes, os moluscos, as feras e os insetos fazem parte de um único e fascinante ecossistema e que possuem o direito a viver sem sofrimentos, cada vez mais nos aproximaremos do tão decantado mundo melhor.

Comportamentos ancestrais mesmo que amplamente enraizados e tidos como naturais à custa da repetição e por força da educação, são sempre passíveis de serem questionados e motivo de aperfeiçoamento. Na impossibilidade de se alcançar a sociedade perfeita, onde a harmonia entre os homens e o respeito aos animais seja uma coisa natural, há que se recorrer às leis e, sem prejuízo delas, a um novo modelo educacional para fomentar a mudança de posturas, pois as leis podem inibir certos comportamentos; mas elas não modificam mentalidades, e o equilíbrio social obtido por meio delas é frágil. Logo, a verdadeira modificação de comportamentos e de mentalidades decorre da educação, e não da força da lei.

A relação homem-animal pode ser muito boa para ambos, quando há respeito. A Terapia Assistida com Animais (TAA)[33], é um exemplo dos benefícios proporcionados pela relação do homem com os animais. A TAA trabalha no sentido

---

[33] Disponível em: http://www.centronati.com/terapia-assistida-por-animais

de tentar reabilitar ou motivar idosos asilados através de visitas programadas de voluntários com os seus cães, devidamente treinados para o contato com pessoas estranhas, visando o estímulo a diversos tratamentos e sessões de fisioterapia assistidas por profissionais da área de saúde. Esse contato faz com que o idoso desenvolva uma série de atividades físicas que antes eram prejudicadas pela falta de interesse em realizá-las. Além da motivação para exercícios, o contato com os cães aumenta a auto-estima dos idosos, tendo em vista que sua rotina é quebrada e eles não se sentem mais sozinhos, devido à presença do cão e do voluntário do projeto de TAA, pela possibilidade de fazer novos amigos. E como o animal não fala, ele passa a ser cúmplice do que os outros lhe contam. Um fato freqüente é que os animais podem atuar como suporte emocional, representando um apoio para confiar e falar e, durante uma internação, os pacientes que têm animais demonstram desejos de melhorar mais rapidamente para cuidar deles.

No século XVIII, o cão já era conhecido como “o mais inteligente de todos os quadrúpedes conhecidos” e louvado como “o servo mais fidedigno e a companhia mais humilde do homem” (BERZINS, 2000, p.57).[34]

Mas nos tempos atuais, a criação de cães sofreu grande mudança, para a função principal de guarda da propriedade, de tração de carroças e trenós, ou utilidade para acompanhar tropeiros, agricultores, além da condição de estimação.

Estudos apontam para a relação homem-animal na pré-história, pois foram encontrados sítios arqueológicos dessa época em que o animal era enterrado em posição de destaque ao lado do seu provável dono. E essa relação pode ter começado por outras duas razões: frio e fome. Para se livrar do frio, o homem das cavernas dormia com o cão e, como retribuição, dava-lhe restos de comida, livrando-se também do lixo. (BERZINS, 2000)

No antigo Egito e na Índia, alguns animais são considerados sagrados, como o boi, o gato, o crocodilo, o chacal e a vaca. Mas quando o homem se curvou ao deuses do Olimpo e aos santos das Escrituras, a concepção de mundo reverteu aos mitos e à imagem e semelhança do Criador, de forma a privilegiar a espécie humana

---

34 BERZINS, Marilia A. V. da Silva. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. São Paulo: PUC-SP, 2000. Dissertação de Mestrado em Gerontologia.

em detrimento às demais criaturas. Uma postura que, a rigor, ganhou impulso com o advento da doutrina judaico-cristã, cujos reflexos fixaram raízes profundas em quase todos os recantos do mundo e, desde que os preceitos bíblicos apresentaram o homem como criatura moldada à imagem e semelhança de Deus (Gênesis, I, 27), os animais, tido como seres inferiores, desprovidos de intelecto e livre arbítrio, têm sofrido, em larga escala, o estigma da servidão.

E segundo esse pensamento, a expansão das cidades humanas pelo planeta fez com que as florestas fossem impetuosamente cortadas, condenando muitos seres à falta de habitat, restringindo e dificultando as possibilidades de sobrevivência das espécies que dividem o planeta conosco que evoluíram e se desenvolveram em conjunto com seu habitat e com as outras espécies vegetais e animais com quem convivem.

As entradas e bandeiras, que permitiram o surgimento dos primeiros povoados e vilas brasileiros ocasionaram, o êxodo dos animais silvestres diante da expansão urbana além de um maior contingente de animais domesticados. Estes seres que habitavam o planeta antes do homem invadir seus territórios, quando não acabam mortos, se apertam em pequenas ilhas restantes de floresta, que não provém todo alimento e infra-estrutura necessária para a sua sobrevivência e, sem polinizadores e dispersores, as florestas vão lentamente também se desgastando, quando não brutalmente cortadas ou queimadas, para a expansão da agricultura extensiva.

Mas evidentemente, no Brasil, os animais passaram a despertar interesses econômicos múltiplos. Na época colonial, era comum a captura de aves e macacos para "exportação", assim como a caça de onça, cuja pele despertava cobiça no mercado europeu.

No início do período moderno, o principal propósito dos pensadores ao estabelecer uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, era o de justificar a caça, a domesticação, o hábito de comer carne, a vivissecção e o extermínio sistemático de animais tidos como nocivos ou predadores. Reforçado pelo método científico de Descartes, que considerava os animais meros autômatos incapazes de raciocinar ou de sentir dor, essa corrente de pensamento tem sido a causa principal

da crise de valores em que se vê inserida a humanidade. (*Informações obtidas em aula*)

A noção de ética, portanto, firmou-se com base nos próprios interesses humanos, e, no correr dos séculos, permitiu que centenas de espécies de animais fossem aniquiladas ou subjugadas.

Durante o século XVIII, no apogeu do Iluminismo, o homem impôs ainda mais sua supremacia sobre as demais criaturas do planeta. As atividades relacionadas à experimentação animal ganhavam vulto na Europa, incentivadas pelo rigor do mecanicismo científico ávido em buscar soluções imediatas para o mistério do corpo humano e a cura das doenças.

O fisiologista francês Claude Bernard, a partir de 1865, difundiu a idéia da vivissecção, de animais vivos, anestesiados ou não, para estudos fisiológicos, como única forma confiável de fazer ciência. (GONÇALVEZ, 2008)[35]

Mas a prática da experimentação animal não se restringiu à ele, pelo contrário, atravessou o século XIX e avançou pela era contemporânea em progressão geométrica, realizando-se ora em laboratórios, ora na clandestinidade, de modo a provocar a cada ano a tortura e morte de milhões de animais “em nome da ciência”.

Realizando experiências cruéis em aparelhos de contenção, Bernard submeteu centenas de animais a procedimentos macabros, sob a justificativa de estudá-los. Dentre seus seguidores podemos relacionar o russo Ivan Pavlov, cujo clássico experimento consistia em seccionar o pescoço de um cachorro para que o alimento ingerido pelo animal não chegasse ao estômago, concluindo assim que a salivação, por si só, provocava a secreção de sucos gástricos. Outro vivissector, Ziegler, imobilizava macacos pata dissecá-los vivos, observando-lhes as funções cerebrais. Blalock, por sua vez, usava uma prensa para arrebentar os músculos dos cães sem o risco, contudo, de quebrar-lhes os ossos. Já Collison implantava canudos nos crânio escalpelado de gatos ou macacos, com eletrodos ligados ao cérebro, visando a realização de experiências neurológicas. (GONÇALVES, 2008)

35 GONÇALVES, J. C. Homem-Natureza: Uma Relação Conflitante Ao Longo Da História, Revista Multidisciplinar Da UNIESP, Presidente Prudente, n.06, p.171 -177. Dez. 2008.

Oportuno dizer que, na segunda metade do século XIX, veio a lume uma obra capaz de abalar as estruturas e convicções até então vigentes no pensamento científico. Trata-se de "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, livro que demonstrou a existência de um milenar processo biológico entre os seres vivos. (GONÇALVES, 2008)

O evolucionismo ali proposto e relacionado, diretamente, à tese da seleção natural, afrontava os dogmas cristãos referentes à criação do mundo. Em seu último trabalho técnico, "A expressão das emoções no homem e nos animais" (1872), Darwin comprova que também os animais têm emoções e sentimentos, manifestadas por meio de atitudes, gestos e expressões. Nesse aspecto permite concluir que homens e animais, do ponto de vista neuro-fisiológico, têm muito em comum, inclusive a capacidade de sentir dor e de sofrer. (DARWIN, 1872)

Mas o Brasil ainda não tinha se dado conta dessa mudança de mentalidade. Vozes isoladas começaram a se erguer em prol de uma causa justa, possibilitando o gradativo convencimento popular de que os atentados contra os animais, quando gratuitos ou motivados pela ganância ou sadismo, não mais poderiam ser tolerados.

Com o advento da República, em 1890, a carroça era o principal veículo de transporte e muita gente já protestava contra os excessos e castigos impingidos aos animais de tração. Havia chegado o momento do País editar sua primeira lei de proteção aos animais. O surgimento da União Internacional de Proteção aos Animais (UIPA), em São Paulo, permitiu uma mobilização em torno dessa causa. (GONÇALVES, 2008)

Durante o século XX, o poder público não se limitou ao seu tradicional papel de órgão acusador, mas ao resguardo dos interesses individuais indisponíveis e, mais tarde, dos chamados interesses difusos e coletivos da sociedade. Foi nesse tempo que nasceu o Ministério Público, instituição voltada à defesa da sociedade e imprescindível à garantia do regime democrático. (GONÇALVES, 2008)

A proteção jurídica dos animais, não poderia ficar excluída das atribuições do Ministério Público, e foi inserida em dois dispositivos do Decreto n. 24.645/34 (medidas tutelares aos animais), expedido no Governo Provisório:

> *Artigo 1º - Todos os animais existentes no País são tutelados do Estado.*
>
> *Artigo 3º - Os animais serão assistidos em juízo pelos representantes do Ministério Público, seus substitutos legais e pelos membros das sociedades protetoras de animais.*

Esse antigo diploma legal, anteriormente revogado pelo Decreto n. 11, de 18.01.91, ressuscitou por força do Decreto n. 761, de 19.2.93, servindo hoje como autêntica fonte do Direito.

Nota-se, a propósito, que o primeiro diploma legislativo brasileiro referente aos animais silvestres foi o antigo Código de Caça (1943), cuja essência flagrantemente ofensiva aos bichos foi alterada, anos mais tarde, pela Lei de Proteção à Fauna (1967), o que esboçava uma mudança de postura do legislador - pelo menos no sentido terminológico - em relação aos animais. (op.cit.)

Depois do pioneirismo do citado Decreto federal 24.645/45, que relacionava, as hipóteses de maus tratos (artigo 3o, incisos I a XXXI), surgiu a Lei das Contravenções Penais, em cujo artigo 64 o legislador pátrio fez inserir um dispositivo intitulado "Crueldade Contra Animais" conduta essa transformada em crime pela Lei n. 9.605/98. (op.cit.)

Dentre as leis federais relacionadas, direta ou indiretamente, à tutela da fauna, podemos distinguir as seguintes: Lei n. 4.771/65 (Código Florestal), Lei n. 5.197/67 (Lei de Proteção à Fauna), Decreto n. 221/67 (Código de Pesca, complementado pela Lei 7.679/88), Lei n. 6.638/79 (Vivissecção), lei n. 7.173/83 (Jardins Zoológicos), Lei n. 8.974/95 (Engenharia Genética), além, é claro, das importantíssimas Leis n. 6.938/81 (Política Nacional do Meio Ambiente) e 7.347/85 (Ação Civil Pública), que consagraram a vocação ambiental do Ministério Público face às significativas conquistas que obteve em prol da flora e da fauna brasileiras. (op.cit.)

Há de se ressaltar, também, a existência de inúmeros tratados e convenções internacionais visando à proteção da fauna, vários deles subscritos pelo Brasil. A possibilidade de cooperação internacional para a preservação do meio ambiente, foi habilmente inserida no capítulo VII da Lei Ambiental, o que permite ao Brasil viabilizar a consecução de seus fins ecológicos e garantir reciprocidade no

intercâmbio com outros países. Isso facilitou a ação da Interpol brasileira no Exterior, posto que, nos últimos anos, foi possível a apreensão de diversos papagaios, araras, águias e tucanos levados por traficantes ao mercado estrangeiro, onde o comércio de animais silvestres movimenta, anualmente, a espantosa cifra de US$ 10 bilhões. (op.cit.)

Dentre os compromissos ambientais do Brasil com o exterior em vigor, é possível citar: Convenção Internacional para proteção dos Pássaros (Paris, 18/10/50), Convenção Internacional da Pesca da Baleia (Washington, 2/10/46), Convenção Sobre as Zonas Úmidas de Importância Internacional para proteção dos Animais e Pássaros Áquáticos e Terrestres (Ramsar, 2/2/71), Convenção Sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e da Fauna Selvagem em Perigo de Extinção (Washington, 3/3/73), Declaração Universal dos Direitos dos Animais (Bruxelas, 27/1//79), Convenção sobre Conservação das Espécies Migratórias Pertencentes à Fauna Selvagem (Bonn, 23/6/79) e a célebre Convenção sobre a Biodiversidade (Rio de Janeiro, 5/6/92), onde 156 países participantes do "Encontro da Terra" subscreveram a "Convenção sobre a Diversidade Biológica", reconhecendo a importância da biodiversidade para a evolução e manutenção dos sistemas necessários à vida da biosfera, em benefício de um mundo melhor. (op.cit.)

O Código Civil brasileiro considera os animais como "bens móveis suscetíveis de movimento próprio" (artigo 47), "coisas sem dono sujeitas à apropriação" (artigo 593) ou, simplesmente, "caça" (artigos 596 a 598). E, em termos penais, os bichos porventura lesionados não figuram como sujeitos passivos da ação humana, mas como objetos materiais do delito. Nessas hipóteses a vítima, segundo a dogmática penal brasileira, é a coletividade. Mas a essência ética relacionada à tese de que os animais podem ser sujeitos de direitos, não deve se restringir à capacidade de pensar ou de falar, mas à capacidade de sofrer. O artigo 1o da Lei 5.197/67, considera os animais silvestres como propriedade da União Federal. (op.cit.)

As iniciativas visando à tutela jurídica dos animais, no Brasil, sempre enfrentaram grandes interesses políticos e econômicos, devido à sua comercialização, muitas vezes ilegal. Ninguém ignora que, apesar de proibido, o tráfico de animais da fauna nacional ocorre com relativa facilidade em certas regiões

brasileiras. Tartarugas, araras e macacos, por exemplo, costumam ser oferecidos ostensivamente às margens da rodovia Rio-Bahia e nos mercadões do Nordeste. Embora protegidos por legislação um pouco mais rigorosa, os animais selvagens enfrentam caçadores, coureiros, contrabandistas e receptadores que já levaram, no Brasil, algumas espécies nativas ao rol dos bichos ameaçados de extinção. (op.cit.)

Oportuno lembrar, que a única modalidade de caça proibida no Brasil é a profissional, conforme disposição contida no artigo 2o da Lei n. 5.197/67. Permite-se a caça de controle (destruição de animais considerados nocivos à agricultura ou à saúde pública), a caça de subsistência (perpetrada pelo agente em estado de necessidade, para saciar a fome) e a caça científica (mediante licença especial concedida a cientistas e pesquisadores). Já a caça esportiva ou amadorista está regulamentada apenas no Estado do Rio Grande do Sul, nos termos da Portaria 35/N, de 3.4.92, do IBAMA, soando paradoxal que sua pretensa finalidade recreativa possa prevalecer diante do sofrimento e da morte dos animais perseguidos. Mas, a mais grave dentre os tipos de caça é a profissional, que movimenta no Brasil US$ 1,5 bilhão ao ano, pois a lei penal repressiva não implica, no fim do tráfico dos animais silvestres. (op.cit.)

Devido à crueldade e à perda de habitat, muitos animais que são apreendidos pelo IBAMA acabam sendo obrigados a passar o resto da vida em cativeiro, pela dificuldade e muitas vezes a impossibilidade de retorná-los ao seu habitat natural, que muitas vezes já deixou de existir. Neste caso, todo um ciclo ecológico proveniente da interação dessas espécies/indivíduos com o meio é rompido, somando consequências às ações irresponsáveis promovidas pelo homem, que também incluem cerca de 200 animais, em perigo de extinção. Dentre os assim classificados pelo IBAMA (Portaria n. 1.522/89), podemos mencionar, a título exemplificativo: mico-leão-dourado, jaguatirica, suçuarana, lontra, ariranha, tatu-canastra, peixe-boi, baleia jubarte, veado-campeiro, macuco, pato-mergulhão, gavião-real, jacutinga, papagaio-da-serra, sabiá-pimenta, anambezinho, tartaruga-verde, jacaré-do-papoamarelo, entre outros. Já no Estado de São Paulo as espécies em risco estão relacionadas no Decreto n. 42.838, de 4.2.98, que inclui 191 aves, 66 mamíferos, 66 répteis, 26 peixes de água-doce e 33 borboletas. (IBAMA, 1989)

E não é somente o risco de extinção que os animais estão sofrendo no Brasil, mas inúmeras crueldades e descaso, principalmente à habitual visão do homem de que os animais são objetos para lhes servir. Hábitos não só de alimentação mas também de pensamento devem ser desafiados e modificados. Hábitos de pensamento que levam a considerar descrições de crueldade contra animais como algo emocional, ou então consideram o problema irrisório frente aos problemas dos seres humanos.

O aparente conflito de interesses difusos, na questão dos animais submetidos a espetáculos públicos, surgiu em decorrência da tradicional conotação antropocêntrica do direito brasileiro, que se funda em equivocada premissa. Permitir que a fauna seja utilizada para finalidade cultural, esportiva ou recreativa, como na farra do boi, na caça amadorista ou nos rodeios, soa um contra-senso, porque a Constituição Federal mostra-se contrária a práticas que submetam animais a crueldade (art. 225 § 1o , VII).

A Declaração Universal dos Direitos dos Animais garante ao animal o direito de "não ser usado para divertimento do homem", prescrevendo que "a exibição em espetáculos é incompatível à dignidade do animal" (artigo 10); da mesma forma a Carta da Terra, nascida na ECO-92, ao dizer que devemos tratar todas as criaturas decentemente, protegendo-as da crueldade, do sofrimento e da matança desnecessária (artigo 14), diplomas morais-ecológicos assinados pelo Brasil ao lado das principais Nações do mundo. (UNESCO, 1978)

De fato, não se pode aceitar a tortura institucionalizada de animais com base na supremacia do poder econômico, nos costumes desvirtuados ou no argumento de que sua prática se justifica em prol do divertimento público ou para minimizar o problema do desemprego, leis permissivas de comportamentos cruéis, que servem como salvo-conduto às práticas imorais e antiéticas a que incentivam.

Usos do animal pelo homem

Na cultura humana, os animais aparecem em diferentes vertentes, não só como companhia e amizade, que seria o ideal, mas é o que menos acontece.

Há animais que, submetidos a trabalhos forçados, servem o homem como agentes de transporte, como os cavalos, jumentos, bois, e cães, dependendo dos hábitos culturais da região. Neste caso, aquele que se utiliza de animais em trabalhos excessivos ou superiores às suas forças, mediante castigos imoderados, é passível de enquadramento penal por abuso ou maus tratos. Dentre essas situações podemos relacionar o mau costume de alguns carroceiros em chicotear, sadicamente, animais de carga, ou carregá-los mais do que o limite do suportável, abusando excessivamente da força dos animais. (GONÇALVEZ, 2008)

Na sociedade de padrões ocidentais de consumo, há animais que servem de comida, estimulando a criação intensiva de vacas, porcos e galinhas, entre muitos outros, dependendo dos hábitos culturais de cada região, submetendo-os a uma vida miserável, para abatê-los esquartejados em câmaras mortuárias, e consumir-lhes a carne. Para produzir a macia carne de vitela, bezerros recém-nascidos são confinados em pequenos boxes e, antes de darem um único passo ou verem a luz do sol pela primeira vez, são brutalmente assassinados. Peixes e moluscos são cozinhados vivos diante de olhares famintos, e gansos são alimentados mecanicamente até a morte, para que produzam o requintado *paté de foie gras*. (op.cit)

Os animais são sacrificados, na maioria das vezes em escala industrial, para alimentar seres que não caçam para comer mas querem manter o hábito de predador, mas mesmo aquelas espécies que se destinam ao abate merecem tratamento condigno, nos termos da Lei n. 7.705/92. Não se permite mais, nos matadouros do Estado de São Paulo, sacrificar animais a marretadas, tampouco retalhá-los antes da completa insensibilização científica, e a inobservância dos preceitos legais pode levar os infratores ao banco dos réus, por infração ao artigo 32 da Lei dos Crimes Ambientais. (IBAMA, 1998)

Isso também pode acontecer com aqueles profissionais de canis que exorbitam na prática do adestramento, impondo ao animal torturas e maus-tratos para que sirvam de instrumento de proteção, tanto para as diversas forças policiais quanto nas casas civis. Mas o cachorro, além de segurança, pode ser tratado de modo a proporcionar companhia e também auxiliar na movimentação de deficientes visuais, ou na pior das hipóteses, pode ser usado como vítima de experimentos científicos em universidades, industria farmacológica e de cosméticos, entre outros usos cruéis e sacrificantes em nome da ciência. Não somente o cachorro, mas gatos, coelhos, roedores, diversas espécies de primatas, entre muitos outros animais, vertebrados ou invertebrados, morrem ou são anulados enquanto animais, com fins didáticos e de pesquisa, mesmo havendo leis proibitivas ao uso do animais para fins didáticos e obrigatoriedade de aprovação por comitês de ética, para pesquisa, o sistema legal ainda é deficitário, considerando apenas os animais vertebrados e não tomando providências no caso do descumprimento da lei, seja devido às crueldades, ou ao uso didático do sofrimento e morte do animal. (IBAMA, 1998)

Com o uso do animal na educação, a insensibilização feita pela noção animal-objeto é agregada à mente dos humanos em formação, ou ainda infantes, assim como muitas outras crueldades que viram brincadeiras, refletindo os modelos do mundo adulto. Nas ruas, as crianças se divertiam caçando esquilos, capturando passarinhos para arrancar-lhes os olhos, amarrando garrafas ou latas nas caudas dos cães, derrubando gatos de grande altura para ver se aterrissavam em pé, cortando rabos de porcos como troféus e inflando corpos de rãs vivas assoprando nelas com canudos. Outro experimento comum era atravessar uma agulha na cabeça da galinha para verificar quanto tempo e ave sobreviveria à experiência, uma demonstração clara do descaso para com as outras espécies pela visão antropocêntrica de suposta superioridade do homem.

Este que, por todas as épocas da sua história acaba consolidando hábitos de caça, capturando covardemente animais que tornam-se troféus de guerras e caças, como se demonstrassem a força e a virilidade dos dominantes. Como se não bastasse, massacra a pauladas filhotes de focas no Ártico, diante das próprias mães, captura baleias na ponta dos arpões, completamente insensível à vida do outro animal e sua função e papel no ciclo natural da vida. O homem não te o

mínimo de empatia para com o próximo, muitas vezes até da mesma espécie, não se sente impressionado pelo tamanho da baleia e seu complexo comportamento, não respeitam a individualidade do outro.

O maior de todos os exemplos do desrespeito humano, ainda no âmbito da crueldade, está no uso do animal como instrumento culturalmente embutido de diversão. E são inúmeros os exemplos que podem ser citados desta prática, desde os glamorosos casacos de peles, echarpes, bolsas de pele de jacarés, cobras, sapatos e jaquetas de couro, entre outros itens do universo da moda que dependem do sacrifício de vidas para que entretenham seu público, até os eventos eticamente censuráveis elegidos como esporte e diversão pública, como o tiro ao pombo, a briga de galo, as competições de pesca e a caça amadora, a farra do boi, os rodeios e as vaquejadas.

Nas rinhas de galo, os apostadores inescrupulosos promovem um espetáculo mortal, para deleite próprio ou alheio, em uma prática de origem milenar, que acabou se tornando um esporte já incorporado aos costumes brasileiros. Os galos de briga, desde cedo experimentam a dor física, são provocados pelos homens que os coloca na rinha, e a luta não termina enquanto um deles não tombar mortalmente ferido. Trata-se de crime de maus tratos, por envolver atos de extrema violência contra os animais, assim como nas outras práticas.

Não há como negar que os animais utilizados nas arenas dos rodeios experimentam sensações de angústia, medo, tormento e dor, sob as esporas (instrumentos metálicos, de formato circular ou pontiagudo, colocados na bota dos peões para estocar a montaria durante o espetáculo) dos montadores e em razão da forte compressão abdominal ocasionada pelo sedém (cinta de couro ou corda de crina que, comprimida ao abdômen do animal, faz com que ele pule e escoiceie em desespero). Estes subterfúgios são utilizados para que esses animais saltem pela arena como se fossem bravos, mas na realidade, é uma reação de causa e efeito, que faz o animal pular e escoicear na tentativa de livrar-se daquilo que lhe agride. Independente desse instrumento ter sido confeccionado em couro ou com material macio, eis que causa, de uma forma ou de outra, intensa dor ao animal, traduzindo-se em crueldade. E pode-se dizer o mesmo com relação às provas de laço e derrubada do boi, assim como a Vaquejada do nordeste, onde os animais

destinados ao entretenimento humano muito padecem nas mãos de seus algozes, sofrendo na queda lesões que, às vezes, lhe acarretam a própria morte.

Já a tourada espanhola, por exemplo, legitimou a barbárie com base em argumentos sociológicos relacionados à tradição e aos costumes do povo ibérico, e continua a ser realizada em alguns países, causando o sofrimento de touros e acabando, muitas vezes, com a morte do touro sob a inoperância das autoridades. É um espetáculo degradante em que a tortura se transforma em arte na manutenção de uma cultura de violência.

Na Inglaterra vitoriana havia, anualmente, corridas de touros onde o animal, com as orelhas cortadas, a cauda reduzida a um toco, o corpo lambuzado de sabão e o focinho inchado de tanta pimenta, era solto para ver quem conseguia agarrá-lo em um vale. Na mesma Inglaterra, a caça era muito apreciada pela nobreza, a ponto de se constituir em entretenimento ou esporte, continuando a mentalidade da conexão entre diversão e crueldade, eis que exercida em desigualdade de forças e, não raras vezes, com métodos repugnantes, como o açulamento de ursos que, presos a uma corrente, eram atacados e dilacerados por cães ferozes, frente à uma platéia que aplaude.

Ainda no mesmo âmbito da diversão cruel frente à um público, pode-se citar o aprisionamento de inocentes animais selvagens em zoológicos e circos, subvertendo sua natureza, adestrando-os com métodos rigorosos para que realizem um espetáculo.

Além de humilhados, esses animais sofrem as mais bárbaras torturas para que correspondam ao domador no picadeiro. Mas a lei brasileira postula que quem se utiliza de animais em trabalhos excessivos mediante castigos imoderados é passível de enquadramento penal por abuso ou maus tratos. No caso de crueldade em animal de zoológico ou de circo, o proprietário pode ser processado na esfera criminal (por delito de maus tratos) e responder, no âmbito cível, a ação ambiental (visando a obrigação de fazer, de não fazer e/ou reparatória). Podendo inclusive, em sede administrativa, sofrer busca e apreensão, multa e ter seu estabelecimento interditado.

Logo, a efetiva atuação da promotoria de Justiça deveria, evitar, interromper ou minimizar o sofrimento dos animais submetidos ao jugo humano, mas apesar da existência, de tantas leis proibitivas de comportamentos cruéis, os animais continuam padecendo nas arenas públicas, nas fazendas industriais, nas matas cada vez mais fragmentadas, nas águas poluídas dos rios, nas mesas dos laboratórios e salas de aula, nos galpões mortuários ou nos cubículos insalubres em que vivem confinados, como se a compaixão pelos animais fosse pueril e supérflua. E esses são poucos de muitos exemplos que podem ser encontrados da presença dos animais na cultura humana, assim como a lã de ovelha, o leite de vaca, o queijo de cabra, a mussarela de búfala...

Legislação

PL 7291/2006

Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei institui o registro de circos junto ao Poder Público Federal e dispõe sobre o uso de animais em espetáculos circenses.

Art. 2º Para os fins do disposto nesta Lei, o circo é entendido como o empreendimento voltado para a apresentação de espetáculos em estruturas circulares desmontáveis, cobertas por lona e itinerantes.

Art. 3º O circo constitui um dos bens do patrimônio cultural brasileiro, nos termos do art. 216 da Constituição Federal, e sua atividade fica assegurada em todo o território nacional.

Art. 4º O uso da denominação “circo” dependerá de registro do empreendimento perante o órgão federal responsável pela política nacional de cultura.

Art. 5º A certidão de registro será expedida pelo órgão federal competente, conforme disposto no art. 4º desta Lei, e constitui documento hábil para a instalação de circos e apresentação de espetáculos circenses, atendidas as legislações estaduais e municipais.

Art. 6º Os animais da fauna silvestre brasileira e exótica mantidos pelos circos, ainda que não utilizados nos espetáculos circenses, deverão ser registrados

no órgão ambiental competente e somente poderão ser mantidos, expostos ao público e transportados sob condições definidas na regulamentação desta Lei.

Art. 7º Mediante permissão da autoridade ambiental competente, os circos poderão proceder à venda ou permuta de seus espécimes da fauna silvestre brasileira e exótica com instituições congêneres do País e do exterior.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor 90 (noventa) dias após a data de sua publicação.

Senado Federal, 2006.

Senador Renan Calheiros

Presidente do Senado Federal[36]

O texto ora apresentado é a proposição do Projeto de Lei 7291, apresentado em 05/07/2006, que tem como autores Álvaro Dias e Renan Calheiros, do Senado Federal. A proposição foi sujeita à apreciação do Plenário em regime de tramitação de prioridade e dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. Foi despachado dia 10/7/2006 às Comissões de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; Educação e Cultura e de Constituição e Justiça e Cidadania (Mérito e Art. 54, RICD). Apense a este, está o PL-2875/2000. Em virtude desta apensação a CCJC deverá se manifestar quanto ao mérito e a matéria tramitará sujeita à apreciação do Plenário.

[36] Disponível em: www.camara.gov.br

PL 2875/2000

Projeto de lei n°2875, de 2000.

(Do Sr. Paulo Lima)

Acrescenta dispositivo ao artigo 132 do Código Penal, proibindo, durante a atividade circense, a manutenção e a exposição de animais perigosos. (À Comissão de Constituição e Justiça e de Redação.)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1° O art. 132 do Decreto-Lei n°2848, de 7 de d ezembro de 1940, passa a vigorar acrescido do seguinte §2°, passado o atu al parágrafo único a §1°.

"Art. 132.....

§1°.....

§2° Na mesma pena do caput incorre o dono ou o admi nistrador de circo que mantém ou expõe animal perigoso."

Art. 2° Esta lei entra em vigor na data de sua publ icação.

Justificação

O projeto de lei que ora apresentamos aos nossos Pares tem por objetivo proibir que os donos e administradores de circo mantenham animais perigosos, dentro do território nacional.

Para tanto, equipara tal conduta ao crime de perigo para a vida ou saúde de outrem, previsto pelo **caput** do art. 132 do Código Penal e que enseja uma pena de 3 meses a 1 ano de detenção, se o fato não constitui crime mais grave.

Essa medida legislativa é urgente, tendo em vista o trágico acontecimento dos últimos dias, em que leões famintos do Circo Vostok atacaram e mataram uma criança, fato este que ocorreu na Grande Recife.

A par do descaso e do descuido com que os circos mantém os animais perigosos de que a atividade circense, hoje em dia, pode prescindir desse expediente para propiciar entretenimento. Circos mais modernos e sofisticados, como o Circo Imperial da China ou o "Circ du Soleil"[dir], canadense, baseiam suas apresentações na arte do malabarismo e da acrobacia. Esse tipo de diversão é mais elaborado e, acima de tudo, mais seguro para o público.

Sala das Sessões, 18 de abril de 2000. – Deputado Paulo Lima.[37]

A Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) encaminhou o Projeto para apreciação, primeiramente para a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CMADS), sendo recebido por esta em 12 de julho de 2006, e então designado como Relator, o Dep. Jorge Pinheiro (PL-DF). No dia seguinte, foi apresentado no Plenário o requerimento REQ 4482/06[38] do Deputado Henrique Fontana, que requer urgência para a matéria.

A CMADS aprovou com unanimidade o parecer do Relator Dep. Jorge Pinheiro (PL-DF), PAR-1 CMADS[39], com substitutivo, SBT 1 CMADS[40], e pela rejeição do PL 2913/2000, do PL 2936/2000, do PL 2957/2000, do PL 2965/2000, do PL 3034/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000, do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001, do PL 12/2003, do PL 6445/2005, e do PL 2875/2000, apensados.[41]

---

[37] Disponível em: www.camara.gov.br

[38] Idem ibidem.

[39] Idem ibidem.

[40] Idem ibidem.

[41] Todos os projetos citados estão integralmente disponíveis em: www.camara.gov.br

A Comissão de Educação e Cultura (CEC) recebeu o PL em 22/12/2006, com as proposições PL-4770/2001, PL-2913/2000, PL-2936/2000, PL-2957/2000, PL-2965/2000, PL-6445/2005, PL-3389/2000, PL-3034/2000, PL-3040/2000, PL-3041/2000, PL-3419/2000, PL-2875/2000, PL-4450/2001, PL-12/2003, PL-5752/2001 apensadas. E nesta ficou até dia 6/2/2007, quando o Deputado José Pimentel, solicita o desarquivamento de proposição, através da apresentação do Requerimento n.º 56, de 2007 à Mesa Diretora da Câmara dos Deputados. Mas nada acontece até que o Deputado Eunício Oliveira, solicita o desarquivamento de proposição pelo Requerimento n.º 183, de 2007, apresentado à MESA dia 12/2/2007. Ironicamente, todos os pedidos de desarquivamento do processo foram indeferidos segundo a justificativa de que a Matéria não havia sido arquivada.

Somente no dia 7/3/2007 a Comissão de Educação e Cultura (CEC) designa um Relator para o PL, o Dep. Antônio Carlos Biffi (PT-MS), que apresentou seu primeiro parecer, PRL 1 CEC[42], em 20/12/2007. Este é pela pela aprovação do Projeto de Lei, com substitutivo, e pela rejeição dos PLs 2913/2000, 2936/2000, 2957/2000, 2965/2000, 3034/2000, 3040/2000, 3041/2000, 3389/2000, 3419/2000, 4450/2001, 4770/2001, 5752/2001, 12/2003, 6445/2005, 933/2007, e 2875/2000, apensados. O parecer retorna três vezes ao Deputado, e deste à CEC, até que, em 11/6/2008, na CEC, os Deputados: Dep. Alex Canziani (PTB-PR), Dep. Jorginho Maluly (DEM-SP), Dep. Antônio Carlos Biffi (PT-MS), Dep. Ricardo Tripoli (PSDB-SP), Dep. Walter Brito Neto (PRB-PB) e Dep. Paulo Rubem Santiago (PDT-PE) discutiram a Matéria, que foi retirada de pauta a requerimento dos Deputados Lobbe Neto, Alex Canziani e Antonio Carlos Biffi.

Só voltando a tramitar quase um ano depois, no dia 20/05/2009, na Comissão de Educação e Cultura (CEC), através do Parecer do Relator, Dep. Antônio Carlos Biffi (PT-MS), pela aprovação deste, nos termos do Substitutivo da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, com subemenda substitutiva[43], e pela rejeição do PL 2913/2000, do PL 2936/2000, do PL 2957/2000, do PL 2965/2000, do PL 3034/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000, do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001,

[42] Disponível em: www.camara.gov.br.

[43] Idem ibidem.

do PL 12/2003, do PL 6445/2005, do PL 933/2007, e do PL 2875/2000, apensados. Este parecer foi encaminhado para vista conjunta aos Deputados Bel Mesquita, Carlos Abicalil, João Matos e Paulo Rubem Santiago, com prazo de expiração em 26 do mesmo mês. Tendo sido retirado de pauta pelo Relator, no dia seguinte, segundo as normas do Regimento Interno da Casa Legislativa, seguido da apresentação dos votos em separado dos Deputados: VTS 1 CEC[44], Dep. Lira Maia, e VTS 2 CEC[45], Dep. João Matos.

Em 3/6/2009, o Dep. Antônio Carlos Biffi (PT-MS), apresentou à CEC seu Parecer do Relator, pela aprovação do PL 7291/2006, nos termos do Substitutivo da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável[46] com subemenda substitutiva, e pela rejeição do PL 2875/2000, do PL 2913/2000, do PL 2936/2000, do PL 2957/2000, do PL 2965/2000, do PL 3034/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000, do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001, do PL 12/2003, do PL 6445/2005, e do PL 933/2007, apensados. Parecer este que foi aprovado por unanimidade, com alterações[47].

Dia 9/6/2009, o Deputado Celso Russomanno (PP-SP), apresentou o Requerimento 4998/09 ao Plenário (PLEN), requerindo a revisão do despacho do Projeto de Lei nº 7.291, de 2006, para incluir a Comissão de Defesa do Consumidor. Este é logo indeferido pela Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA), conforme despacho do seguinte teor: "Indefiro, tendo em vista que a distribuição foi feita nos termos regimentais (art. 139 do RICD), uma vez que a matéria tratada no Projeto, referente ao acesso à cultura, está inserida no campo temático da Comissão de Educação e Cultura. Oficie-se e, após, publique-se."[48] em 17/6/2009, mesmo dia em que ocorreu a apresentação da Complementação de Voto, CVO 1 CEC[49], pelo Dep. Antônio Carlos Biffi, pela rejeição do PL 2913/2000, do PL 2936/2000, do PL 2957/2000, do PL 2965/2000, do PL 3034/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000,

---

[44] Disponível em: www.camara.gov.br.

[45] Idem ibidem.

[46] Idem ibidem.

[47] Idem ibidem.

[48] Idem ibidem.

[49] Idem ibidem.

do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001, do PL 12/2003, do PL 6445/2005, do PL 933/2007, e do PL 2875/2000, apensados. Sendo também pela aprovação deste, e do Substitutivo 1 da CMADS.[50.]

Finalmente, em 19/6/2009, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) recebeu o PL 7291/2006, com as proposições PL-4770/2001, PL-2913/2000, PL-2936/2000, PL-2957/2000, PL-2965/2000, PL-933/2007, PL-6445/2005, PL-3389/2000, PL-3034/2000, PL-3040/2000, PL-3041/2000, PL-3419/2000, PL-2875/2000, PL-4450/2001, PL-12/2003, PL-5752/2001 apensadas, sendo designado como Relator, o Dep. Ricardo Tripoli (PSDB-SP), no dia 25 desse mesmo mês.

Mas, no dia 2/7/2009, o Plenário (PLEN) recebeu mais um Requerimento (nº 5129/2009)[51] do Deputado Celso Russomanno (PP-SP), que solicita a mudança do despacho de indeferimento exarado no REQ. 4998/09 (op.cit.). Este que, assim como o anterior, foi despachado pela Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) no dia 10/7/2009, com a seguinte notificação de despacho referente ao Requerimento nº 5129/2009:"Mantenho o despacho anteriormente exarado no Requerimento nº 4998/2009, eis que não restou demonstrado como o Projeto de Lei nº 7291/2006, que "dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense", inscreve-se na competência temática da Comissão de Defesa do Consumidor. Publique-se. Oficie-se."

Em 15/7/2009, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) apresentou o Parecer do Relator, PRL 1 CCJC[52], pelo Dep. Ricardo Tripoli, pela constitucionalidade, juridicidade, técnica legislativa e, no mérito, e pela rejeição do PL 2913/2000, do PL 2957/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000, do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001, do PL 12/2003, do PL 6445/2005, do PL 933/2007 e do PL 2875/2000, apensados; pela inconstitucionalidade, injuridicidade e técnica legislativa do PL 2965/2000 e do

---

[50] Disponível em: www.camara.gov.br.

[51] Idem ibidem.

[52] Idem ibidem.

PL 3034/2000, apensados; e pela constitucionalidade, juridicidade, técnica legislativa e, no mérito, pela aprovação deste, nos termos do Substitutivo da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (op.cit.), com as alterações da Subemenda Substitutiva [53] da Comissão de Educação e Cultura. Este parecer retornou mais duas vezes ao CCJC e, assim às mãos do Dep. Tripoli, até que, em 4/8/2009, este Deputado apresentou outro parecer, o PRL 2 CCJC [54] , pela constitucionalidade, juridicidade, técnica legislativa e, no mérito, pela aprovação deste, nos termos do Substitutivo da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (op.cit.), com as alterações feitas pela Emenda Substitutiva da Comissão de Educação e Cultura (op.cit.), com subemenda[55], e pela rejeição do PL 2913/2000, do PL 2936/2000, do PL 2957/2000, do PL 3040/2000, do PL 3041/2000, do PL 3389/2000, do PL 3419/2000, do PL 4450/2001, do PL 4770/2001, do PL 5752/2001, do PL 12/2003, do PL 6445/2005, do PL 933/2007 e do PL 2875/2000, apensados; e pela inconstitucionalidade, injuridicidade e técnica legislativa do PL 2965/2000 e do PL 3034/2000, apensados. Aprovado por Unanimidade pela CCJC, em 17/11/2009.

Este parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania foi recebido para publicação no 19/11/2009, mas somente foi encaminhado à Coordenação de Comissões Permanentes (CCP) para publicação dia 2/12/2009. No dia seguinte, a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) apontou os PLs 2.965/00 e 3.034/00, apensados, sujeitos a arquivamento, com parecer pela inconstitucionalidade e injuridicidade. O Prazo para apresentação de recurso teve seu encerramento automático, sendo que não foram apresentados recursos na mesma data. Assim, em 4/2/2010 houve a desapensação automática dos PLs 2.965/00 e 3.034/00 do PL 2.875/00, apensados, em face do arquivamento dos mesmos.

No dia 5/5/2010, o Deputado Ricardo Tripoli (PSDB-SP), apresentou ao Plenário (PLEN) o Requerimento de Inclusão na Ordem do Dia n. 6777/2010, que: "Requer inclusão na Ordem do Dia do Projeto de Lei 7291/2006, que proíbe o uso de

---

[53] Disponível em: www.camara.gov.br.
[54] Idem ibidem.
[55] Idem ibidem.

animais em circos no Brasil". E esta foi a última providência tomada no Plenário sobre o Projeto de Lei 7291, que ainda está em vias de ser aprovado.

Situando o Fenômeno

> *A fenomenologia propõe um caminho: "a interdependência entre o sujeito e o mundo, de tal forma que o objeto do conhecimento só é apreendido quando o pesquisador vai de encontro ao mundo-vida do sujeito."* (DEGASPERI, 2004)[56]

Fenômeno Situado é uma forma de se fazer Fenomenologia. Para que a pesquisa aconteça, é preciso que o pesquisador interrogue um fenômeno e o situe na experiência vivida por alguém, e depois formule uma interrogação que geralmente se inicia com "o que é...", para que possa esclarecer a essência do fenômeno questionado. A Fenomenologia não trabalha com questionários pré-estipulados, com perguntas à priores, para construir uma redação ou relatório de pesquisa, pelo contrário, ela necessita que ocorra uma livre expressão para que o fenômeno da compreensão possa manifestar-se, e por isso são recolhidos discursos dos sujeitos situados que vivenciam o fenômeno.

Neste tipo de pesquisa, os dados são coletados através da comunicação entre sujeitos e o tratamento dos dados é feito através da interpretação, compreendida como um modo de ajuizar o sentido das proposições que levam a uma compreensão ou aclaramento dos sentidos e significados da palavra, das sentenças e dos textos. O tratamento numérico quantitativo, a mensuração e os procedimentos estatísticos não se constituem recursos para coletar, analisar e interpretar os dados estudados (Martins e Bicudo, p.28)[57] dentro da Fenomenologia, para que se possa ter uma representação da estrutura do fenômeno por cada um que o experiencia, mantendo a qualidade dos dados da pesquisa nesta metodologia, na qual a interpretação e a intuição que a sustenta são de grande importância para o tratamento dos dados recolhidos.

---

56 DEGASPERI, T. H. Pesquisa do fenômeno situado na compreensão dos educadores ambientais sobre o que é ecologia da mente. 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ecologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Rio Claro (SP), 2004.

57 MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos.1989.

Dentro da Fenomenologia, podem ser identificadas três trajetórias de Pesquisa Qualitativa, conhecidas como as modalidades C, L e F. A primeira envolve um delineamento complexo, concentrada no conteúdo específico que se deseja obter e no agrupamento dos fenômenos específicos descritos. A segunda, também denominada Linguística, se fundamenta em uma rede complexa de proposições, representando os dados através da linguagem, entendida como relato verbal. A modalidade F, também conhecida como Estrutura do Fenômeno Situado, envolve um fundamento filosófico e é geralmente usada pelos fenomenólogos, e será a usada neste trabalho.

No caso deste, o Fenômeno Situado está na compreensão que ativistas, que lutam pela retirada dos animais do circo, possuem da presença do animal no Circo. O fenômeno que será analisado é a compreensão que ativistas protetores de animais possuem do ambiente circense. O Sujeito Situado neste caso, são os envolvidos diretamente com os direitos animais e com o circo, os quais podem transmitir diferentes pontos de vista sobre como vivenciam este fenômeno.

Com o uso do discurso, que parte de um mundo-vida específico, um relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe, fazendo com que surja a consciência manifestada. Para isso, o discurso de cada indivíduo estudado foi coletado através da gravação destes durante uma passeata.

A posição dos ativistas

O fenômeno está situado na experiência de ativistas realizando uma manifestação pacífica na Avenida Paulista em São Paulo, das suas experiências vividas como defensores dos animais, especificamente quanto à retirada dos animais dos circos. Os argumentos dos ativistas esclarecem e possibilitam a compreensão da situação dos animais que são submetidos em espetáculos, forçados para o prazer e entretenimento humano, às custas do sofrimento e crueldades impostas à esses animais.

O abolicionismo animal

Os ativistas que vão para as ruas e realizam manifestações possuem, no caso de animais de circo, uma posição abolicionista para o animal que classificam como: refém do circo.

Coletar os discursos no momento da manifestação de ativistas numa passeata contra animais em circo é uma forma de situar o fenômeno da compreensão do que é o animal no circo na visão dos ativistas possibilitando o revelar da postura do abolicionismo animal.

A ecologia

Situar o fenômeno na compreensão de ativistas possibilita também uma compreensão de como pensar a ecologia dos animais nesta situação, o que envolve a retirada do animal do circo, o que fazer com este animal uma vez que os aspectos ecológicos destes seres foram quebrados. Reintroduzi-los na natureza, é impossível na maioria dos casos, mas então como abrigar os animais se retirados dos circos? Os abolicionistas acreditam na possibilidade de fazer este animal retirado do circo voltar a viver em seu habitat, sendo essa uma outra tarefa que dá seqüência à sua libertação após ser resgatado do cativeiro do circo.

Modalidade F:

O Estudo da Estrutura do Fenômeno Situado

Os procedimentos metodológicos dessa modalidade são orientados por uma posição filosófica; uma postura que reflete uma concepção ontológica, epistemológica e metodológica. A preocupação dos investigadores se volta mais para a natureza comum dos grandes grupos de fenômenos. O ponto de partida de um trabalho empírico é tomado em um intervalo amplo de fenômenos. A preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um

caso concreto do fenômeno investigado. As descrições e os agrupamentos dos fenômenos estão diretamente baseados nas descrições dos sujeitos, e os dados são tratados como manifestações dos fenômenos estudados. O objeto da investigação é coletar descrições e trabalhar a essência do fenômeno individual através das descrições obtidas. "*As descrições descrevem as estruturas dos fenômenos (as experiências) sem enfatizar o conteúdo específico, mas enfatiza a estrutura geral e fundamental do fenômeno (a essência)* ". (Martins e Bicudo, p.30 - 32)[58]

> *"Referente ao significado característico estrutural daquilo que é crucial para o pesquisador, a descrita na modalidade F procura encontrar características estruturais gerais, mas pretende descrever as características totalizadoras dos fenômenos delimitados para estudo". (Martins e Bicudo, p.32)*[59]

A delimitação do fenômeno está baseada em um enfoque metodológico-filosófico. Como, por exemplo, o fenômeno da experiência: segue da filosofia fenomenológica que esse fenômeno deve ser estudado a partir da experiência vivida pelo sujeito. A única generalização permitida na modalidade F se refere à estrutura do fenômeno considerado como um todo, pois descreve a estrutura do conteúdo total do fenômeno, a essência.

Martins e Bicudo afirmam que um delineamento específico não parte de situações ou tarefas específicas criadas especialmente para a investigação pretendida, mas abrange as que fazem parte da experiência vivida. Isso exige mais confiança no uso do relato da experiência dos participantes, e menor preocupação com os valores da abrangência da pesquisa.

O objetivo a ser atingido, dentro da modalidade F de Pesquisa Qualitativa, são descrições da essência do fenômeno experienciado e isso delimita o campo da pesquisa. Visto que a natureza descritiva do conhecimento desejado, ou que se almeja alcançar, ganha grande ênfase nesta modalidade de pesquisa, é necessário coletar descrições na forma de discursos abertos que revelam a experiência própria do participante que descreve a situação vivida.

---

58 MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos.1989.

59 Idem.

O objetivo é descrever os fenômenos estudados, para que se possa buscar a essência (ou a estrutura) do fenômeno que deve se mostrar necessariamente nas descrições. O conhecimento desejado é a essência do fenômeno. Alcançado através das descrições ingênuas, ou seja, não interpretadas do mesmo. (Martins e Bicudo, p.36)[60]

Não cabe ao investigador formular hipóteses sobre o que é aquilo que busca, mas sim procurar ver o fenômeno tal como o mesmo se mostra em termos de significados relacionais, pois assim, os fenômenos devem se mostrar para o pesquisador, tal como se apresentam para os sujeitos que o experienciam. Referente à essas experiências vividas pelos sujeitos situados, surgem as descrições a respeito da sua vivência, e os seus significados emergem do seu real vivido. Com a intenção de revelar a essência ou estrutura da experiência que foi descrita, as descrições dadas em termos ingênuos são passadas, posteriormente, para um discurso psicológico, no qual o enfoque concentra-se no conteúdo, procurando descrevê-lo exaustivamente, porém em termos gerais. (mudado de Martins e Bicudo, p.37)

A estrutura do fenômeno, ou sua essência, é o meio pelo qual se pode trazer à luz o que as relações vividas apresentam de essencial, assim o objetivo da pesquisa se torna descrever a natureza da experiência vivida e, dessa descrição, captar a essência, que não precisa ter apenas um significado.

60 MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos.1989.

Interrogação

A inquietação que direciona a consciência para a pesquisa ora apresentada é movida pela pergunta norteadora:

O que é o animal no circo?

Pergunta essa que foi, direcionada às pessoas que lutam na causa em defesa dos animais de circo, por estarem diretamente envolvidas com o fenômeno.

Este animal confinado é impedido de exercer suas funções naturais, obedecer à seus instintos. Não tem mais a liberdade de caçar quando quiser, migrar para onde quiser, disputar outros territórios, reproduzir. Sofrem diversos tipos de crueldades, para que correspondam à seus domadores durante as apresentações.

A partir da compreensão da presença do animal no circo, é possível se investigar sobre o uso do animal pelos seres humanos, e entender a relação homem –animal dentro do ambiente circense. Outra reflexão que surge dessa pergunta é, se os animais que viveram em circos ainda podem exercer suas funções de animais, viver em seu habitat natural, caçar, reproduzir, defender território, interagir socialmente com outros de sua espécie, que nunca estiveram sob domínio humano.

Uma questão que deve ser debatida, neste momento em que as pessoas parecem estar se conscientizando para a importância da conservação do resto do planeta, tomando ciência de que o ser humano não é a única espécie que tem direito à vida no planeta e sim depende das outras para sua sobrevivência e manutenção. No momento desta transformação na mentalidade das pessoas para a necessidade de proteção ambiental, surge esta proposta de lei que, se for aprovada irá abolir os animais dos circos em todo o território nacional. Esta nova proposta de regulamentação deve e merece ser discutida. Mas para que isso seja possível, é interessante que voltemos às bases: o que é um animal no circo, para que entendendo o que ele é, seja possível tomar medidas sensatas sobre sua situação, visto que esses animais não tem a possibilidade de lutar por seus direitos.

Metodologia

Pesquisa Qualitativa

Este trabalho não estará pautado nos moldes da Pesquisa Quantitativa, típica do Modelo Positivista, mas é uma Pesquisa Qualitativa. Diferente da estatística utilizada na pesquisa quantitativa, a qualitativa não visa generalizações empíricas formais como resultado final e objetivo da pesquisa, mas busca uma compreensão daquilo que estuda. Ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis. Como o nome já indica, a preocupação é com a qualidade das informações oriundas da pesquisa, na qual a generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados, como indica Joel Martins e Maria Aparecida Viggiani Bicudo.

Ao mudar o que é considerado primordial na pesquisa, as questões lógicas e metodológicas são abandonadas, dando origem ao uso e ao desenvolvimento de uma variedade de recursos e de técnicas. A Pesquisa Qualitativa pode ser considerada descritiva, pois trabalha a partir de descrições e reduções, que são interpretadas.

A maior diferença desses grandes grupos, é que a pesquisa quantitativa trabalha com fatos e a qualitativa com fenômenos. Assim, o interesse está em revelar os significados e a compreensão, mais do que procurar explicações ou fazer analogias com teorias explicativas que pretendam sustentar a experiência vivida ou as posturas filosóficas decorrentes de conceituações.

O Positivismo entende fato como sendo tudo aquilo que pode se tornar objetivo e rigorosamente estudado enquanto objeto da ciência, seguindo a regra básica dos empiristas, todo o conhecimento precisa ser provado através do sentido

de certeza e de observação sistemática que asseguram a objetividade. (Martins e Bicudo) Esta definição encontra suporte nos fundamentos da lógica de Stuart Mill, no empirismo, positivismo e cartesianismo clássico.

> *O significado de fenômeno vem da expressão grega fainomenon e deriva-se do verbo fainestai que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Fainestai é uma forma reduzida que provém de faino, que significa trazer a luz do dia. Faino provém da raiz Fai, entendida como fos, que quer dizer luz, aquilo que é brilhante. Em outros termos, significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo. Assim, fainomenon significa aquilo que se mostra, que se manifesta. A expressão Fenômeno tem o significado de aquilo que se mostra em si mesmo, o manifesto. Fainomena ou fenomena são o que se situa à luz do dia, ou o que pode ser trazido à luz. Os gregos identificavam os fainomena simplesmente como ta onta que quer dizer entidades. Uma entidade, porém, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo, em cada caso, do acesso que se tem a ela. (Martins e Bicudo)*[61]

O fenômeno assume o sentido da entidade que se mostra em um local situado, o *locus* de um objeto com respeito aos eventos. Os fenômenos só podem se mostrar enquanto situados. Ou seja, só se mostram em situação onde um ser específico o está sentindo. O acesso ao fenômeno se dá pelo sentir e, indiretamente por meio da descrição do sentir.

Esta definição encontra suporte nas visões idealistas, neoidealistas, existencial e fenomenológica a respeito de realidade e de conhecimento. O fato é controlado após ter sido definido, e o fenômeno, mostra-se a si mesmo, situando-se. Assim, a partir da conceituação do fenômeno, pode se falar de seu estudo: a Fenomenologia.

Constituição dos dados

Os dados foram coletados a partir da gravação dos discursos de ativistas em uma passeata em São Paulo. Dezesseis ativistas deram seus depoimentos do que acham sobre os animais em circo.

---

[61] MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos.1989.

As Análises

Esta modalidade trabalha com a Redução Fenomenológica, que tem início quando se coloca o fenômeno em suspensão, não buscando mais do que o mesmo nos dados obtidos. Para isso, a partir das descrições elaboradas sobre os discursos dos sujeitos situados, as análises se iniciam com a leitura cuidadosa destas, para que possa ser formado um sentido para o conjunto de proposições. O próximo passo, se dá em uma nova leitura deste texto, com o objetivo de encontrar e identificar as "unidades de significado" do discurso, para que assim possa-se transformar cada "unidade de significado" do discurso ingênuo para o discurso ecológico. Assim, após a identificação dessas unidades, pode-se partir para a Nomotética. (Martins e Bicudo)[62]

Análise Ideográfica

A partir do discurso coletado, há a descrição deste e a redução das unidades de significado extraídas, revelando as partes do discurso, buscado as essências de seus significados.

Tais unidades de significado, em suas essências, serão então agrupadas em um quadro chamado Nomotético. Que por sua vez, possibilita novamente a análise do todo do fenômeno.

Análise Nomotética

A análise Nomotética têm a função de apresentar a idéia do conjunto dos discursos. Ela corresponde à síntese, à totalidade do fenômeno desvelado. Por isso é a partir dela que se constroem os resultados e apontamentos do trabalho. O quadro Nomotético é constituído, basicamente, de uma coluna contendo as

62 MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos.1989.

Interpretações das Unidades de Significado, seguidas de sua origem; o número da unidade propriamente dita. As outras colunas correspondem aos discursos individuais analisados.

Cruzando as unidades de significado interpretadas dos diversos discursos, pode-se chegar à convergências, divergências, ou singularidades, que representam a exclusividade de um sujeito. As convergências indicam experiências estritamente ligadas entre sujeitos diferentes, levando a significados muito semelhantes. As divergências, pelo contrário, indicam algum tipo de choque entre experiências de sujeitos. A análise Nomotética não pretende chegar a uma generalização do fenômeno, mas às suas generalidades. A construção dos resultados será realizada em função da perspectiva em que cada indivíduo está situado.

Análise dos dados

Discurso I:

O que é para você o animal no circo?

Olha, é eu acho que [1][animal não é objeto, ele não é entretenimento pra ninguém]. Hoje em dia nós temos muitos animais de companhia, cachorros, gatos, que vivem em casa mais pra agradar os donos, eu acho que [2][todos os animais, inclusive os seres humanos tem todo direito a vida possível], então, pra mim eu [3][não vejo muita diferença entre escravizar um animal e escravizar um ser humano, prender um animal e prender um ser humano, usar um animal como comida e é a mesma coisa]. Então eu a [4][alternativa pra mim seria simplesmente banir isso porque é uma das coisas mais primitivas que eu acho que existe na face da terra. Usar animais pra entretenimento, a dor do outro], sendo que eles [5][são muito mal tratados, sabe claro, lógico que nem todos os circos maltratam existe assim um ou dois no mundo que cuidam razoavelmente], mas mesmo assim eles não são objetos de entretenimento eles são seres.

Análise I:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. animal não é objeto, ele não é entretenimento pra ninguém	O animal é um ser e não um objeto uma diversão.	Contra a visão do animal objeto, diversão.
2. todos os animais, inclusive os seres humanos tem todo direito a vida possível	Animais e seres humanos têm os mesmos direitos a vida.	Direitos iguais para animais e seres humanos.
3. não vejo muita diferença entre escravizar um animal e escravizar um ser humano, prender um animal e prender um ser humano, usar um animal como comida e é a mesma coisa	Não há diferença entre animal e ser humano.	Animal e seres humanos são iguais.
4. alternativa pra mim seria simplesmente banir isso porque é uma das coisas mais primitivas que eu acho que existe na face da terra. Usar animais pra entretenimento, a dor do outro	Banir o animal do circo, que é algo primitivo usar a dor do outro para se divertir.	Acabar com o animal no circo e parar essa diversão ultrapassada.
5. são muito mal tratados, sabe	Animais são muito mal tratados	Um ou dois circos podem tratar

claro, lógico que nem todos os circos maltratam existe assim um ou dois no mundo que cuidam razoavelmente	no circo. Pode existir um ou dois circos que tratem os animais razoavelmente.	os seus animais, razoavelmente, mas no restante são muito maltratados.

Análise Ideográfica I:

Animal e seres humanos são iguais, portanto necessitam dos mesmos direitos. Colocar um animal num circo para divertir seres humanos é inconcebível, uma diversão ultrapassada. É preciso acabar com os animais em circo. Apesar de poder existir um ou dois circos que tratem razoavelmente de seus animais, a grande maioria trata muito mal.

Discurso II:

O que é, para você, o animal no circo?

[1] [O animal de circo é como se fosse uma farsa] porque ele está ali fazendo um negócio que [2][ele é obrigado a fazer não é porque ele está gostando] [3][as pessoas ainda conseguem aplaudir uma barbaridade dessa.] Sendo que pode fazer, tem [4][circos ai fora que são maravilhosos que não usam nem um tipo de animal.][5][Assim é ancestral, ainda tem a capacidade de cortar as presas, queimar, bater, furar os animais pra fazer isso.] Eu acho [6][totalmente errado os animais não tem que passar por isso nunca.] [7][As alternativas, tipo tem muitas pessoas talentosas, que fazem trabalhos maravilhosos.] Depois tem os [8][animais que passam a vida inteira, nesses maus tratos], nesses maus tratos do circo, [9][alguns têm sorte de os protetores acharem por denúncias e ainda levar eles pra ranchos, e ai tem uma parte adulta, idosa, ainda tranqüila, mas ainda fica com as seqüelas, dentes serrados às vezes ficam cegos, atrofiam porque eles têm que passar a vida inteira em celas minúsculas,] [10][mas outros têm o azar ou mesmo a sorte de morrer nessas selas que são horríveis.]

Análise II:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. O animal de circo é como	O animal de circo é uma farsa.	O animal de circo não é tão real

se fosse uma farsa		quanto o que está solto
2. ele é obrigado a fazer não é porque ele está gostando	O animal é obrigado a fazer números circenses a contragosto.	O animal não gosta de atuar, é obrigado.
3. as pessoas ainda conseguem aplaudir uma barbaridade dessa	Uma barbaridade aplaudida pelo público	A população incentiva isso que é uma barbaridade.
4. circos ai fora que são maravilhosos que não usam nem um tipo de animal	Há circos maravilhosos que não usam animais.	O circo pode ser maravilhoso sem animais.
5. Assim é ancestral, ainda tem a capacidade de cortar as presas, queimar, bater, furar os animais pra fazer isso.	Os animais tem suas presas cortadas, são queimados, furados e apanham.	Dentre as torturas aplicadas, os animais têm as presas cortadas, são furados, queimados e surrados.
6. totalmente errado os animais não tem que passar por isso nunca	É errado que os animais tenham que passar por isso.	É errado que os animais tenham que passar por isso.
7. As alternativas, tipo tem muitas pessoas talentosas, que fazem trabalhos maravilhosos	Há alternativas em locais que pessoas fazem trabalhos maravilhosos.	Há pessoas que trabalham em alternativas melhores de destino dos animais.
8. animais que passam a vida inteira, nesses maus tratos	Os animais de circo passam a vida inteira nesses maus tratos.	O animal de circo leva uma vida de maus-tratos.
9. alguns têm sorte de os protetores acharem por denúncias e ainda levar eles pra ranchos, e ai tem uma parte adulta, idosa, ainda tranqüila, mas ainda fica com as seqüelas, dentes serrados às vezes ficam cegos, atrofiam porque eles têm que passar a vida inteira em celas minúsculas	Alguns animais tem sorte quando são feitas denúncias e eles são recolhidos pelos protetores, que os levam a lugares em que podem envelhecer em paz, mas ainda mantendo as seqüelas, dentes cerrados, cegueira e membros atrofiados.	Através de denúncias, os animais podem ser encaminhados a associações protetoras, onde podem envelhecer em paz, ainda com graves seqüelas: dentes cerrados, cegueira e membros atrofiados.
10. mas outros têm o azar ou mesmo a sorte de morrer nessas selas que são horríveis	Alguns animais tem a sorte, ou azar de morrer nessas horríveis celas.	Os animais podem ter sorte ao morrer, pois saem dessa situação, mas também azar por não mais viverem.

Análise Ideográfica II:

O animal de circo não é tão real quanto o que está solto, é obrigado de atuar a contragosto, sob torturas como: ter as presas cortadas, serem furados, queimados e surrados, incentivado pela população que aplaude essa barbaridade. O animal leva uma vida de maus-tratos e pode ter sorte ao morrer, e sair dessa situação, o que também pode ser azar por perderem a vida. É errado que tenham que passar por isso, pois o circo pode ser maravilhoso sem os animais. Através de denúncias, os animais podem ser encaminhados a associações protetoras, onde podem envelhecer em paz, ainda com graves seqüelas: dentes cerrados, cegueira e

membros atrofiados. Mas nessas associações, há pessoas que trabalham em alternativas para melhores destinos dos animais.

Discurso III:

O que é, para você, o animal no circo?

[1].[Pura crueldade, porque lugar de animal não é em gaiola em circo] e [2][tem várias opções de circos sem animal, Cirque du Soleil é um dos circos mais freqüentados do mundo e não tem animal as apresentações são ótimas.] E [3][tem leis que impedem animais em circo, mas muitos circos acabam quebrando as leis e continuam usando animal e tipo ninguém faz nada, parece que lei é contra mas a justiça é a favor do circo.] O circo, também [4][além da crueldade de bater nos animais, muitos animais passam fome, são precárias as situações, gaiolas apertadas, já vi gaiola com mais de dois leões, gaiolas de menos de dois metros quadrados e tipo a gente não vê solução pra isso porque cada vez aumenta mais o número de circos, circos precários de situações, é circos que não tem grande nome e tipo só está aumentando, só está aumentando, muito circo é deixo vê, muitos circos pequenos com animais, não sei como conseguem dinheiro pra conseguir esses animais e tipo e, também, fica precária a situação].[5][Porque se tirar esses animais do circo pra onde eles vão, já teve um caso que tinha um leão passando fome no circo e tipo ciganos assim compraram esse leão e hoje alimentam o leão e tal, mas teve que passar por um processo de legalização muito grande assim, demora muito] e, também, assim [6][é muito difícil para uma pessoa que mora numa cidade cuidar de um leão e tipo é isso assim.] [7][Adaptar o animal fica mais por conta do IBAMA, essas coisa mais, por que não tem como eu, também, vai pegar um leão e tipo esconder ele dentro de casa é impossível e tem que deixar por conta do IBAMA, as vezes eles colocam em lugares tipos ONGS iguais tem de cachorros de ruas os caras pegam, é a mesma coisa. Tem também como eu posso lhe dizer organizações que pegam animais de circo e criam, acho que é essa a solução, apesar de não ser naturalmente porque lugar de animal é na floresta. Mas dá pra dar uma sobrevida melhor, é ruim de readaptar, mas não custa nada tentar porque o lugar deles é lá] né.

Análise III:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação.
1. Pura crueldade, porque lugar de animal não é em gaiola em circo	Lugar de animal não é no circo, isso é pura crueldade.	É crueldade manter os animais no circo.
2. tem várias opções de circos sem animal, Cirque du Soleil é um dos circos mais freqüentados do mundo e não tem animal as apresentações são ótimas.	O Cirque du Soleil não utiliza animais, suas apresentações são ótimas e muito frequentadas	Há circos muito bons e prestigiados que não utilizam animais, como o Cirque Du Soleil.
3. tem leis que impedem animais em circo, mas muitos circos acabam quebrando as leis e continuam usando animal e tipo ninguém faz nada, parece que lei é contra mas a justiça é a favor do circo	A leis que impedem animais no circo são frequentemente quebradas, e a justiça parece ser a favor do circo.	A justiça não toma providências contra os circos com animais que quebram as leis.
4. além da crueldade de bater nos animais, muitos animais passam fome, são precárias as situações, gaiolas apertadas, já vi gaiola com mais de dois leões, gaiolas de menos de dois metros quadrados e tipo a gente não vê solução pra isso porque cada vez aumenta mais o número de circos, circos precários de situações, é circos que não tem grande nome e tipo só está aumentando, só está aumentando, muito circo é deixo vê, muitos circos pequenos com animais, não sei como conseguem dinheiro pra conseguir esses animais e tipo e, também, fica precária a situação	Os animais sofrem crueldade, apanham, passam fome, ficam em precárias gaiolas apertadas, algumas com mais de dois leões em menos de $2m^2$. Aumenta cada vez mais a quantidade de circos pequenos, em situações precárias e portando animais.	Os animais sofrem crueldade, apanham, passam fome, ficam em precárias gaiolas apertadas, inadequadas ao porte e hábito dos animais. Há muitos circos pequenos com animais em situações precárias.
5. Porque se tirar esses animais do circo pra onde eles vão, já teve um caso que tinha um leão passando fome no circo e tipo ciganos assim compraram esse leão e hoje alimentam o leão e tal, mas teve que passar por um processo de legalização muito grande assim, demora muito	É difícil a destinação dos animais retirados do circo, é preciso passar por um longo processo de legalização que é muito demorado.	A destinação dos animais retirados do circo é uma incógnita, para que sejam adotados é preciso passar por um longo e demorado processo de legalização.
6. é muito difícil para uma pessoa que mora numa cidade cuidar de um leão e tipo é isso assim	É muito difícil para alguém que mora numa cidade cuidar de um leão.	Cuidar dos animais de circo não é fácil.
7. Adaptar o animal fica mais por conta do IBAMA, essas coisa mais, por que não tem como eu, também, vai pegar um leão e tipo esconder ele dentro	O IBAMA é o órgão responsável pelo encaminhamento desses animais, levando-os algumas vezes para ONG´s que tratam de animais domésticos e	O IBAMA é responsável pelos animais selvagens, encaminhando-os para ONG´s que cuidam de animais mas não solucionam o problema,

de casa é impossível e tem que deixar por conta do IBAMA, as vezes eles colocam em lugares tipos ONGS iguais tem de cachorros de ruas os caras pegam, é a mesma coisa. Tem também como eu posso lhe dizer organizações que pegam animais de circo e criam, acho que é essa a solução, apesar de não ser naturalmente porque lugar de animal é na floresta. Mas dá pra dar uma sobrevida melhor, é ruim de readaptar, mas não custa nada tentar porque o lugar deles é lá.	selvagens. Essas ONG´s podem ser a solução, apesar de não ser o habitat natural desses animais, que é a floresta, mas assim eles podem ter uma sobrevida melhor. A readaptação é muito difícil, mas deveria ser tentada porque o lugar deles é lá.	apenas dão a esses animais uma vida melhor, devido à impossibilidade de devolvê-los à natureza.

Análise Ideográfica III

Os animais mantidos no circo sofrem crueldades, apanham, passam fome, ficam em precárias gaiolas apertadas, inadequadas ao porte e hábito dos animais. Há muitos circos pequenos com animais em situações precárias, mas também há circos muito bons e prestigiados que não utilizam animais, como o Cirque Du Soleil. Os circos que quebram as leis são protegidos pela justiça que não toma providências. A destinação dos animais retirados do circo é uma incógnita, pois para que sejam adotados é preciso passar por um longo e demorado processo de legalização, e não é fácil cuidar desses animais. O IBAMA é responsável pelos animais selvagens, e encaminha-os para ONG´s que cuidam desses animais mas não solucionam o problema, apenas dão a eles uma vida melhor, devido à impossibilidade de devolvê-los à natureza.

Discurso IV:

O que é, pra você, o animal no circo?

O animal em circo é [1][uma das formas que o ser humano encontra de explorar o animal pra entretenimento e diversão sem se importar com o sofrimento dos animais]. O [2][lugar de animal pra mim não é em circo porque, porque no circo ele sofre demais o animal, porque o confinamento é muito grande, o espaço que ele fica confinado ele é muito pequeno, ele tem que fazer viagens constantes, isso é

muito estressante para o animal ele está fora do habitat] e o [3][pior sofrimento pra mim é o adestramento, porque pra adestrar um elefante, por exemplo, ele recebe choque, queimadura, o domador bate nele], então, é [4][o animal sofre diversas privações no ambiente do circo que devia ser proibido] isso. [5][A substituição eu acho que seria bom até para o circo para a imagem do circo e para os artistas, porque criaria mais emprego para os artistas e eliminaria esse aspecto deprimente, grotesco que o circo tem de exploração], seria melhor para todo mundo inclusive para os artistas e para o próprio circo porque [6][os melhores circos do mundo, não usam animais]. Eu não cheguei a pensar muito ainda sobre a readaptação do animal, mas assim, eu acredito que [7][esse animal ele tem que, no circo ele não pode ficar, teria que ser criado um reserva especial para esses animais e onde eles pudessem passar o resto da vida deles numa situação mais confortável do que eles passam hoje]. Eu acho que [8][é o governo que deveria assumir os custos desses animais. Acredito que a partir do momento que os animais de circo forem proibidos, o governo devia assumir os custos de criar uma reserva para esses animais porque a responsabilidade é do governo]. Porque a partir do momento que ele proibiu ele permitiu esses animais e não criou nem uma lei contra ele deu o aval para isso, para essa situação. Então o governo é responsável pra criar um fundo pra construir uma reserva.

Análise IV:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. uma das formas que o ser humano encontra de explorar o animal pra entretenimento e diversão sem se importar com o sofrimento dos animais	O animal no circo é uma das formas que o homem tem de explorá-los para sua diversão e entretenimento, sem preocupação com seu sofrimento.	O animal de circo é explorado pelo homem para sua diversão e entretenimento, sem preocupação com seu sofrimento.
2. lugar de animal pra mim não é em circo porque, porque no circo ele sofre demais o animal, porque o confinamento é muito grande, o espaço que ele fica confinado ele é muito pequeno, ele tem que fazer viagens constantes, isso é muito estressante para o animal ele está fora do habitat	Lugar de animal não é no circo, lá ele sofre demais, fica confinado em espaços muito pequenos onde tem que fazer viagens constantes, o que é muito estressante para o animal que está fora de seu habitat.	Contra o animal no circo, ao seu sofrimento e estresse que passa viajando em confinamento fora de seu habitat.
3. pior sofrimento pra mim é o adestramento, porque pra adestrar um elefante, por exemplo, ele recebe choque,	O pior sofrimento é o adestramento, porque, ele recebe choque, queimadura e o domador bate nele.	As técnicas usadas para o adestramento envolvem choques, queimaduras e surras, que causam grande sofrimento.

queimadura, o domador bate nele		
4. o animal sofre diversas privações no ambiente do circo que devia ser proibido	Devia ser proibido as diversas privações que o animal sofre no ambiente do circo.	A favor da proibição dos animais no circo devido às diversas privações sofridas por eles.
5. A substituição eu acho que seria bom até para o circo para a imagem do circo e para os artistas, porque criaria mais emprego para os artistas e eliminaria esse aspecto deprimente, grotesco que o circo tem de exploração	A substituição do animal pelo artista seria boa para a imagem do circo e para os artistas, porque criaria mais emprego para os artistas e eliminaria esse aspecto deprimente, grotesco que o circo tem de exploração.	O circo e os artistas ganhariam com a proibição dos animais devido ao aumento da oferta de empregos para ele, eliminando a visão de exploração associada à imagem do circo.
6. os melhores circos do mundo, não usam animais	Os melhores circos do mundo, não usam animais.	O circo pode ser bom sem os animais.
7. esse animal ele tem que, no circo ele não pode ficar, teria que ser criado um reserva especial para esses animais e onde eles pudessem passar o resto da vida deles numa situação mais confortável do que eles passam hoje.	Esse animal não pode ficar no circo, ele teria que ser criado um reserva especial onde eles pudessem passar o resto da vida numa situação mais confortável do que eles passam hoje.	A favor do encaminhamento do animal do circo para reservas onde terão uma situação mais confortável.
8. é o governo que deveria assumir os custos desses animais. Acredito que a partir do momento que os animais de circo forem proibidos, o governo devia assumir os custos de criar uma reserva para esses animais porque a responsabilidade é do governo	A partir do momento que os animais de circo forem proibidos, o governo deve assumir os custos de criar uma reserva para esses animais, pois essa é sua responsabilidade.	O governo devera ser responsabilizado pelos custos de manutenção desses animais, criando uma reserva para eles.

Análise Ideográfica IV:

A favor da proibição dos animais no circo devido às diversas privações que sofrem. Contra o animal no circo, onde é explorado pelo homem para sua diversão e entretenimento, sem preocupação com seu sofrimento e estresse que passa viajando em confinamento fora de seu habitat, além das técnicas usadas para o adestramento, que envolvem choques, queimaduras e surras. O circo pode ser bom sem os animais, os artistas ganhariam com a proibição devido ao aumento da oferta de empregos, eliminando a visão de exploração associada à imagem do circo. O animal do circo deve ir para reservas onde terão uma situação mais confortável, criadas e mantidas pelo governo.

Discurso V:

O que é, para você, o animal no circo?

[1][Pura crueldade], não é. Olha eu acho que nós estamos em pleno século vinte e um e [2][não tem mais graça nenhuma isso animais em circo] não é. A gente vê o [3][Cirque du Soleil, por exemplo, que é um grande exemplo de que a criatividade humana pode sim ser capaz de alegrar, ser capaz de fazer as pessoas passarem bons momentos], [4][não precisa mais haver animais nunca precisou, é pura ignorância]. O que eu proponho [5][para readaptar esses animais seria assim o que é talvez inevitável porque não tem como colocá-los novamente no habitat deles natural, então, acredito que seria mesmo ONGs], [6][essas ONGS, espaços acho que até o governo deveria criar para colocar esses animais para poderem ter um pouco mais um resto de vida digna pra eles que eles nunca tiveram].

Análise V:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. Pura crueldade	Pura crueldade.	Crueldade.
2. não tem mais graça nenhuma isso animais em circo	O animal no circo não tem graça nenhuma.	Não acha engraçado animal no circo.
3. Cirque du Soleil, por exemplo, que é um grande exemplo de que a criatividade humana pode sim ser capaz de alegrar, ser capaz de fazer as pessoas passarem bons momentos,	Cirque du Soleil é um grande exemplo da criatividade humana de alegrar, de fazer as pessoas passarem bons momentos.	Cita o Cirque du Soleil como exemplo de um bom circo que não usa animais.
4. não precisa mais haver animais nunca precisou, é pura ignorância	não precisa haver animais no circo, é pura ignorância.	O animal no circo é uma ignorância desnecessária.
5. para readaptar esses animais seria assim o que é talvez inevitável porque não tem como colocá-los novamente no habitat deles natural, então, acredito que seria mesmo ONGs	Não tem como colocar esses animais novamente no habitat natural deles, há ONGs para readaptar esses animais.	Devido à impossibilidade de reintrodução dos animais de circo, sugere que sejam tratados por ONG´s.
6. essas ONGS, espaços acho que até o governo deveria criar para colocar esses animais para poderem ter um pouco mais um resto de vida digna pra eles que eles nunca tiveram	O governo deveria criar espaços para colocar esses animais para terem um resto de vida digna que eles nunca tiveram.	O governo deve fazer reservas para acolher esses animais e dar a eles uma vida digna.

Análise Ideográfica V

Não acha engraçado animal no circo, mas uma crueldade. O animal no circo é uma ignorância desnecessária, visto que há bons circos sem animais, como o Cirque du Soleil, por exemplo. O governo deve fazer reservas para acolher esses animais e dar a eles uma vida digna, dada a impossibilidade de reintrodução dos animais de circo, sugere que sejam tratados por ONG´s.

Discurso VI:

O que é, para você, o animal no circo?

Olha [1][é um absurdo] porque primeiro [2][o lugar dele não é lá, ele é retirado do seu habitat é criado em cativeiro justamente para isso e ele não foi feito pra isso ele tem a sua própria vida ele tem o direito de ter a sua própria vida, ele tem o direito de viver em liberdade de formar sua própria família de viver com seus companheiros e de viver livre no seu habitat]. [3] [A finalidade do animal não é essa, nós não temos esse direito e eles são muito maltratados e ainda que não fossem não é o lugar deles. O ser humano é perfeitamente capaz de caminhar com suas próprias pernas e eu acho que também é extremamente criativo para poder fazer shows, espetáculos sem precisar utilizar outra espécie], está aí o [4][Cirque du Soleil que é um exemplo maravilhoso que a gente tem de artistas fantásticos espetaculares não precisa se utilizar, explorar nem ferir outras espécies para isso], para fazer um espetáculo maravilhoso. É infelizmente nesses casos desses [5][animais que estão a vida inteira lá no circo, acho que ele tem que ser recolhido num santuário como o Rancho dos Gnomos, por exemplo, que são lugares que eles vão ser bem cuidados ele não vai ser explorado e ele vai ter direito a uma vida digna, mesmo estando fora de seu habitat], porque [6][nessas condições ele não tem mais como ser reintegrado], mas eu acredito que instituições como o Rancho estão aí para dar suporte a esses animais e dar a eles uma velhice digna.

Análise VI:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é um absurdo	O animal no circo é um	Um absurdo.

	absurdo.	
2. o lugar dele não é lá, ele é retirado do seu habitat é criado em cativeiro justamente para isso e ele não foi feito pra isso ele tem a sua própria vida ele tem o direito de ter a sua própria vida, ele tem o direito de viver em liberdade de formar sua própria família de viver com seus companheiros e de viver livre no seu habitat	Lugar de animal não é no circo, ele é retirado do seu habitat e criado em cativeiro, ele não foi feito pra isso, ele tem a sua própria vida e o direito de vivê-la em liberdade, formar sua própria família e viver com seus companheiros livre no seu habitat.	Contra o animal no circo, devido à sua condição de cativeiro. Afirma que o animal tem direito a viver em liberdade no seu habitat, junto de sua família e companheiros.
3. A finalidade do animal não é essa, nós não temos esse direito e eles são muito maltratados e ainda que não fossem não é o lugar deles. O ser humano é perfeitamente capaz de caminhar com suas próprias pernas e eu acho que também é extremamente criativo para poder fazer shows, espetáculos sem precisar utilizar outra espécie	A finalidade do animal não é essa, nós não temos esse direito e eles são muito maltratados e mesmo se não fossem não é o lugar deles. O ser humano é perfeitamente capaz de caminhar com suas próprias pernas e também é extremamente criativo para poder fazer shows, espetáculos sem precisar utilizar outra espécie.	O ser humano não tem direito de maltratar os animais, é muito capaz e criativo para criar espetáculos sem eles.
4. Cirque du Soleil que é um exemplo maravilhoso que a gente tem de artistas fantásticos espetaculares não precisa se utilizar, explorar nem ferir outras espécies para isso	Cirque du Soleil é um exemplo maravilhoso de artistas fantásticos e espetaculares que não utiliza, explora ou fere outras espécies para isso.	Cita o Cirque du Soleil como exemplo de um maravilhoso espetáculo sem animais.
5. animais que estão a vida inteira lá no circo, acho que ele tem que ser recolhido num santuário como o Rancho dos Gnomos, por exemplo, que são lugares que eles vão ser bem cuidados ele não vai ser explorado e ele vai ter direito a uma vida digna, mesmo estando fora de seu habitat	Os animais que estão a vida inteira no circo, devem ser recolhidos por um santuário como o Rancho dos Gnomos, por exemplo, lugares que eles vão ser bem cuidados, não vão ser explorados e vão ter direito a uma vida digna, mesmo fora de seu habitat.	Os animais devem ser encaminhados a santuários como o Rancho dos Gnomos, onde serão bem cuidados e terão uma vida digna.
6. nessas condições ele não tem mais como ser reintegrado	O animal de circo não tem mais como ser reintegrado.	É impossível reintegrar o animal à floresta.

Análise Ideográfica VI:

Contra o animal no circo, devido à sua condição de cativeiro. Afirma que o animal tem direito a viver em liberdade no seu habitat, junto de sua família e companheiros. Um absurdo pois o ser humano não tem direito de maltratá-los, é muito capaz e criativo para criar espetáculos sem eles. Cita o Cirque du Soleil como exemplo de um maravilhoso espetáculo sem animais. E como é impossível

reintegrar o animal à floresta, eles devem ser encaminhados a santuários como o Rancho dos Gnomos, onde serão bem cuidados e terão uma vida digna.

Discurso VII:

O que é, para você, o animal no circo?

Eu acho que o animal em circo [1][é totalmente injustificável essa questão de animais em circo] porque a gente sabe que [2][a arte vem do artista e não do animal que fica escravizado engaiolado, enjaulado, tendo a sua liberdade prejudicada e tendo em vista que os animais eles devem viver na savana, que é o seu habitat natural], então [3][o grande culpado disso tudo é o ser humano como sempre, porque se não houvesse comércio de animais e se não houvesse circo e zoológicos com animais provavelmente os animais estariam vivendo no seu habitat natural na savana onde eles devem viver realmente no seu local onde eles vivem em harmonia e livre da crueldade do ser humano]. Uma questão importante é que hoje os donos de circo as pessoas que ganham dinheiro com essa exploração tentam dizer que os manifestantes os ativistas são contra o circo, quando na verdade [4][nós não somos contra circo, nós somos contra os circos que ainda utilizam animais em suas apresentações], em seus espetáculos entre aspas, que na verdade ali não existe espetáculo nenhum. E sem falar de [5][toda uma crueldade que envolve não é? Porque os animais para eles poderem fazer aquelas apresentações eles são chicoteados eles sofrem inúmeras crueldades, são furados, tigres tem seus dentes arrancados, elefantes são colocados em chapas quentes para poder fazer aqueles espetáculos de acrobacia, enfim, inúmeras crueldades que a gente poderia relatar em relação aos animais]. Então eu acho que o nosso intuito é esse. E eu tenho muita esperança que em breve nós vamos conseguir acabar com as apresentações de circo com animais no Brasil. Como [6][existem grandes circos no mundo como o Cirque du Soleil, por exemplo, que não utiliza animais em suas apresentações, agente, também, tem alguns circos e alguns teatros em São Paulo como o Teatro Mágico, também, que é uma forma de apresentação sem animais]. Então eu acho que [7][aos poucos o ser humano esta tendo essa conscientização], e eu tenho muita esperança que em breve a gente vai acabar [8][a gente vai conseguir abolir as

apresentações de animais em circo porque na verdade isso não é um espetáculo]. Eu acho que tem até algumas frases que nós falamos: “Circo legal é aquele que não tem animal.” E “circo não é lugar de bicho”. Outra grande questão que é [9][um problema que a gente vê, é o que fazer com esses animais]. Então eu acho que [10][deveria ter uma grande campanha de conscientização uma grande união dos ativistas de ONGs e do governo em geral], porque na verdade [11][o governo ele é conivente com essa exploração. Então ao mesmo tempo em que ele é conivente com a exploração ele deveria ajudar, também, a fazer com que esses animais voltem para seu habitat natural]. E a gente sabe que [12][esses animais muitos deles têm traumas, tem seqüelas que vão ficar pro resto da sua vida], então, acho que o mínimo que o ser humano pode fazer em relação a esses animais é dar dignidade pra eles, não é, muitos deles no final de suas vidas. Então, acho que [13][o mínimo que o humano pode fazer é dar dignidades para os animais, fazendo com que eles possam viver em harmonia, viver em um local tranqüilo em paz]. E eu acho que [14][a gente tem muito pra aprender com os animais]. [15][A gente tem muito que fazer por eles também. Enquanto eles não têm vozes para se defenderem acho que nós somos as vozes desses animais e acho que a gente tem que continuar lutando sim pra acabar com essa exploração, acabar com essa crueldade].

Análise VII:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é totalmente injustificável essa questão de animais em circo	É totalmente injustificável essa questão de animais em circo.	Uma questão injustificável.
2. a arte vem do artista e não do animal que fica escravizado engaiolado, enjaulado, tendo a sua liberdade prejudicada e tendo em vista que os animais eles devem viver na savana, que é o seu habitat natural	A arte vem do artista e não do animal que fica escravizado engaiolado, enjaulado, tendo a sua liberdade prejudicada e tendo em vista que os animais devem viver em seu habitat natural.	Tendo em vista que os animais devem viver em seu habitat natural, é contra a escravidão dos circos, pois a arte vem do artista.
3. o grande culpado disso tudo é o ser humano como sempre, porque se não houvesse comércio de animais e se não houvesse circo e zoológicos com animais provavelmente os animais estariam vivendo no seu habitat natural na savana onde eles devem viver realmente no seu local onde eles vivem em harmonia e livre da crueldade do ser humano	O grande culpado disso tudo é o ser humano porque se não houvesse comércio de animais e se não houvesse circo e zoológicos com animais, eles provavelmente estariam vivendo no seu habitat natural, em harmonia e livre da crueldade do ser humano.	O cruel ser humano proporciona situações como circos, zoológicos e comércio de animais, culpadas por retirar os animais da liberdade de seus habitats originais.

4. nós não somos contra circo, nós somos contra os circos que ainda utilizam animais em suas apresentações	Nós não somos contra circo, mas contra os circos que ainda utilizam animais em suas apresentações.	Os ativistas não são contra o circo, apenas os que usam animais.
5. toda uma crueldade que envolve (...) os animais para eles poderem fazer aquelas apresentações eles são chicoteados eles sofrem inúmeras crueldades, são furados, tigres tem seus dentes arrancados, elefantes são colocados em chapas quentes para poder fazer aqueles espetáculos de acrobacia, enfim, inúmeras crueldades que a gente poderia relatar em relação aos animais.	Uma crueldade. Para fazerem aquelas apresentações, os animais são chicoteados, sofrem inúmeras crueldades, são furados, tigres tem seus dentes arrancados, elefantes são colocados em chapas quentes.	Os animais sofrem crueldades, como chicotadas, furos, presas arrancadas, chapas quentes.
6. existem grandes circos no mundo como o Cirque du Soleil, por exemplo, que não utiliza animais em suas apresentações, agente, também, tem alguns circos e alguns teatros em São Paulo como o Teatro Mágico, também, que é uma forma de apresentação sem animais	Grandes circos no mundo como não utilizam animais em suas apresentações, como o Cirque du Soleil, e alguns circos e teatros em São Paulo como o Teatro Mágico.	Cita Cirque du Soleil e Teatro Mágico como boas apresentações sem animais.
7. aos poucos o ser humano esta tendo essa conscientização	Aos poucos o ser humano esta tendo essa conscientização.	O ser humano está a caminho da conscientização.
8. a gente vai conseguir abolir as apresentações de animais em circo porque na verdade isso não é um espetáculo	Abolir as apresentações de animais em circo, porque isso não é um espetáculo, na verdade.	Segue uma visão abolicionista, afirma que, com os animais, o circo não é espetáculo.
9. um problema que a gente vê, é o que fazer com esses animais	A destinação desses animais é um problema.	Afirma o problema que envolve a destinação desses animais.
10. deveria ter uma grande campanha de conscientização uma grande união dos ativistas de ONGs e do governo em geral	Uma grande campanha de conscientização é necessária, com união dos ativistas de ONGs e do governo em geral.	É necessária uma união entre as ONG´s e o governo, em uma grande campanha de conscientização.
11. o governo ele é conivente com essa exploração. Então ao mesmo tempo em que ele é conivente com a exploração ele deveria ajudar, também, a fazer com que esses animais voltem para seu habitat natural	O governo é conivente com essa exploração, ao mesmo tempo em que deveria ajudar a fazer com que esses animais voltem para seu habitat natural.	O governo é conivente com a exploração dos animais, em contraponto, deveria ser o responsável pelo retorno dos animais à seu habitat.
12. esses animais muitos deles têm traumas, tem seqüelas que vão ficar pro resto da sua vida	Muitos desses animais têm traumas, seqüelas que vão ficar pro resto da vida.	Os animais ficam traumatizados e com seqüelas pelo resto da vida.
13. o mínimo que o humano pode fazer é dar dignidades para os animais, fazendo com que eles possam viver em	o humano deve dar dignidade para os animais, fazendo com que eles possam viver em harmonia, em um local tranqüilo	O ser humano deve proporcionar aos animais uma vida tranqüila com dignidade, em paz.

harmonia, viver em um local tranqüilo em paz	em paz.	
14. a gente tem muito pra aprender com os animais.	A gente tem muito pra aprender com os animais.	O homem tem muito o que prender com os animais.
15. a gente tem muito que fazer por eles também. Enquanto eles não têm vozes para se defenderem acho que nós somos as vozes desses animais e acho que a gente tem que continuar lutando sim pra acabar com essa exploração, acabar com essa crueldade	Enquanto eles não têm voz para se defenderem, nós somos as vozes desses animais e temos que continuar lutando pra acabar com essa exploração, essa crueldade.	Os ativistas são as vozes que os animais não tem para se defender, e lutam pelo fim da crueldade, por sua liberdade.

Análise Ideográfica VII:

Uma questão injustificável, tendo em vista que os animais devem viver em seu habitat natural, é contra a escravidão dos circos, pois a arte vem do artista. Os ativistas não são contra o circo, apenas os que usam animais e zoológicos e comércio de animais, culpadas por retirar os animais da liberdade de seus habitats originais. Segue uma visão abolicionista, afirma que com os animais, o circo não é espetáculo pois eles São submetidos a crueldades como chicotadas, furos, presas arrancadas e chapas quentes. Cita Cirque du Soleil e Teatro Mágico como boas apresentações sem animais, afirmando que o homem está a caminho da conscientização. Mas o destino desses animais é um problema, sendo necessária uma união entre as ONG´s e o governo, pois este é conivente com a exploração dos animais, mas no entanto, deveria ser o responsável pelo retorno dos animais à seu habitat natural.

O homem tem muito o que prender com os animais e deve proporcioná-los uma vida tranqüila com dignidade, em paz, pois eles ficarão traumatizados e com seqüelas pelo resto da vida. Os ativistas são as vozes que os animais não tem para se defender, lutando pelo fim da crueldade, e sua liberdade.

Discurso VIII:

O que é, para você, o animal no circo?

Olha o animal no circo [1][é uma das formas mais escachadas que a gente vê da manutenção de uma cultura de escravidão]. Enquanto outras formas de exploração ainda conseguem ser maquiadas de uma não exploração ou de uma

necessidade, [2][o animal no circo consegue ter todos os elementos que deixam claro o absurdo que é, a incoerência a insensibilidade que existe no trato com os animais]. A gente só consegue tentar imaginar [3][o que se passa ali na mente de um animal que esta sendo explorado, nunca teve nenhum contato com sua vida natural se teve capturado selvagem a sua memória também se vai devido a neurose devido ao estresses ao qual ele é submetido]. Eu penso que [4][se humanos fossem submetidos a esse tipo de tortura eles não durariam porque o animal humano consegue cometer suicídio no mínimo o animal ele só pode enlouquecer e não fazer mais nada], além disso. Eu acho que [5][o circo em si é claro que é uma atividade artística interessante de ver], o que a gente é contra [é contra circos com animais não contra as atividades circenses] obviamente, eu acho que [6][a gente consegue perfeitamente entreter o público de maneira suficiente sem o uso de animais]. [7][Há a curiosidade da criança e até do adulto de querer ver o animal, mas isso não justifica, né e eles têm outras maneiras hoje em dia de observar esses animais na natureza nem que seja na forma vídeo] em fim, porque [8][ver um animal no estado que ele está ali você não esta vendo um animal de verdade, não é está vendo um ser perturbado]. [9][O primeiro passo é parar a atividade, se você para a atividade os animais deixam de entrar nessa atividade]. A questão é que ao parar essa atividade alguns [10][animais já estão aí eles vão ser encaminhados e cuidados, esses animais já estão bastante perturbados tentar uma reintrodução na natureza é impossível na maioria dos casos, no entanto existem santuários que podem reabitar esses animais e mantê-los num cativeiro mais apropriado, apesar de ser ainda um cativeiro, mas é mais apropriado até o fim das suas vidas]. Aí nós temos [11][um problema púbico, não é, porque não existem santuários neste momento suficientes para abrigar esses animais que deveriam ser criados]. Os santuários que existem não têm apoio do governo é tudo terceiro setor e, portanto [12][justamente com a aprovação dessa lei tem que vir junto um trabalho de criar mecanismos aí públicos para estar criando espaço para esses animais, deve ser o governo ou a estruturação de ONGs,] também, a gente não pode se [13][o governo não faz a gente não pode deixar de fazer que é o que vem acontecendo com o Rancho dos Gnomos com o Projeto Gata, não tem verba do governo o governo na verdade acaba usando esses locais o IBAMA apreende animais e leva pra esses locais sem repassar qualquer fundo, então não havendo a questão do governo a gente, também, tem que se organizar de alguma forma].

Análise VIII:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é uma das formas mais escachadas que a gente vê da manutenção de uma cultura de escravidão	Uma das formas mais escachadas da manutenção de uma cultura de escravidão.	A manutenção de uma cultura de escravidão.
2. o animal no circo consegue ter todos os elementos que deixam claro o absurdo que é, a incoerência a insensibilidade que existe no trato com os animais	o animal no circo é um o absurdo, a incoerência a insensibilidade que existe no trato com os animais.	Há uma insensibilidade incoerente e absurda no trato com esses animais.
3. o que se passa ali na mente de um animal que esta sendo explorado, nunca teve nenhum contato com sua vida natural se teve capturado selvagem a sua memória também se vai devido a neurose devido ao estresses ao qual ele é submetido	O animal está sendo explorado, nunca teve nenhum contato com sua vida natural se teve capturado selvagem a sua memória também se vai devido a neurose, ao estresses ao qual ele é submetido.	O animal explorado não tem memória da vida selvagem, mesmo quando retirado da selva, devido ao estresse e consequente neurose.
4. se humanos fossem submetidos a esse tipo de tortura eles não durariam porque o animal humano consegue cometer suicídio no mínimo o animal ele só pode enlouquecer e não fazer mais nada	Se humanos fossem submetidos a esse tipo de tortura cometeriam suicídio, mas o animal só pode enlouquecer.	O animal não tem como sair dessa situação se matando, como os humanos fariam.
5. o circo em si é claro que é uma atividade artística interessante de ver (...) é contra circos com animais não contra as atividades circenses	Não é contra o circo, uma atividade artística interessante de ver, é contra circos com animais.	Os ativistas não são contra o circo, apenas os que tem animais.
6. a gente consegue perfeitamente entreter o público de maneira suficiente sem o uso de animais	É possível entreter o público de maneira suficiente sem o uso de animais.	O animal não é necessário para um bom espetáculo.
7. Há a curiosidade da criança e até do adulto de querer ver o animal, mas isso não justifica, e eles têm outras maneiras hoje em dia de observar esses animais na natureza nem que seja na forma vídeo	A curiosidade da criança e até do adulto de querer ver o animal não justifica, eles têm outras maneiras de observar esses animais na natureza na forma vídeo.	O público pode ver os animais pela televisão, o circo não tem mais essa justificativa.
8. ver um animal no estado que ele está ali você não esta vendo um animal de verdade, (...)esta vendo um ser perturbado	Um animal no circo não é um animal de verdade, é um ser perturbado.	O animal no circo deixou de ser um animal para ser um ser perturbado.
9. O primeiro passo é parar a atividade, se você para a atividade os animais deixam de entrar nessa atividade	Parar a atividade, assim os animais deixam de entrar nessa atividade.	A favor de parar o animal de circo, para parar o comércio desses animais.
10. animais já estão aí eles vão ser encaminhados e cuidados, esses animais já estão bastante	Os animais encaminhados são cuidados, eles estão bastante perturbados. Uma reintrodução	É impossível reintroduzir esses animais na natureza, no entanto os santuários podem cuidar dos

perturbados tentar uma reintrodução na natureza é impossível na maioria dos casos, no entanto existem santuários que podem reabitar esses animais e mantê-los num cativeiro mais apropriado, apesar de ser ainda um cativeiro, mas é mais apropriado até o fim das suas vidas	na natureza é impossível na maioria dos casos, no entanto existem santuários que podem reabitar esses animais e mantê-los num cativeiro mais apropriado até o fim das suas vidas.	animais mantendo-os em cativeiros mais apropriados pelo resto de suas vidas, embora bastante perturbados.
11. um problema púbico, não é, porque não existem santuários neste momento suficientes para abrigar esses animais que deveriam ser criados	Um problema púbico porque não existem santuários suficientes para abrigar esses animais.	A destinação desses animais é um problema público.
12. justamente com a aprovação dessa lei tem que vir junto um trabalho de criar mecanismos aí públicos para estar criando espaço para esses animais, deve ser o governo ou a estruturação de ONGs,	Com a aprovação dessa lei deve-se criar mecanismos públicos para um espaço para esses animais, deve ser o governo ou a estruturação de ONGs.	Após a aprovação da lei, o governo deve articular reservas e locais para abrigar esses animais, ou mesmo ONG´s.
13. o governo não faz a gente não pode deixar de fazer que é o que vem acontecendo com o Rancho dos Gnomos com o Projeto Gata, não tem verba do governo o governo na verdade acaba usando esses locais o IBAMA apreende animais e leva pra esses locais sem repassar qualquer fundo, então não havendo a questão do governo a gente, também, tem que se organizar de alguma forma	O Rancho dos Gnomos e o Projeto Gata, não tem verba do governo que acaba usando esses locais onde o IBAMA leva os animais apreendidos, sem repassar qualquer fundo, não havendo ajuda do governo eles se organizam de alguma forma.	O governo não ajuda os santuários, mas usa seu trabalho levando os animais apreendidos gratuitamente.

Análise Ideográfica VIII:

Há uma insensibilidade incoerente e absurda no trato com esses animais, mantendo uma cultura de escravidão, na qual o animal no circo deixa de ser um animal e passa a ser um ser perturbado, explorado memória da vida selvagem, mesmo quando retirado da selva, devido ao estresse e consequente neurose, não podendo nem cometer suicídio, o que faria um humano em sua situação. Os ativistas não são contra o circo, apenas os que tem animais, com a premissa de que o animal não é necessário para um bom espetáculo e, sendo que o público pode ver os animais pela televisão, o circo perdeu sua exclusividade sobre as feras. Eles são a favor de parar o animal de circo, para que assim o comércio desses animais

também pare. A destinação desses animais é um problema público, pois é impossível reintroduzir esses animais na natureza, no entanto os santuários podem cuidar dos animais mantendo-os em cativeiros mais apropriados pelo resto de suas vidas, embora ainda se mantenham bastante perturbados. Após a aprovação da lei, o governo deve articular reservas e locais para abrigar esses animais, ou mesmo ONG´s, afinal usa seu trabalho levando-os animais apreendidos, gratuitamente.

Discurso IX:

O que é, para você, o animal no circo?

Bom o animal no circo em primeiro lugar [1][por mais que seja bem tratado e até goste de fazer os números que não é realidade claro, eles foram tirados do ambiente natural deles os que nasceram ali eles nunca vão poder desfrutar toda a potencialidade que eles desfrutariam lá no ambiente natural e é uma violência seja ele bem tratado ou não], resumindo. Olha a gente tem o Cirque du Soleil a idéia é [2][quem está fazendo performance em circo possa consentir de estar lá em primeiro lugar que não é no caso dos outros animais não humanos e como eu já mencionei o Cirque du Soleil faz muito sucesso, então, não tem que virar um zoológico um circo], não tem o mínimo cabimento. Olha como eles não poderiam ser [3][a maioria não poderia ser reintroduzida na natureza porque justamente nunca viveram lá eles deveriam ficar em santuários, né, que deveriam ser mantidos não sei se pelo governo ou alguma ONG e que sejam cuidados a vida inteira] porque [4][a culpa deles estarem no circo foi dos próprios seres humanos, então, a gente tem que consertar o que a gente fez].

Análise IX:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. por mais que seja bem tratado e até goste de fazer os números que não é realidade claro, eles foram tirados do ambiente natural deles os que nasceram ali eles nunca vão poder desfrutar toda a potencialidade que eles desfrutariam lá no ambiente	Não é realidade que os animais gostem de fazer os números, eles foram tirados do ambiente natural e os que nasceram ali nunca vão poder desfrutar toda a potencialidade que eles desfrutariam no ambiente natural. Uma violência seja ele bem tratado ou não.	Os animais não gostam de fazer os números, são tolhidos de suas potencialidades que desfrutariam em seu ambiente natural, o que já é uma violência, mesmo sendo bem tratados.

natural e é uma violência seja ele bem tratado ou não		
2. quem está fazendo performance em circo possa consentir de estar lá em primeiro lugar que não é no caso dos outros animais não humanos e como eu já mencionei o Cirque du Soleil faz muito sucesso, então, não tem que virar um zoológico um circo	Quem faz performance em circo deve consentir de estar lá, o que não é o caso dos outros animais não humanos. O Cirque du Soleil faz muito sucesso, sem virar um zoológico.	Cita que o Cirque du Soleil é um sucesso sem animais, e afirma que o artista deve consentir sua participação no circo, o que não acontece com animais.
3. a maioria não poderia ser reintroduzida na natureza porque justamente nunca viveram lá eles deveriam ficar em santuários, né, que deveriam ser mantidos não sei se pelo governo ou alguma ONG e que sejam cuidados a vida inteira	A maioria dos animais não poderia ser reintroduzida na natureza porque nunca viveram lá. Eles deveriam ficar em santuários, que deveriam ser mantidos pelo governo ou alguma ONG, que sejam cuidados a vida inteira.	Devida impossibilidade de reintrodução desses animais na natureza, eles devem ficar em santuários, proporcionados pelo governo ou ONG´s.
4. a culpa deles estarem no circo foi dos próprios seres humanos, então, a gente tem que consertar o que a gente fez	A culpa deles estarem no circo foi dos seres humanos, que tem que consertar o que fez.	O ser humano é culpado pela condição do animal no circo, e deve repará-la.

Análise Ideográfica IX:

Os animais não gostam de fazer os números, são tolhidos de suas potencialidades que desfrutariam em seu ambiente natural, o que já é uma violência, mesmo sendo bem tratados. O artista deve consentir sua participação no circo, o que não acontece com os animais, mas há grandes circos de sucesso como o Cirque du Soleil.

O ser humano é culpado pela condição do animal no circo, e deve repará-la, mas dada a impossibilidade de reintrodução desses animais na natureza, eles devem ficar em santuários, proporcionados pelo governo ou ONG´s.

Discurso X:

O que é, para você, o animal no circo?

O Animal de circo [1][é um animal que esta sendo usado como instrumento para o nosso divertimento]. Então [2][não precisa mesmo torturar um animal] né, pra estar sendo usado, mas [3][para um animal se apresentar num circo ele esta de uma

forma extremamente anti natural]. Um elefante não sabe dançar na natureza, um macaco não usa sapato, então [4][eles são torturados para fazer essas brincadeiras que para nós parecem brincadeiras, mas que na verdade é uma tortura]. Olha geralmente animais de circo [5][eles não são readaptáveis porque eles já sofreram muitos maus tratos geralmente os felinos tem as garras os dentes arrancados e é muito difícil reintroduzir na natureza, principalmente porque a maioria nem é do Brasil, então não tem como]. Bom, para tirar eles do circo agora é [6][existe alguns santuários, no mundo, não são muitos a gente teria um problema mesmo pra acolher esses animais], mas eu acho que [7][a partir do momento em que eles forem proibidos vai ter essa geração e acabou, vão parar de comprar animais e reproduzir animais para isso].

Análise X:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é um animal que esta sendo usado como instrumento para o nosso divertimento	Um animal que está sendo usado como instrumento para o nosso divertimento.	O animal no circo torna-se um instrumento de diversão.
2. não precisa mesmo torturar um animal	Não precisa torturar um animal.	A tortura de animais é desnecessária.
3. para um animal se apresentar num circo ele esta de uma forma extremamente anti natural	Para um animal se apresentar num circo ele está de uma forma extremamente anti natural.	A performance do animal de circo é anti-natural.
4. eles são torturados para fazer essas brincadeiras que para nós parecem brincadeiras, mas que na verdade é uma tortura	Os animais são torturados para fazer o que para nós parecem brincadeiras, mas que na verdade é uma tortura.	Os animais são torturados para executar os números.
5. eles não são readaptáveis porque eles já sofreram muitos maus tratos geralmente os felinos tem as garras os dentes arrancados e é muito difícil reintroduzir na natureza, principalmente porque a maioria nem é do Brasil, então não tem como	Os animais sofreram muitos maus tratos, geralmente os felinos tem as garras e os dentes arrancados. É não tem como reintroduzir na natureza porque a maioria nem é do Brasil.	Os animais são exóticos e é impossível sua reintrodução devido aos maus tratos que sofrem com garras e dentes arrancados.
6. existe alguns santuários, no mundo, não são muitos a gente teria um problema mesmo pra acolher esses animais	Não são muitos santuários no mundo, acolher esses animais seria um problema.	A destinação desses animais é um problema devido à pouca quantidade de santuários no mundo.
7. a partir do momento em que eles forem proibidos vai ter essa geração e acabou, vão parar de comprar animais e reproduzir animais para isso	Quando forem proibidos os animais vão acabar nessa geração, vão parar de comprar e reproduzir animais para isso.	Com a proibição, irá acabar a reprodução desses animais, e os atuais serão a última geração.

Análise Ideográfica X:

A performance do animal de circo é anti-natural, lá ele torna-se um instrumento de diversão, torturados desnecessariamente para executar os números. Devido aos maus tratos que sofrem, com garras e dentes arrancados, é impossível a reintrodução dos animais exóticos logo, sua destinação é um problema devido à pouca quantidade de santuários no mundo. Com a proibição, irá acabar a reprodução desses animais, e os atuais serão a última geração.

Discurso XI:

O que é, para você, o animal no circo?

É sem dúvida nenhuma [1][uma crueldade], assim, o mínimo que nós poderíamos fazer que tem voz, [2][a gente só está reivindicando os direitos de quem não pode falar], não é. Então assim é [3][não tem porque fazer isso com eles, só porque eles são indefesos], sabe, [4][ninguém esta acima de ninguém para poder prender, a escravidão já acabou], sabe, não tem o porquê disso. E [5][quando eles saírem do circo eu acho assim adoção, né, para pessoas de bom coração e que tem dinheiro] porque você vê que tem várias pessoas de ruas que tem um cachorrinho, dá comida pro cachorrinho e que tem pessoas que maltratam não quer ficam velho já pensou, jogam fora e não é desse jeito [6][não é um lixo que se joga é uma vida], eles não podem falar, mais é uma vida e fazer abrigos tipo assim quem quiser fazer doações para esses abrigos acompanharem porque [7][todo mundo sabe que não são todas que levam a sério, sabe, às vezes pegam dinheiro, então, quem doar algum dinheiro ter alguma participação em alguma casa ajudar a acompanhar ter um acompanhamento], eu acho que é isso.

Análise XI:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. uma crueldade	Uma crueldade.	Crueldade.
2. a gente só está reivindicando os direitos de quem não pode falar	A gente está reivindicando os direitos de quem não pode falar.	Os ativistas reivindicam os direitos dos animais pois estes não podem fazê-lo.
3. não tem porque fazer isso com eles, só porque eles são	Não tem porque fazer isso com eles porque são indefesos.	São indefesos, não há motivo para submetê-los.

indefesos		
4. ninguém esta acima de ninguém para poder prender, a escravidão já acabou	Ninguém está acima de ninguém para prender, a escravidão já acabou.	A escravidão é injustificável, ninguém está acima de ninguém.
5. quando eles saírem do circo eu acho assim adoção, né, para pessoas de bom coração e que tem dinheiro	Quando os animais saírem do circo, devem ir para adoção, para pessoas de bom coração com dinheiro.	Os animais devem sair do circo para adoção por pessoas abastadas com bom coração.
6. não é um lixo que se joga é uma vida	Não é um lixo que se joga é uma vida.	O animal não é lixo.
7. todo mundo sabe que não são todas que levam a sério, sabe, às vezes pegam dinheiro, então, quem doar algum dinheiro ter alguma participação em alguma casa ajudar a acompanhar ter um acompanhamento	Nem todas as instituições levam a sério, às vezes pegam dinheiro, então os doadores devem manter um acompanhamento da casa que ajuda.	Existem instituições que fraudam o dinheiro das doações, que devem ser fiscalizadas.

Análise Ideográfica XI:

Crueldade. A escravidão desses animais indefesos é injustificável, ninguém está acima de ninguém e não há motivo para submetê-los. O animal não é lixo e deve sair do circo para adoção por pessoas abastadas com bom coração, para isso os ativistas reivindicam seus direitos pois esses animais não podem fazê-lo. Porém existem instituições que fraudam o dinheiro das doações, e estas devem ser fiscalizadas.

Discurso XII:

O que é, para você, o animal no circo?

O animal em circo ele [1][é um ser vivo que ele tem sentimentos ele respira como a gente ele dorme como a gente ele tem família como a gente e ele esta preso separado da família dele do habitat dele e ele perde toda a locomoção dele original] então [2][o animal fica deprimido o animal morre por depressão porque ele tem depressão como um ser humano ele é um ser vivo]. O animal em circo[3] [é um absurdo e isso precisa acabar]. O animal que esta em circo [4][ele já foi criado naquele habitat então muita gente fala que se ele sair ele pode morrer então o essencial é não criar os animais em circo], acabar definitivamente não criar o animal

em circo porque ele saindo do circo ou sendo criado desde novinho é [5][provável que ele morra mesmo que ele não vai aprender se virar, porque o animal tem o instinto dele, mas ele não tem como se virar depois que ele é adestrado, então eu acho que ele tem, não tem que existir mais na criação em cativeiro em nenhuma forma]. Os que já estão no circo, eu acho que [6][eles deveriam ser readaptados em outros locais], né, tinham que tirar, [7][as ONGs tinham que tirar eles dali, porque eles são maltratados, acorrentados, eles ficam deprimidos] então [8][eles tinham que ter é um tratamento especial, né, para eles poderem se readaptar no local deles, no habitat original deles].

Análise XII:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1 é um ser vivo que ele tem sentimentos ele respira como a gente ele dorme como a gente ele tem família como a gente e ele esta preso separado da família dele do habitat dele e ele perde toda a locomoção dele original	O animal é um ser vivo que tem sentimentos, respira como a gente, dorme como a gente, tem família como a gente e está preso, separado de sua família e habitat, e perde toda sua locomoção original.	O animal é um ser vivo assim como as pessoas, e perde o direito de conviver com sua família em seu habitat, perdendo sua locomoção.
2 o animal fica deprimido o animal morre por depressão porque ele tem depressão como um ser humano ele é um ser vivo	O animal morre por depressão porque ele tem depressão como um ser humano, ele é um ser vivo.	O animal entra em depressão assim como o ser humano.
3 é um absurdo e isso precisa acabar	Um absurdo que precisa acabar.	O circo com animais deve acabar pois é um absurdo.
4 ele já foi criado naquele habitat então muita gente fala que se ele sair ele pode morrer então o essencial é não criar os animais em circo	O animal criado naquele habitat pode morrer se sair, então o essencial é não criar os animais em circo.	É impossível reintroduzir o animal com sucesso, logo deve-se evitar sua entrada no circo.
5 provável que ele morra mesmo que ele não vai aprender se virar, porque o animal tem o instinto dele, mas ele não tem como se virar depois que ele é adestrado, então eu acho que ele tem, não tem que existir mais na criação em cativeiro em nenhuma forma	O animal tem o instinto dele, mas ele não tem como se virar depois que é adestrado, então não tem que existir mais na criação em cativeiro em nenhuma forma.	A criação em cativeiro não deve existir, ele perde o instinto ao ser adestrado e não tem mais como sobreviver por si.
6. eles deveriam ser readaptados em outros locais	Os animais deveriam ser readaptados em outros locais.	Os animais devem ser readaptados em outros locais.
7. as ONGs tinham que tirar eles dali, porque eles são maltratados, acorrentados, eles ficam deprimidos	As ONGs devem tirar os animais do circo, porque são maltratados, acorrentados, e ficam deprimidos.	As ONG´s devem tirar os animais do circo pois são maltratados, acorrentados e ficam deprimidos.
8. eles tinham que ter é um tratamento especial, né, para	Os animais deveriam ter um tratamento especial, para	Os animais devem ter um tratamento especial que

eles poderem se readaptar no local deles, no habitat original deles	poderem se readaptar no habitat original deles.	possibilite sua reintrodução.

Análise Ideográfica XII:

O circo com animais deve acabar pois é um absurdo. O animal é um ser vivo assim como as pessoas, e perde o direito de conviver com sua família em seu habitat, perdendo sua locomoção e entra em depressão assim como o ser humano. É impossível reintroduzir o animal com sucesso, logo deve-se evitar sua entrada no circo, a criação em cativeiro não deve existir, pois ele perde o instinto ao ser adestrado e não tem mais como sobreviver por si. Eles devem ter um tratamento especial que possibilite sua reintrodução. As ONG´s devem tirar os animais do circo pois são maltratados, acorrentados e ficam deprimidos.

Discurso XIII:

O que é, para você, o animal no circo?

Animal no circo [1][é o animal que foi tirado do ambiente silvestre do habitat dele e foi colocado em uma condição que não era para ele viver], não é. Só esse fato já [2][é uma violência] por si só não é. [3][Além dos outros maus tratos que eles sofrem para ter que obedecer os domadores e os outros funcionários do circo e isso inclui castigos com barras de ferro ficar o dia inteiro acorrentado, não é. Passam os dias que não tem espetáculo sem liberdade nenhuma]. Os animais que já estão no circo, acredito em ambientes assim que sejam próximos do habitat natural deles, não é. [4][Não tirar do circo e colocar em um zoológico mesmo, colocar no habitat que tentasse reproduzir a floresta mesmo].

Análise XIII:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é o animal que foi tirado do ambiente silvestre do habitat dele e foi colocado em uma condição que não era para ele viver	É o animal que foi tirado do habitat dele e colocado em uma condição que não era para ele viver.	O animal foi tirado de seu habitat para viver em condições inadequadas.

2. é uma violência	É uma violência.	Uma violência.
3. Além dos outros maus tratos que eles sofrem para ter que obedecer os domadores e os outros funcionários do circo e isso inclui castigos com barras de ferro ficar o dia inteiro acorrentado, não é. Passam os dias que não tem espetáculo sem liberdade nenhuma	Sofrem maus tratos para obedecer os domadores e os outros funcionários do circo, e isso inclui castigos com barras de ferro, ficar o dia inteiro acorrentado, passar os dias que não tem espetáculo sem liberdade nenhuma.	Os animais não tem liberdade mesmo nos dias sem espetáculo são mantidos acorrentados, sofrem maus tratos, apanham com barras de ferro para obedecerem.
4. Não tirar do circo e colocar em um zoológico mesmo, colocar no habitat que tentasse reproduzir a floresta mesmo	Tirar do circo e não colocar num zoológico, colocar no habitat que tentasse reproduzir a floresta.	Quando retirar o animal do circo, não levá-lo para um zoológico, mas em um habitat que reproduza a floresta.

Análise Ideográfica XIII:

Uma violência, o animal foi tirado de seu habitat natural para viver em condições inadequadas, sem liberdade mesmo nos dias sem espetáculo, são mantidos acorrentados, sofrem maus tratos e apanham com barras de ferro para obedecerem. Quando retirar o animal do circo, não deve-se levá-lo para um zoológico, mas para um habitat que reproduza a floresta.

Discurso XIV:

O que é, para você, o animal no circo?

[1][Crueldade, crueldade]. [2][O animal não precisa ser usado no circo porque o animal não é diversão]. Animal, eu considero [3][o animal como uma pessoa como qualquer outra. Eu não considero o animal como um bicho que nós temos que maltratar]. Lógico que é possível, [4][no circo eles estão sendo maltratados], certeza, absoluta, [5][ao saírem eles não vão ser mais maltratados, eles vão ter um cuidado do jeito que eles merecem], bom, tal e eles obviamente eles vão gostar, vai ser bom.

Análise XIV:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. Crueldade, crueldade	Crueldade.	Crueldade.
2. O animal não precisa ser usado no circo porque o animal não é diversão	O animal não precisa ser usado no circo porque não é diversão.	A presença do animal no circo é desnecessária, ele não é diversão.

3. o animal como uma pessoa como qualquer outra. Eu não considero o animal como um bicho que nós temos que maltratar	O animal é como uma pessoa. Eu não considero o animal como um bicho que nós temos que maltratar.	O animal é igual a uma pessoa e, como tal, não deve ser maltratado.
4. no circo eles estão sendo maltratados	No circo os animais são maltratados.	Os animais são maltratados no circo.
5. ao saírem eles não vão ser mais maltratados, eles vão ter um cuidado do jeito que eles merecem	Ao saírem do circo os animais não vão ser mais maltratados, tendo o cuidado que merecem.	Ao saírem do circo os animais terão o cuidado que merecem, sem maus tratos.

Análise Ideográfica XIV:

Crueldade. A presença do animal no circo é desnecessária, ele não é diversão, mas como uma pessoa, não deve ser maltratado como são maltratados no circo. Ao saírem do circo os animais terão o cuidado que merecem, sem maus tratos.

Discurso XV:

O que é, para você, o animal no circo?

Eu acho que [1][é um absurdo] porque [2][existem seres humanos que dizem que os animais não sentem, não tem emoções, não são sensíveis, no entanto eles pegam esse mesmo animal e vestem ele como ser humano fazem eles atuarem como ser humano, fazem eles fazerem ginástica como o ser humano, quer dizer, completamente ilógico], não é. Sem contar o que é que está por trás disso que [3][é absolutamente contra a natureza dele] e para eles chegarem nesse ponto [4][eles precisam se submeter se sujeitar aquele tipo de vida que eles levam lá, ou seja, maus tratos falta de alimentação, ah, nada, nada, não tem o mínimo, não tem um pingo de carinho, um pingo de amor]. Eu tive a oportunidade de ver várias situações. [5][Eu tive oportunidade de ver um felino maravilhoso, por exemplo, com um olho que foi vazado durante uma apresentação, sabe então ele tinha um olho só.] É uma coisa absurda e [6][ele perde completamente, completamente o brilho, ele passa a ser um nada], entendeu. [7][A readaptação desse animal eu acho que é um trabalho extremamente difícil, um trabalho que é feito por muito poucas pessoas, que dedicam a sua vida, que abdicaram de tudo para fazer isso], que realmente para

fazer isso precisa abdicar de tudo e que a única forma da pessoa comum que absolutamente não tem condições ou não pode, enfim cada um tem a sua vida, seu trabalho que fala assim não, não posso ajudar diretamente ou fazer uma coisa dessa, [8][melhor maneira é simplesmente não ir, entendeu, não comparecer, dizer não a isso], porque se não há demanda não há oferta, então se as pessoas falarem não isso é um absurdo, é um absurdo, é um absurdo. Gente [9][são seres que sentem que sofrem que sentem dor que sentem alegria, sente tristeza]. Uma vez eu conversei com [10][uma pessoa que diz que animal não sentia dor você acredita uma coisa destas, não animal não sente dor, então essa pessoa para mim ele é ignorante no sentido de ignorar não tem o conhecimento mínimo, mínimo, mínimo, pra imaginar que existem nervos que o animal sente dor, entendeu, não dá, quem tem um pingo de sensibilidade, um pingo, um pingo de cultura, de conhecimento, não pode falar um negócio desses], não pode falar um negócio desses, então [11][a reabilitação realmente é um negócio muito difícil], muito poucas pessoas como aqui está [12][o Rancho dos Gnomos que faz um trabalho maravilhoso], entendeu. No mundo poucas pessoas que se unem, se conversam via emails, trocam muita figurinha sobre isso, mas [13][a única forma de todo mundo realmente conseguir, qualquer pessoa, digamos entre aspas a pessoa comum é deixar de dar o apoio é a única forma].

Análise XV:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é um absurdo	Um absurdo.	Um absurdo.
2. existem seres humanos que dizem que os animais não sentem, não tem emoções, não são sensíveis, no entanto eles pegam esse mesmo animal e vestem ele como ser humano fazem eles atuarem como ser humano, fazem eles fazerem ginástica como o ser humano, quer dizer, completamente ilógico	Seres humanos dizem que os animais não sentem, não tem emoções, não são sensíveis, mas pegam esse mesmo animal e vestem, fazem atuar, fazer ginástica como o ser humano, completamente ilógico.	Seres humanos ilogicamente dizem que os animais não sentem ou se emocionam como eles, mas os vestem e os fazem atuar como seres humanos.
3. é absolutamente contra a natureza dele	Contra a natureza do animal.	O circo vai contra a natureza do animal.
4. eles precisam se submeter se sujeitar aquele tipo de vida que eles levam lá, ou seja, maus tratos falta de alimentação, ah, nada, nada, não tem o mínimo, não tem um pingo de carinho,	Os animais são sujeitos a maus tratos, falta de alimentação, não tem o mínimo, um pingo de carinho, um pingo de amor.	Os animais são sujeitos a maus tratos, falta de alimento e privados de amor e carinho.

um pingo de amor		
5. Eu tive oportunidade de ver um felino maravilhoso, por exemplo, com um olho que foi vazado durante uma apresentação, sabe então ele tinha um olho só.	Um felino teve um olho vazado durante uma apresentação, por exemplo, ele tinha um olho só.	Há caso de animal que perdeu um olho durante uma apresentação.
6. ele perde completamente, completamente o brilho, ele passa a ser um nada	O animal perde completamente o brilho, passa a ser um nada.	O animal passa a ser um nada, sem brilho.
7. A readaptação desse animal eu acho que é um trabalho extremamente difícil, um trabalho que é feito por muito poucas pessoas, que dedicam a sua vida, que abdicaram de tudo para fazer isso	A readaptação desse animal é um trabalho extremamente difícil feito por muito poucas pessoas que dedicam a sua vida e abdicaram de tudo para fazer isso.	A readaptação desses animais é muito difícil, os profissionais que se dedicam à isso abdicam de suas vidas.
8. melhor maneira é simplesmente não ir, entendeu, não comparecer, dizer não a isso	Não comparecer, dizer não ao circo com animal é a melhor maneira.	O publico não deve freqüentar circos com animais.
9. são seres que sentem que sofrem que sentem dor que sentem alegria, sente tristeza	Os animais são seres que sentem, sofrem, sentem dor, alegria, tristeza.	Os animais sofrem, sentem dor, alegria, tristeza.
10. uma pessoa que diz que animal não sentia dor você acredita uma coisa destas, não animal não sente dor, então essa pessoa para mim ele é ignorante no sentido de ignorar não tem o conhecimento mínimo, mínimo, mínimo, pra imaginar que existem nervos que o animal sente dor, entendeu, não dá, quem tem um pingo de sensibilidade, um pingo, um pingo de cultura, de conhecimento, não pode falar um negócio desses	Uma pessoa que diz que animal não sentia dor é ignorante, no sentido de ignorar, não tem o conhecimento mínimo pra imaginar que existem nervos, que o animal sente dor. Quem tem sensibilidade, cultura, conhecimento, não pode falar um negócio desses.	Uma pessoa que afirma que os animais não sentem dor é ignorante, sem conhecimento, sensibilidade e cultura, caso contrário, não faria essa afirmação.
11. a reabilitação realmente é um negócio muito difícil	A reabilitação é um negócio muito difícil.	A reabilitação é muito difícil.
12. o Rancho dos Gnomos que faz um trabalho maravilhoso	Rancho dos Gnomos faz um trabalho maravilhoso.	O santuário Rancho dos Gnomos trabalha no abrigo desses animais.
13. a única forma de todo mundo realmente conseguir, qualquer pessoa, digamos entre aspas a pessoa comum é deixar de dar o apoio é a única forma	A única forma de todo mundo realmente conseguir tirar o animal do circo, é deixar de dar o apoio.	Para que seja possível retirar o animal do circo, o público deve deixar de comparecer aos espetáculos.

Análise Ideográfica XV:

O público não deve freqüentar circos com animais, isso é um absurdo, pois o circo vai contra a natureza do animal. Uma pessoa que afirma que os animais não

sentem dor é ignorante, sem conhecimento, sensibilidade e cultura, caso contrário, não faria essa afirmação. Os animais sofrem, sentem dor, alegria, tristeza, e os seres humanos que, ilogicamente dizem que os animais não sentem ou se emocionam como eles, os vestem e os fazem atuar como seres humanos, sofrendo maus tratos, falta de alimento e privados de amor e carinho. Há inclusive, o caso de um animal que perdeu um olho durante uma apresentação.

O animal passa a ser um nada, sem brilho, e sua readaptação é muito difícil. Os profissionais que se dedicam à isso abdicam de suas vidas, o santuário Rancho dos Gnomos é um exemplo de trabalho no abrigo desses animais, mas para que seja possível retirar o animal do circo, o público deve deixar de comparecer aos espetáculos.

Discurso XVI:

O que é, para você, o animal no circo?

Animal no circo hoje [1][é a representação da ignorância humana], não é. [2][Eles são confinados, eles são mutilados e têm que viver essa vida de privação, sem comida, sem água, sem tratamento veterinário, morando a vida inteira em cima dos dejetos, dentro de uma carreta enferrujada no sol e na chuva, viajando muitas distâncias, é, pra entreter, entretenimento humano]. E [3][quando eles são resgatados eles têm a sorte de ir parar em algum centro de reabilitação no caso dos Ranchos dos Gnomos, que mantém o animal equilibrado], somente equilibrado, [4][você não reverte mais, você não consegue deixá-lo mais em condições. Ele vai sobreviver por um período, o período que se conseguir], não é, mas se mantém o tempo inteiro equilibrado, [5][nunca mais resgata a moral desse animal, você não resgata mais a dignidade dele, eles estão lá só para terminar o resto de vida, mas todos assim, a essência animal perdida, foi perdida nos momentos, nos anos de privação em circo]. Eu acho que [6][para você conseguir qualquer objetivo tem que ter parcerias, não dos ativistas, dos ambientalistas, das ONGs, do governo é uma união]. Se a gente quer dar esse passo importante no Brasil, que agora a questão é no Brasil, nós temos que nos unir, sempre, sempre, [7][não interessa da onde você é, se você é governo, se você é não governo, nós temos que nos unir para dizer um não contra a

violência]. A todo o tipo de violência, [8][pessoa que é contra a violência ela é conseqüentemente contra animais em circo].

No megafone para os ativistas que estão concentrados para uma passeata contra animais em circo:

[9][Esses animais que estão no circo estão dependendo de nós nesse momento], então garra agora muita força, pra que a mensagem seja passada e [10][que esses animais sejam de fato libertados de toda essa privação] que nós conhecemos de perto. Força agora pessoal, botem o coração e toda a razão pra gente conseguir passar a mensagem do que [11][é um animal confinado na jaula de circo]. Muito obrigada!

Análise XVI:

Unidades de Significados	Redução Fenomenológica	Interpretação
1. é a representação da ignorância humana	A representação da ignorância humana.	Representa a ignorância humana.
2. Eles são confinados, eles são mutilados e têm que viver essa vida de privação, sem comida, sem água, sem tratamento veterinário, morando a vida inteira em cima dos dejetos, dentro de uma carreta enferrujada no sol e na chuva, viajando muitas distâncias, é, pra entreter, entretenimento humano	Os animais são confinados, eles são mutilados, têm que viver essa vida de privação, sem comida, sem água, sem tratamento veterinário, morando a vida inteira em cima dos dejetos, dentro de uma carreta enferrujada no sol e na chuva, viajando muitas distâncias, pra entretenimento humano.	Os animais são confinados, mutilados, privados de água, comida e tratamento veterinário, vivendo sobre seus dejetos, viajando sol e chuva em uma carreta precária, para entreter o homem.
3. quando eles são resgatados eles têm a sorte de ir parar em algum centro de reabilitação no caso dos Ranchos dos Gnomos, que mantém o animal equilibrado	Quando os animais são resgatados, têm a sorte de ir para algum centro de reabilitação, no caso dos Ranchos dos Gnomos, que mantém o animal equilibrado.	Há animais que, com sorte, são resgatados e encaminhados para centros de reabilitação que mantém o animal equilibrado, como o Ranchos dos Gnomos.
4. você não reverte mais, você não consegue deixá-lo mais em condições. Ele vai sobreviver por um período, o período que se conseguir	É impossível reverter, deixá-lo em condições. Ele vai sobreviver pelo período que conseguir.	Reverter os traumas sofridos é impossível, ele apenas sobrevive o máximo que pode.
5. nunca mais resgata a moral desse animal, você não resgata mais a dignidade dele, eles estão lá só para terminar o resto de vida, mas todos assim, a essência animal perdida, foi perdida nos momentos, nos anos de privação em circo	Nunca mais resgata a moral desse animal, sua dignidade, eles estão lá só para terminar o resto de vida, com a essência perdida nos anos de privação em circo.	A essência desses animais é perdida, assim como sua dignidade, estão nos santuários só para terminar o resto da vida.
6. para você conseguir qualquer	Deve haver parcerias, uma	Deve haver união entre os

objetivo tem que ter parcerias, não dos ativistas, dos ambientalistas, das ONGs, do governo é uma união	união dos ativistas, dos ambientalistas, das ONGs, do governo.	ativistas, os ambientalistas, as ONGs e o governo.
7. não interessa da onde você é, se você é governo, se você é não governo, nós temos que nos unir para dizer um não contra a violência	Não interessa se é governo ou não, temos que nos unir para dizer um não à violência.	Sendo ou não do governo, é preciso dizer um não à violência.
8. pessoa que é contra a violência ela é conseqüentemente contra animais em circo	A pessoa que é contra a violência é, conseqüentemente, contra animais em circo.	Quem é contra a violência também é contra animais em circo.
9. Esses animais que estão no circo estão dependendo de nós nesse momento	Os animais que estão no circo estão dependendo de nós nesse momento.	Afirma que agora os animais dependem dos ativistas.
10. que esses animais sejam de fato libertados de toda essa privação	Os animais devem ser libertados de toda essa privação.	A favor da libertação da privação que o animal sofre no circo.
11. é um animal confinado na jaula de circo	Um animal confinado na jaula de circo.	O animal fica confinado em uma jaula.

Análise Ideográfica XVI:

Representa a ignorância humana, pela qual os animais são confinados, mutilados, privados de água, comida e tratamento veterinário, vivendo sobre seus dejetos, viajando sol e chuva em uma carreta precária, para entreter o homem. Há animais que, com sorte, são resgatados e encaminhados para centros de reabilitação que o mantém equilibrado, como o Ranchos dos Gnomos, mas reverter os traumas sofridos é impossível, ele apenas sobrevive o máximo que pode, com sua essência perdida, assim como sua dignidade.

Deve haver união entre os ativistas, os ambientalistas, as ONGs e o governo, para dizer um não à violência. Pois quem é contra a violência também é contra animais em circo. Afirma que agora os animais dependem dos ativistas que são a favor da libertação da privação que o animal sofre no circo, confinado em uma jaula.

.

Análise Nomotética

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
1	I-1	Contra a visão do animal objeto, diversão.	C-1-4			C-23						C-75				C-102		
2	I-2	Direitos iguais para animais e seres humanos.	C-2-3					C-38						C-89-90		C-103	C-114	
3	I-3	Animal e seres humanos são iguais.	C-2-3					C-38						C-89-90		C-103	C-114	
4	I-4	Acabar com o animal no circo e parar essa diversão ultrapassada.	C-1-4			C-23						C-75				C-102		
5	I-5	Um ou dois circos podem tratar os seus animais, razoavelmente, mas no restante são muito maltratados.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
6	II-1	O animal de circo não é tão real quanto o que está solto		C-6						C-65		C-77					C-108-111	C-123
7	II-2	O animal não gosta de atuar, é obrigado.		C-7							C-71						C-107-111	
8	II-3	A população incentiva isso que é uma barbaridade.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
9	II-4	O circo pode ser maravilhoso sem animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39-40	C-48	C-63	C-72							

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
10	II-5	Dentre as torturas aplicadas, os animais têm as presas cortadas, são furados, queimados e surrados.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
11	II-6	É errado que os animais tenham que passar por isso.		C-11					C-43				C-84		C-93			
12	II-7	Há pessoas que trabalham em alternativas melhores de destino dos animais.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121
13	II-8	O animal de circo leva uma vida de maus-tratos.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
14	II-9	Através de denúncias, os animais podem ser encaminhados a associações protetoras, onde podem envelhecer em paz, ainda com graves seqüelas: dentes cerrados, cegueira e membros atrofiados.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121
15	II-10	Os animais podem ter sorte ao morrer, pois saem dessa situação, mas também azar por não mais viverem.																

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
16	III-1	É crueldade manter os animais no circo.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
17	III-2	Há circos muito bons e prestigiados que não utilizam animais, como o Cirque Du Soleil.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39 - 40	C-48	C-63	C - 72							
18	III-3	A justiça não toma providências contra os circos com animais que quebram as leis.																
19	III-4	Os animais sofrem crueldade, apanham, passam fome, ficam em precárias gaiolas apertadas, inadequadas ao porte e hábito dos animais. Há muitos circos pequenos com animais em situações precárias.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
20	III-5	A destinação dos animais retirados do circo é uma incógnita, para que sejam adotados é preciso passar por um longo e demorado processo de legalização.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
21	III-6	Cuidar dos animais de circo não é fácil.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
22	III-7	O IBAMA é responsável pelos animais selvagens, encaminhando-os para ONG´s que cuidam de animais mas não solucionam o problema, apenas dão a esses animais uma vida melhor, devido à impossibilidade de devolvê-los à natureza.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
23	IV-1	O animal de circo é explorado pelo homem para sua diversão e entretenimento, sem preocupação com seu sofrimento.	C-1-4			C-23						C-75				C-102		
24	IV-2	Contra o animal no circo, ao seu sofrimento e estresse que passa viajando em confinamento fora de seu habitat.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
25	IV-3	As técnicas usadas para o adestramento envolvem choques, queimaduras e surras, que causam grande sofrimento.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
26	IV-4	A favor da proibição dos animais no circo devido às diversas privações sofridas por eles.				C-26 - 27			C-44 - 50	C-66		C-81						C-128
27	IV-5	O circo e os artistas ganhariam com a proibição dos animais devido ao aumento da oferta de empregos para ele, eliminando a visão de exploração associada à imagem do circo.				C-26 - 27			C-44 - 50	C-66		C-81						C-128
28	IV-6	O circo pode ser bom sem os animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39 - 40	C-48	C-63	C-72							
29	IV-7	A favor do encaminhamento do animal do circo para reservas onde terão uma situação mais confortável.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C-73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121
30	IV-8	O governo devera ser responsabilizado pelos custos de manutenção desses animais, criando uma reserva para eles.				C-30	C-36		C-52 - 53	C-69 - 70	C-73							C-124 - 125
31	V-1	Crueldade.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
32	V-2	Não acha engraçado animal no circo.																
33	V-3	Cita o Cirque du Soleil como exemplo de um bom circo que não usa animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39 - 40	C-48	C-63	C - 72							
34	V-4	O animal no circo é uma ignorância desnecessária.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
35	V-5	Devido à impossibilidade de reintrodução dos animais de circo, sugere que sejam tratados por ONG´s.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121
36	V-6	O governo deve fazer reservas para acolher esses animais e dar a eles uma vida digna.				C-30	C-36		C-52 - 53	C-69 - 70	C - 73							C-124 - 125
37	VI-1	Um absurdo.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
38	VI-2	Contra o animal no circo, devido à sua condição de cativeiro. Afirma que o animal tem direito a viver em liberdade no seu habitat, junto de sua família e companheiros.	C-2-3					C-38						C-89 - 90		C-103	C-114	

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
39	VI-3	O ser humano não tem direito de maltratar os animais, é muito capaz e criativo para criar espetáculos sem eles.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39-40	C-48	C-63	C-72							
40	VI-4	Cita o Cirque du Soleil como exemplo de um maravilhoso espetáculo sem animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39-40	C-48	C-63	C-72							
41	VI-5	Os animais devem ser encaminhados a santuários como o Rancho dos Gnomos, onde serão bem cuidados e terão uma vida digna.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
42	VI-6	É impossível reintegrar o animal à floresta.						C-42		C-67				C-92-93			C-116	C-122
43	VII-1	Uma questão injustificável.		C-8-11			C-34	C-37	C-43				C-84-85	C-91	C-97		C-106	C-119
44	VII-2	Tendo em vista que os animais devem viver em seu habitat natural, é contra a escravidão dos circos, pois a arte vem do artista.				C-26-27			C-44-50	C-66		C-81						C-128

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
45	VII-3	O cruel ser humano proporciona situações como circos, zoológicos e comércio de animais, culpadas por retirar os animais da liberdade de seus habitats originais.																
46	VII-4	Os ativistas não são contra o circo, apenas os que usam animais.							C-46 - 57	C-62			C-83					C-127
47	VII-5	Os animais sofrem crueldades, como chicotadas, furos, presas arrancadas, chapas quentes.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
48	VII-6	Cita Cirque du Soleil e Teatro Mágico como boas apresentaçõe s sem animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39 - 40	C-48	C-63	C - 72							
49	VII-7	O ser humano está a caminho da conscientizaç ão.																
50	VII-8	Segue uma visão abolicionista, afirma que, com os animais, o circo não é espetáculo.				C-26 - 27			C-44 - 50	C-66		C-81						C-128
51	VII-9	Afirma o problema que envolve a destinação desses animais.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29	C-35	C-41	C-52 - 51		C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
52	VII-10	É necessária uma união entre as ONG´s e o governo, em uma grande campanha de conscientização.				C-30	C-36		C-52 - 53	C-69 - 70	C - 73							C-124 - 125
53	VII-11	O governo é conivente com a exploração dos animais, em contraponto, deveria ser o responsável pelo retorno dos animais à seu habitat.				C-30	C-36		C-52 - 53	C-69 - 70	C - 73							C-124 - 125
54	VII-12	Os animais ficam traumatizados e com seqüelas pelo resto da vida.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
55	VII-13	O ser humano deve proporcionar aos animais uma vida tranqüila com dignidade, em paz.							C-55		C - 74							
56	VII-14	O homem tem muito o que aprender com os animais.																
57	VII-15	Os ativistas são as vozes que os animais não tem para se defender, e lutam pelo fim da crueldade, por sua liberdade.							C-46 - 57	C-62			C-83					C-127
58	VIII-1	A manutenção de uma cultura de escravidão.	C-5	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
59	VIII-2	Há uma insensibilidade incoerente e absurda no trato com esses animais.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
60	VIII-3	O animal explorado não tem memória da vida selvagem, mesmo quando retirado da selva, devido ao estresse e consequente neurose.																
61	VIII-4	O animal não tem como sair dessa situação se matando, como os humanos fariam.																
62	VIII-5	Os ativistas não são contra o circo, apenas os que tem animais.							C-46-57	C-62			C-83					C-127
63	VIII-6	O animal não é necessário para um bom espetáculo.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39-40	C-48	C-63	C-72							
64	VIII-7	O público pode ver os animais pela televisão, o circo não tem mais essa justificativa.																
65	VIII-8	O animal no circo deixou de ser um animal para ser um ser perturbado.		C-6						C-65		C-77					C-108-111	C-123
66	VIII-9	A favor de parar o animal de circo, para parar o comércio desses animais.				C-26-27			C-44-50	C-66		C-81						C-128

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
67	VIII-10	É impossível reintroduzir esses animais na natureza, no entanto os santuários podem cuidar dos animais mantendo-os em cativeiros mais apropriados pelo resto de suas vidas, embora bastante perturbados.						C-42		C-67				C-92-93			C-116	C-122
68	VIII-11	A destinação desses animais é um problema público.																
69	VIII-12	Após a aprovação da lei, o governo deve articular reservas e locais para abrigar esses animais, ou mesmo ONG´s.				C-30	C-36		C-52-53	C-69-70	C-73							C-124-125
70	VIII-13	O governo não ajuda os santuários, mas usa seu trabalho levando os animais apreendidos gratuitamente.				C-30	C-36		C-52-53	C-69-70	C-73							C-124-125
71	IX-1	Os animais não gostam de fazer os números, são tolhidos de suas potencialidades que desfrutariam em seu ambiente natural, o que já é uma violência, mesmo sendo bem tratados.		C-7							C-71						C-107-111	

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
72	IX-2	Cita que o Cirque du Soleil é um sucesso sem animais, e afirma que o artista deve consentir sua participação no circo, o que não acontece com animais.		C-9	C-17	C-28	C-33	C-39 - 40	C-48	C-63	C - 72							
73	IX-3	Devida impossibilidade de reintrodução desses animais na natureza, eles devem ficar em santuários, proporcionados pelo governo ou ONG´s.		C-12 - 14	C-20 - 21 - 22	C-29 - 30	C-35 - 36	C-41	C-51 - 52 - 53	C-69 - 70	C - 73			C-94 - 96	C-100	C-105		C-121 - 124 - 125
74	IX-4	O ser humano é culpado pela condição do animal no circo, e deve repará-la.							C-55		C - 74							
75	X-1	O animal no circo torna-se um instrumento de diversão.				C-23						C-75				C-102		
76	X-2	A tortura de animais é desnecessária.	C-30	C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129
77	X-3	A performance do animal de circo é anti-natural.		C-6						C-65		C-77					C-108 - 111	C-123
78	X-4	Os animais são torturados para executar os números.		C-10 - 13	C-16 - 19	C-24 - 25	C-31		C-47 - 54	C-58 - 59		C-76 - 78 - 79	C-82	C-95	C-98 - 99	C-101 - 104	C-109 - 110	C-120 - 129

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
79	X-5	Os animais são exóticos e é impossível sua reintrodução devido aos maus tratos que sofrem com garras e dentes arrancados.	C-52-53	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
80	X-6	A destinação desses animais é um problema devido à pouca quantidade de santuários no mundo.																
81	X-7	Com a proibição, irá acabar a reprodução desses animais, e os atuais serão a última geração.				C-26-27			C-44-50	C-66		C-81						C-128
82	XI-1	Crueldade.		C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
83	XI-2	Os ativistas reivindicam os direitos dos animais pois estes não podem fazê-lo.							C-46-57	C-62			C-83					C-127
84	XI-3	São indefesos, não há motivo para submetê-los.		C-11					C-43				C-84		C-93			
85	XI-4	A escravidão é injustificável, ninguém está acima de ninguém.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
86	XI-5	Os animais devem sair do circo para adoção por pessoas abastadas com bom coração.																
87	XI-6	O animal não é lixo.																
88	XI-7	Existem instituições que fraudam o dinheiro das doações, que devem ser fiscalizadas.	C-124 - 125															
89	XII-1	O animal é um ser vivo assim como as pessoas, e perde o direito de conviver com sua família em seu habitat, perdendo sua locomoção.	C-2-3					C-38						C-89 - 90		C-103	C-114	
90	XII-2	O animal entra em depressão assim como o ser humano.	C-2-3					C-38						C-89 - 90		C-103	C-114	
91	XII-3	O circo com animais deve acabar pois é um absurdo.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
92	XII-4	É impossível reintroduzir o animal com sucesso, logo deve-se evitar sua entrada no circo.						C-42		C-67				C-92 - 93			C-116	C-122
93	XII-5	A criação em cativeiro não deve existir, ele perde o instinto ao ser adestrado e não tem mais como sobreviver por si.						C-42		C-67				C-92 - 93			C-116	C-122

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
94	XII-6	Os animais devem ser readaptados em outros locais.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
95	XII-7	As ONG´s devem tirar os animais do circo pois são maltratados, acorrentados e ficam deprimidos.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
96	XII-8	Os animais devem ter um tratamento especial que possibilite sua reintrodução.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
97	XIII-1	O animal foi tirado de seu habitat para viver em condições inadequadas.		C-11					C-43				C-84		C-93			
98	XIII-2	Uma violência.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
99	XIII-3	Os animais não tem liberdade mesmo nos dias sem espetáculo são mantidos acorrentados, sofrem maus tratos, apanham com barras de ferro para obedecerem.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
100	XIII-4	Quando retirar o animal do circo, não levá-lo para um zoológico, mas em um habitat que reproduza a floresta.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
101	XIV-1	Crueldade.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
102	XIV-2	A presença do animal no circo é desnecessária, ele não é diversão.	C-1-4			C-23						C-75				C-102		
103	XIV-3	O animal é igual a uma pessoa e, como tal, não deve ser maltratado.	C-2-3					C-38						C-89-90		C-103	C-114	
104	XIV-4	Os animais são maltratados no circo.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
105	XIV-5	Ao saírem do circo os animais terão o cuidado que merecem, sem maus tratos.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
106	XV-1	Um absurdo.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
107	XV-2	Seres humanos ilogicamente dizem que os animais não sentem ou se emocionam como eles, mas os vestem e os fazem atuar como seres humanos.		C-7							C-71						C-107	
108	XV-3	O circo vai contra a natureza do animal.		C-6						C-65		C-77					C-108-111	C-123

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
109	XV-4	Os animais são sujeitos a maus tratos, falta de alimento e privados de amor e carinho.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
110	XV-5	Há caso de animal que perdeu um olho durante uma apresentação.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
111	XV-6	O animal passa a ser um nada, sem brilho.		C-6						C-65		C-77					C-108-111	C-123
112	XV-7	A readaptação desses animais é muito difícil, os profissionais que se dedicam à isso abdicam de suas vidas.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
113	XV-8	O publico não deve freqüentar circos com animais.															C-113-118	C-126
114	XV-9	Os animais sofrem, sentem dor, alegria, tristeza.	C-2-3					C-38						C-89-90		C-103	C-114	
115	XV-10	Uma pessoa que afirma que os animais não sentem dor é ignorante, sem conhecimento, sensibilidade e cultura, caso contrário, não faria essa afirmação.																

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
116	XV-11	A reabilitação é muito difícil.						C-42		C-67				C-92-93			C-116	C-122
117	XV-12	O santuário Rancho dos Gnomos trabalha no abrigo desses animais.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121
118	XV-13	Para que seja possível retirar o animal do circo, o público deve deixar de comparecer aos espetáculos.															C-113-118	C-126
119	XVI-1	Representa a ignorância humana.		C-8			C-34	C-37	C-43				C-85	C-91			C-106	C-119
120	XVI-2	Os animais são confinados, mutilados, privados de água, comida e tratamento veterinário, vivendo sobre seus dejetos, viajando sol e chuva em uma carreta precária, para entreter o homem.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129
121	XVI-3	Há animais que, com sorte, são resgatados e encaminhados para centros de reabilitação que mantém o animal equilibrado, como o Ranchos dos Gnomos.		C-12-14	C-20-21-22	C-29	C-35	C-41	C-52-51		C-73			C-94-96	C-100	C-105		C-121

Un.	Or.	Interp.	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI
122	XVI-4	Reverter os traumas sofridos é impossível, ele apenas sobrevive o máximo que pode.						C-42		C-67				C-92-93			C-116	C-122
123	XVI-5	A essência desses animais é perdida, assim como sua dignidade, estão nos santuários só para terminar o resto da vida.		C-6						C-65		C-77					C-108-111	C-123
124	XVI-6	Deve haver união entre os ativistas, os ambientalistas, as ONGs e o governo.				C-30	C-36		C-52-53	C-69-70	C-73							C-124-125
125	XVI-7	Sendo ou não do governo, é preciso dizer um não à violência.				C-30	C-36		C-52-53	C-69-70	C-73							C-124-125
126	XVI-8	Quem é contra a violência também é contra animais em circo.															C-113-118	C-126
127	XVI-9	Afirma que agora os animais dependem dos ativistas.							C-46-57	C-62			C-83					C-127
128	XVI-10	A favor da libertação da privação que o animal sofre no circo.				C-26-27			C-44-50	C-66		C-81						C-128
129	XVI-11	O animal fica confinado em uma jaula.	C-5	C-10-13	C-16-19	C-24-25	C-31		C-47-54	C-58-59		C-76-78-79	C-82	C-95	C-98-99	C-101-104	C-109-110	C-120-129

Construção dos Resultados

As leituras da Análise Nomotética revelam que o discurso dos ativistas é bem conciso em relação à seus ideais, o por que e pelo que estão lutando, e afirmo isso pela ausência de discordâncias entre as unidades de significados dos discursos.

Os argumentos mais freqüentes, relativos à interrogação do animal no circo, se referem aos maus tratos impostos à esses animais, e acredito que possa ser isso que motiva e incentiva os movimentos de abolicionismo animal. A crueldade agrega um ar de revolta e indignação nos discursos e conseqüentemente nas atitudes dos ativistas da causa animal. Quase tão freqüente quanto as indicações de maus tratos, aparecem as unidades de significados que afirmam que o animal no circo é um absurdo, um barbaridade, e são todos a favor da proibição da presença do animal no circo e seu conseqüente uso para entretenimento humano.

No que se refere à destinação desses animais, a grande maioria dos entrevistados acredita que devam ser encaminhados para ONG´s e reservas preparadas especialmente para recebê-los. Alguns deles, inclusive, conhecem e/ou trabalham para algumas dessas instituições. Com menos veemência, porém bastante representatividade revelam-se os que delegam a tarefa de realocação desses animais para o governo, com o freqüente argumento de que a máquina pública é a grande responsável pelas condições a que esses animais são submetidos. Mas, surpreendentemente, poucos citam (ou sequer sabem) que as condições do animais de circo no Brasil tornam sua reintrodução no meio impossível. Primeiro devido à esse animal ser exótico, aos maus tratos e sofrimentos conseqüentes do treinamento e suas respectivas seqüelas, e depois e mais importante, a maioria dos habitats originais desses animais já foram devastados, assim, não há natureza suficiente para onde esse animal poderia ser devolvido. E há ainda alguns discursos que defendem a reintrodução do animal no meio, demonstrando um discurso transformação na mentalidade das pessoas para a

necessidade de proteção ambiental montado, o que explicaria também tamanha concordância.

Os discursos, por basearem-se apenas no senso comum, apresentam claramente a falta de conhecimento dos ativistas sobre a história do circo e a tradicionalidade das famílias circenses, bem como no desconhecimento de bons trabalhos circenses brasileiros que não usam animais em seus espetáculos. Os exemplos concentram-se nos e restringiram ao Cirque du Soleil, uma indústria de espetáculos canadense e atualmente o circo mais famoso e popular do globo. Com ressalva de uma exceção, de um indivíduo que citou o grupo Teatro-Mágico, que apesar de brasileiro, não é um circo, mas uma banda que veste a roupagem circense. E ainda assim boa parte dos ativistas assumem que não são contra os circos, mas são contra a apresentação do animal para entretenimento e diversão humanas, mediante tortura, pois não admitem em momento algum a possibilidade do animal não ser torturado para o sucesso da doma e da apresentação do número. Apesar de, como visto anteriormente na Pré-Reflexão, as pessoas que trabalham na doma desses animais afirmarem veementemente que as técnicas utilizadas não utilizam maus tratos, e sim um sistema de carinho, agrados e recompensa.

Mas, independente do método utilizado, o animal que está no picadeiro não está por vocação artística, ou por querer seguir carreira no “show business”, como foi citado em vários discursos, o animal está sendo obrigado a atuar contra a sua vontade, deixa de ser um animal selvagem, perde seus instintos e torna-se um ser estranho, sem brilho ou vitalidade. Os ativistas concordam que é errado manter o animal no circo, que sua subjugação não é engraçada e que o público não deveria prestigiar esse tipo de espetáculo, boicotando suas apresentações. Mas em apenas dois discursos aparece o conceito que, parece ser o mais interessante de todos eles: a culpa e responsabilidade do homem. Os indivíduos afirmam que o ser humano, por ser o causador dessa situação, (caçar, aprisionar, torturar os animais para sua diversão) deve recompensar os animais, consertando as atrocidades que outros representantes da espécie fizeram, dando à esses animais, no mínimo uma aposentadoria digna, cuidados veterinários para curar-lhes as dores e psicológicos para tratar-lhes os traumas.

Mesmo as unidades de significados que não apresentaram concordâncias claras e diretas na Nomotética, estão concordando entre si e entre todas, devido à semelhança de propósito e, conseqüentemente, de discursos entre os entrevistados. E isso ocorre principalmente por conta do local e forma com que os discursos foram colhidos: em uma passeata dos ativistas pelo direito dos animais e a aprovação do PL 7291/2006, o que influenciou sobremaneira a tamanha concordância entre os discursos dos entrevistados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELO, F. H. B. Corpo e Subjetividade: um estudo sobre o processo de criação na Escola Nacional de Circo/FUNARTE. Dissertação (Mestrado em Educação). Julho, 2009. (p.13)

BERZINS, M. A. V. S. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. 2000. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), PUC-SP, São Paulo (SP), 2000.

BRASIL. Complementação de voto ao projeto de Lei n° 7.291, de 2006 e apensos. Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. CPL n°7291/06, Brasília, v.1, p. 8. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Constituição da república dos estados unidos do brasil de 24 de fevereiro de 1891. Institui a Constituição Da República Dos Estados. Brasília, v.1. p. 21, 1891. Disponível em: < www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil (De 16 De Julho de 1934. Institui a Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil. Constituição da República, Rio de Janeiro, v.1, p.48. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Constituição dos Estados Unidos Do Brasil de 10 de novembro de 1937. Institui a Constituição da República do Brasil. Rio de Janeiro, v.1. p. 30. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Constituição dos Estados Unidos Do Brasil de 10 de novembro de 1946. Institui a Constituição da República do Brasil. Constituição da República, Rio de Janeiro, v.1. p. 30. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Constituição dos Estados Unidos Do Brasil de 10 de novembro de 1967. Institui a Constituição da República do Brasil. Constituição da República, Rio

de Janeiro, v.1. p. 30. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Constituição dos Estados Unidos Do Brasil de 10 de novembro de 1988. Institui a Constituição da República do Brasil. Constituição da República, Rio de Janeiro, v.1. p. 30. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Decreta a lei das contravenções penais. Lei das Contravenções Penais, Brasília, v. 1, p. 13. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal. Lei n° 4.771, Brasília, v.1. p. 15, 1965 . Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei n° 5.197, de 3 de janeiro de 1967. Disp õe sobre a proteção à fauna e dá outras providências. Lei de Proteção à Fauna, Brasília, v.1, p.6. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Lei n° 6.533/7 8, Brasília, v.1. p. 7. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei n° /6.638, de 8 de maio de 1979. Estabe lece normas para a prática didático-científica da vivissecção de animais e determina outras providências. Lei n° 6.638/79, Brasília, v.1, p. 2.

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Lei n° 6.938/81, Brasília, v.1. p. 23. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei nº 7.173, de 14 de dezembro de 1983. Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos e dá outras providencias. Lei n° 7.173/83, Brasília, v.1. p.2. Disponível em: < www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei n° 7.347, de 24 de julho de 1985. Disci plina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio-ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico e dá outras providências. Lei n° 7.347/85, Brasília, v.1, p. 5. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei N.º 7.705, de 19 de fevereiro de 1992. Estabelece normas para abate de animais destinados ao consumo e dá providências correlatas. Lei n°, Brasília, v.1. p. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988. Dispõe sobre a proibição da pesca de espécies em períodos de reprodução e dá outras providências. Lei n° 7.679/88, Brasília, v.1, p. 2. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Lei nº 8.974, de 5 de janeiro de 1995. Regulamenta os incisos II e V do § 1º do art. 225 da Constituição Federal, estabelece normas para o uso das técnicas de engenharia genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados, autoriza o Poder Executivo a criar, no âmbito da Presidência da República, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, e dá outras providências. Lei n° 7.705/92, Brasília, v.1 . p. 10. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei n° 9605 de 12 de fevereiro de 1998. Dis põe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Lei Dos Crimes Ambientais, Brasília, v. 1, p.15. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Lei n° 9.795/99, Brasília, v. 1, p. 5 . Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Projeto de Lei n° 7.291, de 2006 (projeto d e lei nº 2.875, de 2000, e apensos). Dispõe sobre o registro dos circos perante o poder público federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. PL

n° 7.291/06, Brasília, v.1. p. 20. Disponível em: www.camara.gov.br Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL.Projeto de Lei N° 7.291, DE 2006 (projeto de lei nº 2.875, de 2000, e apensos). Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. EMR 1, 2 e 3, Brasília, v.1, v. 2 e v.3. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Projeto de lei nº 7.291, de 2006 iii - parecer da comissão. Brasília, v.1, p. 1. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Projeto de lei nº 7.291, de 2006 iiii - parecer da comissão. Brasília, v.1, p. 1. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Relatório do projeto de lei nº 7.291, de 2006 (e apensos). Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. RPL n° 7291, Brasília, v.1, p. 10. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Relatório do projeto de lei nº 7.291, de 2006 (e apensos). Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. RPL n° 7291, Brasília, v.2, p. 10. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Requerimento de urgência. Requer apreciação do Projeto de Lei nº 7.291, de 2006, que “dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. REQL 7.291/06, p. 1. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Requerimento. Requer a revisão do despacho do Projeto de Lei nº 7.291, de 2006, para incluir a Comissão de Defesa do Consumidor. REQL 7.291/06, p. 2. Disponível em: < www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Requerimento 5129 de 2006. Solicita a mudança do despacho de indeferimento exarado no REQL 5129/06, p. 2. Disponível em: <www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Voto em separado para o Projeto de Lei n° 7 291 de 2006. Dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. VESPL n° 7291, Brasília v.1, p.7. Disponível em: <www.camara.gov.br>. Acessado em 15/10. 2010.

BOLOGNESI, M. F. Palhaços. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CHAUÍ, M. Natureza, cultura, patrimônio ambiental. In: DUARTE, Ana Lúcia (coord.). Meio ambiente: patrimônio cultural da USP. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Comissão de Patrimônio Cultural, 2003.

DEGASPERI, T. H. Pesquisa do fenômeno situado na compreensão dos educadores ambientais sobre o que é ecologia da mente*. 2004.* 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ecologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Rio Claro (SP), 2004.

DUICO. Animais em circo, uma questão cada vez mais polêmica. Revista Palco Aberto. São Paulo, Nov/Dez. 2005. P.12 – 15.

GONÇALVES, J. C. Homem-Natureza: Uma Relação Conflitante Ao Longo Da História. Revista Multidisciplinar Da UNIESP, Presidente Prudente, n.06, p.171 - 177. Dez. 2008.

IBAMA. Portaria IBAMA Nº 37-N, de 3 de abril de 1992. Reconhece como Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção a relação que se apresenta. Ibama. V.1.p.6, 1992.

IBAMA. Portaria nº 108, de 6 de outubro de 1.994. P. n° 108/94, Brasília, v.1. p.6. 1994. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

IBAMA. Portaria nº 1.522, de 19 de dezembro de 1.989. Reconhece a Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. P. N° 1.522/89, Brasília, v.1, p. 9. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

LEFF, E. A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos,1989.

MONTEIRO, A. Terapia Assistida Por Animais. Disponível em: <http://www.centronati.com/terapia-assistida-por-animais>. Rio de Janeiro. Acesso em: 10/10. 2007.

ODUM, E. P. BARRETT, G. W. Fundamentos de Ecologia. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

PASCAL. O Homem Perante a Natureza, por Blaise Pascal. Extraído do volume “Pensadores Franceses” da coleção Clássicos Jackson, volume XII. Tradução de J. Brito Broca e Wilson Lousada.Trecho da parte dois do livro póstumo “Pensamentos”.

QUARANTA-GONÇALVES, M. L. Pequeno histórico da relação homem-natureza: da physis à teoria de Gaia, o empobrecimento da noção de ser humano. In.: Filosofia, ciência e vida. São Paulo. n. 13, Abr. 2007.

REALE, G.; ANTISERI, D. História da filosofia: Antigüidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

SÃO PAULO. SP. Decreto estadual Nº 42.838, de 04 de fevereiro de 1998. Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção e as Provavelmente Ameaçadas de Extinção no Estado de São Paulo e dá providências correlatas. Decreto estadual nº 42.838, São Paulo, v.1. p. 3, 1998. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

STEVANOVICH, Stevan. Carta Enviada ao Deputado Álvaro Dias. União Brasileira de Circos Itinerantes, (UBCI), 2006.

THE HUMANE SOCIETY OF THE UNITED STATES. Circus Incidents - Attacks, Abuse and Property Damage. Apresenta informações especializadas em proteção animal. Rio de Janeiro, revisão de Junho de 2004. Disponível em: <www.pea.org.br>. Acesso em: 16/06. 2004.

DARWIN, C. A expressão das emoções no homem e nos animais. 2. ed. Lisboa. Editora Relógio D´água, 2006. Livro, 347p.

BÍBLIA, São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1990. 1631p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAPRA, F. Alfabetização Ecológica. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F. As conexões ocultas, ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

LIMA, L. A. N. (Org.) Formação de Educadores: Pesquisas e Estudos Qualitativos. São Paulo, SP. Olho Dágua, 1999.

BRASIL. LEI Nº 10.406, 10 DE JANEIRO DE 2002. Institui o Código Civil. Lei de Introdução ao Código Civil Brasileiro, Brasília, v.1, p.211, 2002. Disponível em: <www.planalto.gov.br> . Acessado em 15/09. 2010.

UNESCO. Declaração Universal Dos Direitos Dos Animais em 27 De Janeiro de 1978. Proclama os direitos dos animais. Declaração dos Direitos dos animais, Bruxelas, v.1. p.2. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. DECRETO Nº 24.645, de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais. Decreto n° 24.645, Rio de Janeiro, v.1. p.3. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto n° 761, de 19 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre a criação, por transformação, de cargos em comissão e funções de confiança, aprova a Estrutura Regimental do Ministério da Justiça e dá outras providências. Decreto n°

761, Brasília, v.1 p.11. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto n° 11, de 18 de janeiro de 1991. Aprova a Estrutura Regimental do Ministério da Justiça e dá outras providências. Decreto 11/91, Brasília, v.1. p. 7. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto n° 82.385, de 5 de outubro de 1978. Regulamenta a Lei n° 6.533, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre as profissões de artistas e do técnico em Espetáculos de Diversões e dá outras providências. Decreto n° 82.285, Brasília, v.1, p.1. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.894, de 20 de Outubro de 1943. Aprova e abaixa o código de caça. Decreto-Lei n° 5.894, Brasília. p 12. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967**.** Dispõe sôbre a proteção e estímulos à pesca e dá outras providências. Decreto-Lei n° 221, Brasília, v.1, p. 13. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.

BRASIL. Decreto nº 3.179, de 21 de setembro de 1999. Dispõe sobre a especificação das sanções aplicáveis às condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Decreto n° 3.17 9, Brasília, v.1. p. 8. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acessado em 15/10. 2010.